



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Raquel Cardoso Oscar

**Troca de cuidados: estudo sobre as negociações dos casais  
adeptos do swing acerca da prevenção de DSTs/Aids**

Rio de Janeiro

2015

Raquel Cardoso Oscar

**Troca de cuidados: estudo sobre as negociações dos casais  
adeptos do swing acerca da prevenção de DSTs/Aids**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-  
Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração:  
Ciências Humanas e Saúde.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Luiza de Amorim Heilborn

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

O81 Oscar, Raquel Cardoso.  
Troca de cuidados: estudo sobre as negociações dos casais adeptos do swing acerca da prevenção de DSTs/ A ids/ Raquel Cardoso Oscar. – 2015.  
103 f.

Orientadora: Maria Luiza Amorim Helborn.  
Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Sexualidade - Teses. 2. Doenças sexualmente transmissíveis – Prevenção - Teses. 3. Comportamento sexual – Teses. I. Helborn, Maria Luiza Amorim. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 614.4:616.97-058.833

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Raquel Cardoso Oscar

**Troca de cuidados: estudo sobre as negociações dos casais  
adeptos do swing acerca da prevenção de DSTs/Aids**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-  
Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração:  
Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2015

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Luiza de Amorim Heilborn  
Instituto de Medicina Social – Uerj

Banca Examinadora: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Horácio Federico Sívori  
Instituto de Medicina Social – Uerj

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Elvira Diaz-Benítez  
Museu Nacional – UFRJ

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Waleska de Araújo Aureliano  
Instituto de Ciências Sociais – Uerj

Rio de Janeiro

2015

*Ao Felipe, amor da minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

A Maria Luiza Heilborn, minha orientadora, pela paciência, comentários e encontros inspiradores ao longo desses dois anos. Aprendi muito com seu olhar atencioso e provocador e com seu exigente trabalho. Muito obrigada.

Aos membros do Instituto de Medicina Social, por me receberem tão bem. Graças a vocês, pude descobrir, na Saúde Coletiva, um campo instigante de saber que me despertou novos olhares e renovou meu interesse na academia. Muito obrigada às professoras e aos professores que conheci na instituição e às funcionárias da secretaria.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida no primeiro ano do mestrado, e à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) pela concessão da “Bolsa Nota 10” no ano seguinte. Sem o aporte financeiro destas duas instituições não teria conseguido me dedicar integralmente ao ofício de pesquisadora.

Aos professores que compoem a banca de mestrado, Horário Sívori (IMS/Uerj), Maria Elvira Diaz-Benítez (Museu Nacional/UFRJ) e Waleska Aureliano (Uerj) por terem acolhido prontamente o convite. Às professoras suplentes, Rafaela Zorzanelli (IMS/Uerj), Rachel Aisengard (Iesc/UFRJ) e Bila Sorj (Ifcs/UFRJ) e à ledora, Jane Russo (IMS/Uerj), por também terem aceitado participar deste momento.

Aos meus familiares, pelo carinho e pelas variadas formas de apoio. Em especial, agradeço aos meus pais, Célia e Roberto, o enorme amor que sempre me dedicaram, incondicionalmente, e ao Pedro, este rapazinho lindo e esperto que só nos traz alegrias.

Às minhas queridas tias: Sonia, pela revisão do texto, pelo suporte afetivo e constantes incentivos; Tereza, por deixar as portas de seu refúgio paradisíaco em Teresópolis sempre abertas para me receber; e Marlene, pelas gargalhadas e aprendizados. Serei eternamente grata ao auxílio luxuoso que vocês me proporcionaram durante todo o processo de elaboração deste trabalho.

Agradeço à minha querida avó Linda, uma das pessoas mais incríveis do mundo, pelos abraços apertados e pela preocupação com o meu bem-estar.

Ao meu companheiro Felipe, a quem dedico a dissertação, por estar presente em todos os momentos da minha trajetória acadêmica. Seu apoio foi, sem sombra de dúvida, fundamental para que eu pudesse realizar este trabalho. Sem ele eu não teria conseguido. Muito obrigada por tudo.

Às minhas amigas, Polly e Bel, por não desistirem de mim, mesmo quando recusei convites irrecusáveis por conta dos dias e madrugadas dedicados à pesquisa e à escrita. Amizade como a nossa não se esgota com o tempo e a distância momentânea. Pelo contrário, meu carinho e admiração por elas só aumentam.

Aos meus amigos e amigas do Ifcs, com quem tive o enorme prazer de conviver durante a graduação e de compartilhar as experiências do mestrado. Eles são demais! Aos professores de lá, com quem tive o prazer de aprender sobre o que é ser uma cientista social, muito obrigada. Em especial, agradeço a Helga, minha “orientadora da vida”, por tudo que me ensinou, desde o primeiro dia de aula.

Agradeço aos meus grandes amores ifcsianos que se tornaram muito mais do que apenas colegas de turma: aos vizinhos queridos, Thiago e Renata, devo um especial “muito obrigada!” pelos ouvidos sempre disponíveis, pelas conversas de madrugada no Skype, pela revisão do texto, pelos almoços oferecidos, pela inspiração... Nós conseguimos. Às mulheres guerreiras, amigas de coração e de alma, Carol, Stéphanie, Talita, Naná e Bia. Obrigada pela força, pela ajuda nos momentos mais delicados e, principalmente, pelas crises de riso. Ao Rugre, Marcos Gláuber, Bernardo, Alex e Leandro, por abrilhantarem, cada um à sua maneira, todos os nossos encontros. Aos “agregados” que não têm diploma nas Ciências Sociais mas fazem parte desta mesma turma, Bruno, Felipe e Matheus, obrigada por tornarem essa experiência mais leve.

Aos amigos que fiz durante esses dois anos de pós-graduação, Carlos André, Isabela, Pedro Henrique, Ana Luiza, Mariah, Bruno, Olívia, Lígia, Denise, Leandro e Vinícius agradeço pela troca de experiências, pelos desabafos e pelo crescimento proporcionado. Nos encontramos em breve.

Agradeço a colaboração das pessoas com quem conversei em campo. A disponibilidade para falar sobre questões tão íntimas foi essencial para a realização desta pesquisa. Em especial, sou grata ao Casal Pimenta, pela simpatia e receptividade.

Finalmente, gostaria de agradecer a todas aquelas pessoas que não foram contempladas nesta pequena lista, mas que estiveram presentes ao longo da minha jornada acadêmica, compartilhando alguns momentos bons e outros ruins. De inúmeras maneiras, elas contribuíram para que eu alcançasse meu objetivo. Muito obrigada.

## RESUMO

OSCAR, R. C. *Troca de cuidados: estudo sobre as negociações dos casais adeptos do swing acerca da prevenção de DSTs/Aids*. 2015. 103f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

A presente pesquisa tem como principal objetivo investigar as características do casal heterossexual moderno praticante de swing. Em especial, busca-se compreender quais fatores influenciam as negociações dos adeptos acerca da prevenção de DSTs/Aids. O swing, também conhecido como troca de casais, é considerado uma das experiências possíveis de não exclusividade sexual dentro da relação conjugal, o que significa dizer que os parceiros que o praticam, em comum acordo, permitem a ocorrência de intercursos sexuais envolvendo terceiros e preferencialmente em ambientes compartilhados. O estabelecimento do swing enquanto estilo de vida é a principal premissa dos praticantes. A partir das observações etnográficas de festas swingers realizadas em uma boate na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, da análise dos discursos de casais informantes e do levantamento das pesquisas sobre swing realizadas no Brasil, Europa e Estados Unidos, foi possível refletir a respeito das particularidades socioculturais deste grupo, bem como apreender o conjunto de valores que o orientam. As trajetórias dos sujeitos, desde o descobrimento do swing até o envolvimento real com o universo em questão, também são abordados neste trabalho. Finalmente, procura-se descrever e analisar os principais aspectos em torno das condutas sexuais dos swingers – e a relação destas com o uso ou desuso de estratégias preventivas – a fim de suscitar reflexões contributivas às discussões sobre prevenção de DSTs/Aids entre swingers.

Palavras-chave: Swing. Troca de casais. Conjugalidade. Prevenção de DSTs/Aids. Roreitos Sexuais. Negociação.



## ABSTRACT

OSCAR, R. C. *Exchange of care: a study on the negotiations of the swinger couples regarding the prevention of STDs/Aids*. 2015. 103f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This research aims to investigate the characteristics of the modern heterosexual swinger couple. In particular, it seeks to explain which factors influence the negotiations of the couples regarding the prevention of STDs/Aids. Swinging, also known as comarital sex, is considered one of the possible non-exclusive sexual experiences in the marital relationship. In the practice of swinging, the partners allow, by mutual agreement, sexual intercourse involving third parties, preferably in shared rooms. The establishment of swinging as a lifestyle is the main premise of its practitioners. On the basis of ethnographic observations on swingers' parties held in a club located in the West of the city of Rio de Janeiro, and by means of the analysis of couples' speeches and of researches on swinging conducted in Brazil, Europe and the United States, it was possible to outline considerations concerning this group's sociocultural peculiarities, as well as to apprehend the set of values that guide swingers. The trajectories of the subjects, since they have come upon swinging until their real engagement with this universe, are also discussed in this essay. Finally, it intends to comprehend the main aspects in the matter of the swingers' sexual conducts – and their relations with the use or not of preventive strategies – in order to raise reflections that may contribute to the debate on prevention of STDs/Aids among swingers.

Keywords: Swinging. Comarital sex. Conjugality. Prevention of STDs/Aids. Sexual Scripts. Negotiation

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1	<b>OS CENÁRIOS DO SWING</b> .....	14
1.1	<b>O contexto do swing na cidade do Rio de Janeiro</b> .....	15
1.2	<b>O Casal Pimenta</b> .....	19
1.3	<b>A boate</b> .....	21
1.4	<b>As festas</b> .....	25
2	<b>OS ATORES DO SWING</b> .....	37
2.1	<b>Quem são os swingers?</b> .....	38
2.2	<b>A iniciação à prática do swing</b> .....	47
2.3	<b>Internet: um meio de aproximação</b> .....	55
2.4	<b>Trajatórias e desdobramentos da prática swinger</b> .....	62
3	<b>A QUESTÃO DA PREVENÇÃO NO SWING: CUIDADOS E DESLIZES</b> .....	69
3.1	<b>Breve histórico</b> .....	70
3.2	<b>Entre discursos e práticas</b> .....	74
3.3	<b>Antes e depois da Aids</b> .....	86
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	90
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	97
	<b>ANEXO – Planta baixa da boate pesquisada</b> .....	103

## INTRODUÇÃO

O swing, também conhecido como troca de casais, é uma prática sexual na qual pares conjugais admitem a ocorrência de intercursos sexuais com outros casais, preferencialmente em ambiente compartilhado. Tal experiência é vivenciada por homens e mulheres heterossexuais que estabelecem acordos afetivo-sexuais anteriores à entrada neste universo e como parte do exercício da sexualidade conjugal.

Por se tratar de uma prática experimentada pelo par, toma-se a premissa de que ambos, homem e mulher, devem desejar o encontro e expor suas intenções e *fantasias* em um contexto “estável”. ‘Fantasia’ é uma categoria nativa, enunciada sobretudo pelos divulgadores da prática (empresários do ramo e/ou *promoters* de eventos) e que aparece como palavra de ordem no mundo do swing. Através do uso do termo procura-se justificar, legitimar e estimular a escolha pela experiência da troca de casais, o que faz do swing uma atividade que tenciona os limites do exercício convencional da sexualidade do casal heterossexual (GREGORI, 2010).

O swing é considerado uma conduta de não exclusividade sexual proposta dentro da conjugalidade moderna. Os adeptos constroem um vínculo baseado na combinação entre a monogamia afetiva dos cônjuges – não se admite envolvimento emocional com outras pessoas – e a não monogamia sexual. Neste sentido, tem-se clara a ideia de que os parceiros devem manifestar a disposição de envolver-se sexualmente com outros casais, sem por eles se enamorar. Logo, tornam-se fundamentais os acordos estabelecidos entre os pares do casal que preveem a separação entre as esferas do emocional e do sexual: parte central das negociações prévias de um casal que escolhe iniciar-se no swing é a distinção entre a relação amorosa e íntima e a relação sexual, casual. Esta é a diferenciação que caracteriza-se como um dos preceitos acionados pelos swingers na proposta de (re)arranjo conjugal.

Em geral, a prática do swing está relacionada ao contexto urbano e não há precisão quanto à sua origem. As atividades mais comuns na troca de casais são: o *fullswap* (troca de parceiros em um intercurso sexual com penetração); o *swing light* (troca de carícias entre os envolvidos – qualquer contato físico com exceção da penetração); o *soft swing* (os casais relacionam-se sexualmente com seus parceiros, em um ambiente compartilhado por outros casais, mas não há troca); o voyeurismo (praticado por aquele que tem prazer em observar outros indivíduos fazendo sexo, incluindo o cônjuge); o exibicionismo (desejo de mostrar-se enquanto se relaciona sexualmente); e o fetichismo (atração sexual por objetos, partes do

corpo e/ou ações dos indivíduos). Em um encontro entre casais swingers haverá uma variação entre uma ou mais dessas práticas, dependendo do acordado entre os participantes e do local onde se encontram. Parte desta negociação consiste no uso, ou não, da camisinha masculina pelos homens envolvidos.

Assim, como será debatido adiante, é possível compreender o swing enquanto uma prática sexual na qual os atores envolvidos buscam encontros orientados pelo prazer, ajustados em parceria e exigindo regras previamente acordadas entre as partes. As normas pelas quais a conduta sexual dos swingers é conduzida dizem respeito aos sentidos que a prática assume para esses casais, e elucidam algumas das representações reproduzidas pelos atores. As contradições e ambiguidades da prática também serão elencadas ao longo do texto.

Em especial, esta dissertação procura tecer reflexões a respeito das características do comportamento de casais swingers, bem como elaborar considerações sobre quais elementos influenciam o comportamento dos praticantes em relação à prevenção de DSTs/Aids.<sup>1</sup>

O objetivo do primeiro capítulo, “Cenários do swing”, é suscitar discussões acerca da influência que os espaços urbanos ocupados pelas casas noturnas destinadas a receber eventos de swing têm na variação dos públicos-alvo de cada boate. Em seguida, apresento os informantes da pesquisa e as descrições dos estabelecimentos visitados durante a pesquisa etnográfica. Apresento também, um relato detalhado sobre os acontecimentos que ocorreram nas noites visitadas durante os quatro meses de trabalho de campo, apontando quais os códigos swingers observados e quais regras orientam os casais que circulam e interagem pelos locais da boate.

A escolha do espaço para observação deu-se a partir de um imprevisto. O planejamento oficial da pesquisa contava com outro estabelecimento para a incursão etnográfica. A opção por tal casa foi feita a partir de uma experiência pessoal anterior. Em 2010, ainda na graduação, o swing foi tema de um trabalho de conclusão de disciplina. A

---

<sup>1</sup> O interesse pela temática do swing data de minha graduação, em 2010. No mestrado, intensifiquei as buscas por artigos, dissertações e teses, usando principalmente a internet, através do Google Acadêmico, do Scielo, e dos sites dos principais núcleos de estudo sobre sexualidade do país. Em 2013, procurei no Banco dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) a partir de *swing*, *swinger* ou *troca de casais*, mas não foi possível localizar qualquer material. Fiz investigações por palavras-chave nos bancos de dados em Ciências Humanas, Sociais e da Saúde e consegui coletar artigos na rede Scirus, na rede Bireme (Biblioteca Virtual em Saúde), no site do Clam (Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos), entre outros. No portal eletrônico do periódico *Archives of Sexual Behavior*, o termo ‘swing’ foi encontrado em 80 artigos, dos quais 46 na área de Psicologia, 24 em Ciências Sociais, cinco em Medicina e cinco em Saúde Pública. Após a verificação dos títulos e resumos das publicações, conclui-se que apenas sete tratam da prática do swing, os demais apenas tangenciam o tema. Quanto às pesquisas sobre prevenção e swing, foi possível localizar cinco artigos contemplando tal temática, porém, somente um discutia as práticas swingers de prevenção propriamente ditas.

metodologia eleita pelo grupo de estudantes do qual eu fazia parte, previa, além do debate teórico acerca das características particulares da prática sexual, a exploração de uma boate onde eventos swingers ocorriam. O contato com a casa noturna despertou definitivamente meu interesse pela temática.

Quando entrei no mestrado, iniciei, então, um pré reconhecimento do ambiente, a fim de coletar algumas informações que poderiam auxiliar a elaboração do projeto de pesquisa. Infelizmente, uma exigência do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Social (CEP/IMS), atrasou a aprovação do meu projeto. À época da submissão, foi exigido um Termo de Anuência assinado pelo responsável do estabelecimento como condição para a liberação das idas a campo e das entrevistas. Iniciou-se a partir de então, uma comunicação difícil com o empresário, e depois de algumas semanas sem resposta definitiva, surgiram discordâncias insuperáveis acerca do conteúdo do Termo: pela proposta do responsável pela boate, eu teria que submeter o conteúdo do meu trabalho final a seu crivo crítico, o que, a meu ver e de minha orientadora, não fazia sentido. Diante do impasse gerado pelo Termo, minha pesquisa foi inviabilizada naquele local e meses de anotações tornaram-se imprestáveis.

A proximidade com o Casal Pimenta, informantes principais deste trabalho, aconteceu de última hora, restando-me poucos meses para a elaboração de uma descrição etnográfica densa. A receptibilidade de Bernardo e Bianca<sup>2</sup> agilizou o processo de aproximação e logo pude começar as observações das festas promovidas por eles – a essa altura, deslocar-me até o outro lado da cidade não seria de todo mal. A disponibilidade do Casal em ceder uma entrevista também colaborou de maneira decisiva para a elaboração deste trabalho.

Da parte do Comitê de Ética, foi aceito, como alternativa, a autorização verbal concedida por Bernardo e Bianca para a circulação na boate durante os eventos. Com o projeto aprovado e liberado, pude, enfim, iniciar as idas a campo.

No capítulo seguinte, “Os atores do swing”, são expostas as principais características dos adeptos da prática. Ainda que os swingers constituam um grupo heterogêneo de indivíduos, foi possível elencar alguns dos aspectos centrais por meio dos quais os casais se definem enquanto adeptos. Pontos de destaque, como o momento de iniciação à prática, a influência da internet para a contínua renovação dos frequentadores dos eventos swingers e os percursos possíveis da trajetória dos casais praticantes estão presentes nessa parte do trabalho.

No terceiro e último capítulo, “A questão da prevenção no swing: cuidados e deslizes”, elaboro as reflexões centrais da dissertação. Após apresentar um breve histórico da

---

<sup>2</sup> Os nomes atribuídos aos integrantes do Casal Pimenta são fictícios e foram trocados a fim de resguardar a identidades particulares dos informantes.

literatura levantada sobre o tema swing e prevenção, parto para as considerações referentes aos comportamentos preventivos – e não preventivos – dos adeptos em situação de troca de casais. A indagação acerca das negociações dos swingers é tratada com base na ponderação de resultados das pesquisas consultadas e na colaboração dos informantes em conversas no campo e entrevista gravada.<sup>3</sup>

Como pano de fundo a inspirar as reflexões expostas no presente trabalho, figuram algumas das discussões elaboradas pelos principais pensadores da sexualidade. A abordagem foucaultiana do sexo como lugar da inteligibilidade do indivíduo ilumina o porquê de o tema da identidade sexual adquirir tanta relevância na composição da identidade social do sujeito na modernidade. Como Foucault assinala, o que ocorre é uma espécie de ‘perversão’, e aquilo que era periférico torna-se central;

Nesse sistema centrado na aliança legítima, a explosão discursiva dos séculos XVIII e XIX provocou duas modificações: em primeiro lugar, um movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual. O campo das práticas e dos prazeres continua a apontá-la como sua regra interna. Mas fala-se cada vez menos disso... não se lhe exige formular-se a cada instante. *O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior descrição, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, mas mais silenciosa.* [...] Se a sexualidade regular [for interrogada], o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento de refluxo. (FOUCAULT, p. 39, 2010) (grifo nosso)

De modo complementar, as análises do autor acerca das relações entre poder e corpo também permeiam algumas das assertivas propostas adiante. Foucault afirma que o investimento meticuloso sobre a condição física dos indivíduos produziu um efeito inverso: a reivindicação, por parte desses sujeitos, de seu próprio corpo frente ao controle, manifesto “na saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento e do pudor” (FOUCAULT, p. 81, 1996).

Paralelamente, a compreensão de que o exercício da sexualidade não é resultado de um regime natural do corpo – mas sim realizado a partir da apreensão dos códigos culturais

---

<sup>3</sup> A entrevista, gravada e transcrita, foi concedida pelo Casal Pimenta em 14 de outubro de 2014, sendo todos os diálogos a eles atribuídos e aqui reproduzidos retirados desta ocasião. Nos parágrafos precedentes a cada citação, indico quem fala e sobre qual assunto se refere. O outro par de informantes, Alexandre e Eloísa (o Casal Aleísa), me abordou em campo, na primeira noite de visita da boate. Não pude gravar uma entrevista semiestruturada, pois a conversa se deu dentro da casa noturna, durante a festa. Entretanto, em meu caderno de campo, tenho anotados os principais assuntos abordados, e as considerações acerca das falas deles também são identificadas previamente no corpo do texto. “Alexandre” e “Eloísa” são nomes fictícios.

que a determinam enquanto tal – orienta as reflexões acerca dos *roteiros sexuais* (GAGNON e SIMON, 1984) apresentados a seguir. Não estabeleço, porém, uma discussão aprofundada sobre a construção social dos desejos e prazeres sexuais e ao longo dos capítulos, abordo tais representações enquanto categorias apreendidas em campo. As reflexões sobre corpo também passam ao largo do texto, embora todas essas categorias sejam compreendidas como fruto de processos sociais, produzidas e representadas pelos sujeitos por meio dos enredos que os circunscrevem.

## 1 OS CENÁRIOS DO SWING

Os ambientes nos quais pode ocorrer um encontro entre swingers são variados: desde uma experiência espontânea entre amigos/conhecidos até cruzeiros marítimos especializados, passando por temporadas em sítios ou clubes campestres, reuniões arranjadas pela internet por meio de sites de relacionamentos para adeptos, ou nas casas de swing, também conhecidas como “boate para casais”. Este capítulo aborda as impressões retiradas da etnografia realizada por mim neste último campo.

Importa situar, de início, as variações socioculturais dos swingers cariocas referentes à localização geográfica das principais casas de swing identificadas na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo é compreender como os diferentes redutos urbanos agregam diferentes representações para o universo da troca de casais. Sendo assim, foi possível elaborar uma breve contextualização do swing na cidade a partir de observações de alguns fatores como a disposição dos bairros contemplados por estes estabelecimentos, os preços cobrados pelas entradas, os tipos e a quantidade específica de clientes aceitos durante a noite (casais, solteiros, ou ambos) e as redes de sociabilidade mais ou menos extensas entre os swinger frequentadores de duas casas em especial.

Em seguida, apresento o Casal Pimenta (doravante denominados Bernardo e Bianca), dupla de empresários do ramo e ‘porta-vozes’ do swing no Rio de Janeiro. Eles são os responsáveis por promover as festas das quais participei durante a etnografia. Porém, além de autorizar minha circulação pelos ambientes da boate onde os eventos ocorreram, o Sr. e a Sra. Pimenta – como eles se autodenominam – constituíram-se nos principais informantes desta pesquisa, não apenas para os assuntos tratados neste capítulo, como nas questões subsequentes.

Por último, descrevo as estruturas físicas da casa noturna frequentada, bem como as impressões quanto às condutas dos adeptos ao longo das festas observadas. Tal exposição visa esclarecer a influência que a distribuição dos espaços da boate exerce sobre a prática do swing e demonstrar, por meio das narrativas acerca dos comportamentos observados durante as noites acompanhadas, os códigos característicos da interação entre swingers.



## 1.1 O contexto do swing na cidade do Rio de Janeiro

Para a análise aqui proposta, escolho quatro casas noturnas importantes dedicadas à sediar festas de swing no Rio de Janeiro. Por “importantes” refiro-me, principalmente, ao tempo em que estão em funcionamento e à notoriedade alcançada dentro do universo do swing carioca. Cada uma delas ocupa um lugar diferente na malha urbana e social da cidade: Zona Oeste, Zona Sul, Centro e Zona Norte. O sistema de preços varia, assim como os dias da semana em que ocorrem os eventos e os clientes permitidos a frequentá-los.

As cinco festas analisadas durante os quatro meses de pesquisa ocorreram na Zona Oeste, em uma boate de *strip-tease* que recebe o evento de swing aos sábados. Mas especificamente, o estabelecimento situa-se na região administrativa de Jacarepaguá.

As festas neste local são promovidos pelo Casal Pimenta, empresários que desde 2006 realizam encontros de swing na cidade. O valor da entrada para as noites de sábado é de R\$ 60,00.<sup>4</sup> Assim como em outras casas noturnas, o Casal Pimenta adota o sistema de “lista amiga”, ou seja, o casal ou o solteiro que se identificar previamente pelos meios de comunicação por eles disponibilizados (Facebook, telefone ou e-mail) tem desconto no preço do ingresso. Para esses casos, a entrada fica em R\$ 40,00. As mulheres solteiras devem desembolsar R\$ 10,00 e os homens solteiros R\$ 120,00 se chegarem até as 23 horas; e R\$ 150,00, depois desse horário. E ainda: é obrigatório que os solteiros interessados liguem antes da festa para reservar a entrada, pois há um número limitado de vagas para esse tipo de cliente e não é permitida a entrada de homens desacompanhados, a não ser nos casos pré-identificados.

A boate da Zona Sul é a que está há mais tempo operando com o público swinger na cidade, e mesmo tendo mudado recentemente de bairro, mantém-se na mesma região. Os valores da entrada variam entre R\$ 75,00 e R\$ 300,00, dependendo do dia e do horário em que se chega ao estabelecimento, e se o cliente constitui um casal ou é homem solteiro. Os encontros acontecem de quarta-feira a sábado e, a cada noite, há uma configuração de clientes: às quartas, o evento é exclusivo para casais; às sextas e sábados, o casal – que paga de R\$ 120,00 a R\$ 150,00 para entrar – pode levar uma mulher solteira para acompanhá-los mediante o pagamento extra de R\$ 100,00 e somente às quintas é permitido o acesso de solteiros, homens pagando o maior preço da boate (R\$ 300,00) e mulheres o menor (R\$

---

<sup>4</sup> Toma-se como referência o valor do salário mínimo nacional em 2014 e em 2015: R\$ 724,00 e R\$ 788,00, respectivamente. E o valor do salário mínimo no Estado do Rio de Janeiro em 2014: R\$ 874,00.

20,00). Há, ainda, explícito no site, que a casa admite no máximo seis solteiros homens na noite.

No Centro, o local atende pela classificação de “boate para casais liberais”, o que denota certa distinção, se se compara às festas (ou casas) de swing. A palavra “liberal” diz respeito às outras práticas sexuais possíveis de ocorrer no ambiente da boate, não se limitando, exclusivamente, à prática da troca de casais. Dessa forma, dentro do imaginário social construído em torno da ideia de “ambiente liberal”, outras atividades eróticas podem acontecer, como o *ménage* (a inclusão de um homem ou uma mulher na relação sexual do casal), as orgias, ou manifestações de fetiches sexuais.

Vale ressaltar que isso não quer dizer que tais práticas não sejam realizadas nos eventos rotulados de “swing”, mas o sentido do encontro se modifica, pois nos “eventos liberais” admite-se, desde o início, a participação de outros sujeitos além da díade, não inscritos, necessariamente, na lógica da satisfação ou do prazer conjugal característico do swing.

As festas, no Centro, acontecem de terça-feira a sábado, com valores de entrada entre R\$ 60,00 e R\$ 80,00 para os casais, R\$ 25,00 para mulheres solteiras e R\$ 170,00 (até 0 hora) ou R\$ 200,00 (após a meia-noite) para homens solteiros. Nas noites de quarta e sábado não é permitida a entrada de solteiros; e às sextas-feiras, eles devem reservar ingresso com antecedência. Às terças-feiras, todos são aceitos, sem restrições.

A outra importante boate onde ocorrem festas de swing é a da Zona Norte da cidade e lá se encontra a configuração mais diversa de eventos. A agenda mostra uma programação de terça-feira a domingo e, ao contrário do que acontece nos outros estabelecimentos mencionados, a cada dia o encontro é promovido por um casal diferente, com temáticas e públicos distintos. Por meio do portal virtual da casa, é possível acessar as páginas eletrônicas de divulgação das festas, cada uma com atrações próprias, fotos dos casais responsáveis pela realização e os preços sugeridos. Os valores da entrada são os mais baixos em comparação com os outros três lugares, inclusive a festa do Casal Pimenta. Praticam-se os preços específicos para casais (em torno de R\$ 40,00), solteiras (R\$ 10,00) e solteiros (R\$ 90,00). Nesta boate, particularmente, é permitida a entrada de todos os tipos de clientes em todas as noites, sem a necessidade de reserva prévia ou restrição do número de pessoas.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> As informações referentes aos preços das entradas, tipo de público aceito e eventos realizados nas quatro boates encontravam-se disponíveis nos sites de cada uma delas e foram consultadas no período de novembro a dezembro de 2014.

Os custos da entrada, as configurações de clientela e as localizações das festas de swing no Rio de Janeiro dizem muito a respeito do público frequentador de cada uma delas e, em certa medida, fornecem indícios dos diferentes sentidos que a prática do swing pode assumir em contextos urbanos distintos. No caso aqui analisado, o fato de os eventos acontecerem em uma tradicional boate de *strip-tease* e prostituição da Zona Oeste carioca, região afastada dos ‘centros prestigiados’ da cidade, com preços mais baixos e admitindo a presença de solteiras e solteiros mediante taxas mais baratas, remete a um cenário urbano propício, em grande parte, à presença de uma classe média ascendente. A partir das observações, pude perceber que é justamente este o segmento da população mais assíduo do lugar. Na casa da Zona Sul, o público-alvo caracteriza-se por indivíduos brancos, profissionais liberais, partilhando um ethos intelectual e psicologizado próprio da mentalidade tida como ‘liberal moderna’ e ‘vanguardista’, concentrados em setores das camadas mais altas da cidade, e que habitam esta área urbana (HEILBORN, 1992; RUSSO, 1991; VELHO, 1983).

A preservação do *anonimato relativo* também é um aspecto fundamental para as pessoas com tal perfil:

É óbvio que nem todos os urbanitas têm as mesmas possibilidades de usufruir uma liberdade de ir e vir irrefreada, deslocando-se de meio social para meio social ao seu bel-prazer. Afinal de contas trata-se de uma sociedade estratificada com fronteiras internas bem marcadas. Mas o caráter altamente diferenciado da organização da produção nas grandes cidades da sociedade industrial, com o seu gigantismo paralelo, vai gerar a possibilidade de um anonimato relativo que parece ser peculiar. [...] O que seria característico, então, da grande metrópole é a possibilidade de desempenhar papéis diferentes em meios sociais distintos, não coincidentes e, até certo ponto, estanques. Isto é o que seria anonimato relativo. Não seria absoluto, exatamente porque a própria mobilidade que, de um lado, favorece o deslocamento do indivíduo entre diferentes meios sociais, dificulta a existência de áreas exclusivas. (VELHO e MACHADO DA SILVA, 1977, p. 79-80, apud VELHO, 2000)

Logo, são significativos os contrastes entre o ambiente da Zona Sul e o observado na etnografia em estudo: no primeiro, não há identificação pública dos casais, apenas os nomes reais anotados na comanda de consumo – enquanto que nas festas do Casal Pimenta, alguns casais se identificam com apelidos. Por se tratar de uma casa noturna localizada em zona nobre da cidade, os frequentadores, em sua maioria, são brancos, na faixa etária dos 30 a 40 anos e ostentam aparência física compatível com a das classes médias urbanas mais abastardas da cidade (VELHO, 1989). Os preços das entradas são mais caros, assim como o valor das bebidas e petiscos ali servidos. Ao contrário do que ocorre nas noites observadas

para a pesquisa, na Zona Sul não existe contato direto dos clientes com o responsável pela casa e apenas os que já constituíram uma relação de amizade anterior interagem com este durante a noite. Observa-se que as dimensões do estabelecimento da Zona Sul são consideravelmente menores, se comparadas às da boate de *stripe-tease* da Zona Oeste, bem como o número de pessoas circulantes durante as noites.<sup>6</sup>

Em conversa informal com o responsável pelo estabelecimento da Zona Sul foi possível perceber seu entusiasmo por aquele tipo de trabalho. Ele demonstrou conhecer profundamente os princípios da prática do swing, assim como disse estar ciente das publicações na mídia e na academia acerca do universo da troca de casais. Em certo momento, chegou a repudiar o uso da palavra *perversão* em um dos trabalhos que lera sobre o tema. Mais do que um gestor do ramo, este empresário defendia o swing enquanto atividade legítima e benéfica ao casamento – a determinada altura, afirmou: “O swing é a fantasia ideal para o casal, porque abrange tudo: voyeurismo, exibicionismo, ciúmes, controle...”.

Preocupado com o *estilo* e a *elegância* do empreendimento comercial, o entusiasmado empresário afirmou ter criado as regras que, a seu ver, distinguiam a ‘sua’ casa noturna dos outros lugares aos quais as pessoas iam para fazer sexo. Seu objetivo teria sido o de elaborar uma boate específica para um grupo específico e, por isso, eram fundamentais determinadas normas – por exemplo, só se pode entrar acompanhado nas noites de sexta e sábado, eventos de maior movimento da casa. Comentou, ainda, que se esmerou em evitar “a prostituição, a bagunça e a putaria” (sic), e remediou: “Nenhum problema com isso, só são fantasias diferentes...”

Quando a conversa enveredou para a questão da exposição do swing na mídia, o mencionado empresário manifestou-se contra a exibição pública da casa e de seus frequentadores. Naquela noite em que conversamos, por coincidência, havia um grupo de jornalistas vinculado a um canal pago de televisão, esperando-o para acertar detalhes sobre um programa temático que teria como cenário a boate. Em vista disso, ele se apressou em assegurar a mim como estaria inclinado a não aceitar a oferta, pois já havia recusado diversos outros convites para dar entrevistas em programas de tevê. Criticou as pessoas que já cederam a tais convites e concluiu dizendo não achar certo “as fantasias serem expostas dessa maneira” (sic).

A posição ética representada por este empresário autoriza a caracterizá-lo como um interlocutor ideal do swing, no sentido que esta prática assume em contexto médio alto

---

<sup>6</sup> Tais observações que dão base às comparações resultam de visitas esporádicas à casa de swing da Zona Sul, realizadas antes de definir o campo etnográfico da pesquisa.

urbano, pois é clara a preocupação com a distinção do local, em reunir um tipo *sofisticado* de cliente e garantir o anonimato dos frequentadores e da casa.

Observa-se, assim, a existência de concorrência entre as festas swingers que acontecem ao mesmo tempo na cidade. Logo, na contramão da ideia recorrente de que os adeptos da troca de casais formariam um grupo homogêneo de interesses, as diferenças entre os públicos-alvo de cada evento – com base, sobretudo, na localização da boate e no preço das entradas – sugerem que nem todos os indivíduos serão atraídos (ou atraentes) a todos os lugares.

Entretanto, tanto a literatura nacional como a internacional sobre a troca de casais apontam para a existência de uma cosmovisão compartilhada entre swingers, independentemente dos lugares frequentados ou dos meios utilizados para se ‘arranjar’ um encontro. A partir da observação comparada dos estabelecimentos visitados, foi possível perceber que a movimentação dos indivíduos nos espaços das boates eram bastante similares, caracterizando uma uniformidade acerca dos códigos swingers. Isto nos autoriza a reconhecer, como parte da pesquisa científica, uma prática sexual própria e recorrente deste grupo. Conclui-se, então, que a troca de casais pode variar de ambiente ou de sentidos, mas permanece comum em suas especificidades.

## 1.2 O Casal Pimenta

Em outubro de 2010, quando realizava um trabalho sobre o tema, ainda na graduação, assisti à apresentação do Casal Pimenta em uma feira de produtos eróticos realizada no Rio de Janeiro. Eles tinham sido convidados para fazer um *talkshow* sobre swing, como o objetivo de tirar dúvidas da plateia e esclarecer os principais “mitos e verdades” envolvidos na prática.<sup>7</sup> Ali, o Sr. e a Sra. Pimenta abordaram questões como: o ciúme, um problema recorrente no swing; o “convencimento da parceira”, considerado um padrão comum entre os iniciantes; a existência de “todo tipo de ser humano” nas festas; a valorização da vontade do parceiro, principalmente da mulher, na hora da escolha do casal com quem se deseja trocar (“A mulher é quem manda. Se ela falar que não dá, acabou.”); a distinção entre swing e suruba (“Minha mulher deu para 40 pessoas na praia da Reserva’... isso não é swing, é maluquice!”); o reforço

---

<sup>7</sup> A feira se repetiu nos dois anos seguintes (2011 e 2012); o Casal continuou constando da programação de ambos os eventos.

da necessidade de se ter prazer a dois; o tabu em torno das relações sexuais entre homens (“O meio liberal não é tão liberal assim...”); outros lugares de encontro swinger (sítios, cruzeiros, hotéis); a internet como importante ferramenta de busca de casais; os “dois tipos de mulheres”, as independentes e as que são induzidas pelos maridos; o mito do “cara que só vai para se dar bem”; a comparação com as festas em São Paulo, mais bem estruturadas; o problema do homem sozinho “que anda se masturbando pela casa constringendo outros casais”, etc.

Em novembro de 2013, em entrevista concedida à jornalista e apresentadora Marília Gabriela, no programa de televisão *Gabi, Quase proibida*, transmitido pelo SBT – canal de TV aberta, o mesmo Casal Pimenta falou sobre a história dos dois no ramo do swing,<sup>8</sup> os desafios do empreendimento financeiro das festas e eventos e das transformações da prática, em razão da maior divulgação – sendo a internet o marco da mudança –, da redução da faixa etária dos frequentadores e da maior aceitação das relações sexuais entre os homens adeptos. Discorreram, ainda, sobre saúde e modos de prevenção, especificamente sobre a frequência com que os clientes usavam o preservativo masculino nas relações. Foi mencionada a parceria com *termas*<sup>9</sup> da Zona Oeste do Rio de Janeiro, na qual a festa de swing é promovida aos sábados (entre 2013-2015).

Ainda em 2013, nas buscas de conteúdo sobre swing na internet, deparei-me novamente com o Casal Pimenta, desta vez em um vídeo do *Youtube*, postado dois anos antes. O link tratava do último bloco do programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo, no qual se exibiam os bastidores das festas promovidas pelo Casal, assim como o interior da boate durante um evento e as conversas da repórter com alguns dos frequentadores da casa.<sup>10</sup>

A exposição dos *promoters* como swingers, porém, não pode ser considerada algo totalmente difundido entre os empresários do ramo, pelo menos os responsáveis pelas casas situadas na cidade do Rio de Janeiro. Como já referido, na conversa informal que tive com o dono de outra boate destinada a este público, destacou-se o quanto este valorizava o anonimato dos frequentadores da casa, bem como de sua própria identidade. A limitação da rede de casais clientes era, do seu ponto de vista, uma prerrogativa para a manutenção do “diferencial” e da “qualidade” dos eventos que promovia.

---

<sup>8</sup> Eles também atuam no ramo de *lingerie*.

<sup>9</sup> De origem romana, as *termas* eram casas de banho público, facilmente encontradas nas cidades. Hoje, o termo é usado para designar casas de prostituição.

<sup>10</sup> No Google, os primeiros resultados para a pesquisa “Casal Pimenta” foram os programas aqui referidos, os perfis nas redes sociais Facebook e Twitter e o link para a comunidade virtual de swing gerenciada por eles.

Em agosto de 2014, localizei a página pública do Casal Pimenta no *Facebook* para a divulgação das festas, e a comunidade virtual de swing da qual são moderadores. Entrei em contato, através do meu perfil pessoal, apresentando-me e solicitando uma entrevista. Eles responderam prontamente e marcamos, para o sábado seguinte, um encontro na festa por eles promovida. Fui acompanhada de meu marido, Felipe, pois, em se tratando de evento swing, era necessária a presença de um casal.<sup>11</sup>

### 1.3 A boate

O espaço onde acontecem as festas observadas é uma tradicional e ampla<sup>12</sup> boate de *strip-tease*, localizada na principal avenida de um dos bairros da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A fachada anuncia as atrações de segunda a sábado, sendo o sábado ocupado com os eventos de swing promovidos pelo Casal Pimenta.

Na primeira noite de nossa visita, chegamos cedo, às 21 h, quando em geral o movimento maior se dá à meia-noite. Estacionamos o carro e nos dirigimos à porta. Parado em frente, um segurança alto, negro, com a cabeça raspada, de meia idade, vestindo terno preto<sup>13</sup>, nos cumprimentou e mostrou o local de acesso. Passamos, Felipe e eu, pelo detector de metais e seguimos para cumprimentar Bianca, a Sra. Pimenta, que estava em pé, apoiada ao balcão da recepção.

Bianca é uma mulher madura com cabelos longos, lisos e tingidos de loiro, de estatura baixa, pernas grossas, glúteos avantajados (inclusive esta é sua marca registrada e por onde passa posa para as fotos de maneira a valorizar as curvas dos quadris) e semblante simpático e sorridente. Vestindo roupas justas, curtas e com saltos altos, ela foi a responsável por nos receber, bem como a todos os clientes que adentravam a recepção.

Nas visitas à casa noturna, percebi que alguns casais se aproximavam identificando-se (ou sendo identificado por Bianca) com um apelido. A Sra. Pimenta então anotava o codinome em um caderninho. Mais tarde, no momento alto da noite, eles eram anunciados pelo microfone, por Bernardo, o Sr. Pimenta, em meio a agradecimentos e mensagens

---

<sup>11</sup> Em todas as idas a campo estive acompanhada de Felipe.

<sup>12</sup> No anexo I, esquematiza-se a planta baixa da casa noturna.

<sup>13</sup> Todos os seguranças da casa têm o mesmo perfil, variando apenas o porte físico (mais musculosos ou mais magros) e os tipos de cabelo (curtos ou raspados).

provocativas. Mais tarde entendi que os apelidos são usados pelos casais e solteiros na comunidade virtual administrada pelo Casal Pimenta.

Para poder circular sem tropeços, logo nos apresentamos à Bianca e ela, sem saber se lembrava ou não de nós, pediu que eu confirmasse meu nome: “Renata?” Eu a corrigi e, então, ela escreveu o nome certo na comanda, junto com o de Felipe. Em seguida, me entregou uma chave, informando que havia um pequeno cômodo, à esquerda, onde poderia guardar a bolsa dentro do armário numerado. Voltei para conversar e indaguei sobre Bernardo. Ela disse que ele estava finalizando os preparativos do evento e que poderia procurá-lo quando entrasse. Logo após, apresentou-me a Patrícia, a *hostess*<sup>14</sup> da festa, uma mulher madura, alta, magra, negra, de cabelos curtos, escuros e alisados, vestida com minissaia, blusa decotada e sandálias sem saltos. Bianca contou que Patrícia realizava um *tour* na casa com os casais novatos. Pedi que aguardássemos a chegada de outros iniciantes para, assim, formarmos um grupo a ser guiado. Nas idas seguintes à boate, depois dos cumprimentos iniciais à Bianca, já nos dirigíamos ao salão principal.

Naquela primeira noite, ao passarmos, Felipe e eu, pela porta dupla que separa a recepção da boate propriamente dita, nos deparamos com uma grande pista de dança (aproximadamente 40 m<sup>2</sup>) e um comprido balcão de bar. A amplitude do salão era a característica mais marcante. Havia paredes e pilastras espelhadas e o teto estava decorado. Do lado esquerdo, bem próximo à porta de entrada, situava-se o DJ, e, em frente, o palco, na mesma lateral. Este, com um *poledance* no meio, ficava cerca de 1,5 m acima da pista de dança, e possuía uma escada do lado direito e uma rampa à esquerda.

O primeiro andar estava repleto de sofás de dois lugares vermelhos e de plástico, acompanhados de pequenas mesas quadradas com tampo de mármore. Havia no total cerca de 30 conjuntos arrumados no centro e ao redor da pista. O balcão do bar tinha em torno de seis metros de comprimento e ficava em frente ao palco. Anexa a ele, do lado direito, uma escada dando acesso ao camarote, espaço também com assentos acolchoados, circundando a parte superior da pista e interligado ao palco pela rampa. Esta era a área VIP e podia ser reservada pelos clientes mediante pagamento extra, ou abrigar as atrações especiais da noite antes que elas subissem ao palco. Podia, ainda, ser utilizada como um lugar a mais em algumas das

---

<sup>14</sup> *Hostess* é a profissional responsável pela recepção dos clientes em restaurantes, bares, casas noturnas, festas, eventos e hotéis.



festas promovidas pelo Casal Pimenta,<sup>15</sup> especialmente por ser um ambiente mais escuro e isolado.

Na outra extremidade da pista, deparamos com uma estrutura chamada “labirinto”. Tratava-se de finos painéis pretos de madeira arranjada de tal maneira que formavam corredores estreitos e tortuosos, como o próprio nome indica. As paredes criavam dez pequenos espaços de um pouco mais de 1 m<sup>2</sup> distribuídos pela armação. Cada “minicabine” contava com um recipiente de papel toalha, uma lixeira e um banco. As paredes também possuíam buracos redondos com cerca de 10 cm de diâmetro pelo qual era possível praticar o *glory hole*<sup>16</sup>.

Ao fundo do labirinto, encontravam-se duas cabines maiores, de 4 m<sup>2</sup> cada, uma junto à outra, onde só era possível chegar atravessando os estreitos corredores. Ambas continham uma cama de casal, assim como papel toalha e uma lixeira. Janelas de vidro permitiam a quem estava de fora ver o que ocorria dentro dos cômodos, ao passo que, de dentro da cabine, não era possível enxergar quem ficava lá fora. Esses locais foram apelidados de “aquários” pelo Sr. Pimenta e poderiam ser utilizados, preferencialmente, por adeptos do exibicionismo, pois ali as práticas sexuais podiam ser observadas por terceiros – sem que os mesmos delas participassem. Em frente à porta de acesso ao labirinto, encontrava-se um segurança que impedia a entrada com bebidas ou comidas. Tanto casais como mulheres e homens sozinhos podiam circular livremente.

À esquerda desta estrutura, encontrava-se um corredor iluminado onde ficavam os banheiros masculino e feminino. Por meio deste corredor era possível chegar à escada de acesso ao segundo andar da boate e à outro conjunto de cabines: quatro unidades privativas, isto é, com portas e trancas, elaboradas com painéis de madeira igualmente pretos e, assim como as outras, continham uma cama de casal, papel toalha e lixeiras. No estreito espaço entre estes cômodos e o labirinto se colocavam aqueles que desejavam espiar o que acontecia dentro dos “aquários” pela janela de vidro.

Subindo a escada para o segundo andar, avistou-se do lado esquerdo a cozinha da boate. Lá eram preparadas as porções de petiscos oferecidos na comanda. Este ambiente

---

<sup>15</sup> Em novembro de 2014 foi inaugurada a “Festa do Cabide”, na qual, segundo a escolha dos clientes, eles poderiam circular nus ou somente com roupas íntimas por todo o camarote. O Casal Pimenta considerou a festa um sucesso e avisou que a área seria utilizada novamente em noites futuras.

<sup>16</sup> *Glory role* é um orifício (localizado em uma divisória) no qual o homem pode inserir o pênis, o que garante que os participantes, durante o ato da cópula ou felação, permaneçam anônimos [extraído e adaptado de *Urban Dictionaty*].

agregava o *staff* fixo<sup>17</sup> da casa: seguranças, cozinheiras, auxiliares de serviços gerais, garçonetes e atendentes do bar. Em sua maioria, eram mulheres negras, aparentando mais de 30 anos, as funcionárias responsáveis pelo atendimento e pela limpeza. Exceto os seguranças vestidos com ternos e gravatas, as demais trabalhadoras e trabalhadores vestiam calças ou saias compridas pretas, avental preto e blusas pretas com o logo da boate. As duas moças responsáveis pela recepção e pelo caixa eram brancas, uma loira e outra de cabelos castanhos, jovens, ambas uniformizadas.

Seguindo os degraus, chegamos a uma área aberta, iluminada, com mesas e cadeiras de plástico, e música ambiente – em geral, samba, pagode ou pop. O local, medindo cerca de 30 m<sup>2</sup>, era reservado aos fumantes e àqueles que queriam bater um papo longe da pista de dança.

Dobrando a direita, havia um corredor de acesso às outras cabines da casa. No primeiro hall, duas portas permaneciam trancadas a noite toda. Para usar estes quartos era preciso pagar um valor extra de R\$ 40,00 por hora. Adiante, no segundo hall, outra escada de acesso ao terceiro andar (interditado) e um banheiro unissex com chuveiro, pia, vaso sanitário e mictório no canto direito. À esquerda, por detrás de um guichê com janela de vidro, alugavam-se toalhas de banho, roupões e compravam-se camisinhas. Havia, também, um cômodo médio (3 m<sup>2</sup>), exclusivo para casais e solteiras, mantido na escuridão total e com a porta aberta durante toda a festa – a presença de um segurança na entrada garantia que não haveria homens sozinhos no recinto. Por conta da baixíssima luminosidade, não consegui ver a mobília do quarto; aparentemente, existia uma cama de casal encostada na parede esquerda.

À frente, os dois corredores paralelos permitiam que os frequentadores transitassem à vontade: no lado esquerdo, sete cabines coletivas, ou seja, aquelas mantidas com as portas abertas, sem criar, a priori, limitações quanto a quem entra ou sai e o número de pessoas compartilhando o mesmo ambiente. No lado direito, as seis cabines privativas, essas sim, com trancas nas portas. Os aposentos tinham uma cama de casal, papel toalha, um recipiente de álcool em gel, uma lixeira, ganchos para pendurar as roupas, ar-condicionado individuais e banheiro com chuveiro e vaso sanitário. Os quartos mediam, aproximadamente, 5 m<sup>2</sup>. Na diagonal esquerda, encontrava-se a escada de saída. É curioso que todas as cabines do segundo andar tinham nomes de mulheres na porta.

---

<sup>17</sup> Ressalte-se que Patrícia, a *hostess*, não era uma funcionária da boate, e sim, parte integrante da equipe produtora da festa.

#### 1.4 As festas

Observar uma festa de swing é, antes de tudo, um desafio. Assim como relatado nas etnografias de autores que se dedicaram a estudar práticas sexuais propriamente ditas (BRAZ, 2012; DÍAZ-BENITEZ, 2010; WEID, 2010) também enfrentei algumas questões sobre como lidar com o objeto da pesquisa, buscando dosar com precisão o distanciamento e a interação.

Minha maior preocupação foi não parecer totalmente disponível para uma possível troca de casais ou *ménage* – e a partir da negação gerar um constrangimento desnecessário. Ao mesmo tempo, gostaria de estar acessível o suficiente para ouvir dos clientes suas opiniões sobre a prática. Precisava, ainda, garantir a movimentação intensa pelos ambientes da boate a fim de conseguir relatar, com a máxima fidelidade possível, o que acontece durante uma festa swinger. Estabelecer conversas com os casais, a partir do esclarecimento dos meus propósitos ali, era o plano inicial.

O ambiente da boate é altamente sexualizado, afinal, pressupõe-se que os que ali estão procuram a mesma coisa: sexo com outras pessoas. No primeiro piso, são comuns os flertes e trocas de olhares, como em qualquer casa noturna. Em estudo comparativo sobre iniciação sexual de jovens na França e no Brasil, Bozon e Heilborn (2001) assinalam a importância do olhar e da dança na escolha de parceiros sexuais em potencial. Nas palavras dos autores, “a dança facilita o contato: permite uma descoberta prévia do parceiro à distância e logo uma aproximação, que se realiza sem grande esforço verbal” (BOZON e HEILBORN, 2001, p. 11). Observando os swingers durante as festas, foi possível perceber que eles estão sempre atentos aos indivíduos ao redor, e as mulheres, na grande maioria, são as mais dispostas a dançar ao som do DJ.

O estilo musical predominante naquele local era o funk. As mulheres, em geral, dançavam exibindo-se para seus parceiros, os quais ficavam sentados, acariciando-as. Muitas vezes elas executavam coreografias mirando-se nos espelhos distribuídos pelas colunas e paredes da boate. Somente as moças interagiam entre si durante a música. Às vezes, não muito raro, os homens se levantavam (ou já estavam de pé) e posicionavam-se atrás de suas companheiras, acompanhando o ritmo de seus quadris, em uma parceria típica deste gênero musical. Não era incomum ver casais ou grupos de casais sentados ao redor de uma mesma mesa, desfrutando, alternadamente, das danças eróticas realizadas pelas mulheres.

Para analisar as movimentações no segundo andar da boate, valho-me, em grande parte, dos estudos de interação desenvolvidos pelo sociólogo Erving Goffman (1988, 1989). Segundo o autor, indivíduos em situação de interação agem e reagem a partir dos códigos que

lhes informam determinada circunstância, sejam esses códigos anteriores ou decorrentes do próprio contexto em que se encontram. Assim, para além da caracterização dos swingers como um grupo social específico – identificado com base nos discursos atribuídos às suas práticas sexuais –, os deslocamentos dos atores pela boate demonstram existir um sistema de condutas capaz de, em certa medida, organizar a comunicação entre os presentes. Portanto, depreende-se que o ambiente do swing não é desprovido de regras ou construído apenas sobre espontaneidade. Apesar de bastante diverso, ainda mais no que tange às possibilidades dos locais de encontro, o swing “institucionalizado”, ou seja, a troca de casais como definida e defendida pelos adeptos e empresários do ramo, segue normas pelas quais visam demarcar e legitimar a prática.

Sendo assim, a noção goffmaniana de *copresença* é fundamental quando a intenção é alcançar os possíveis sentidos dos fluxos de indivíduos que se formam ao longo da noite. Nas palavras de Giddens, em seu artigo sobre a obra de Goffman,

[a] interação em circunstâncias de copresença tende a oscilar entre trocas focadas e não focadas. A interação não focada, na definição de Goffman, existe na medida em que os indivíduos copresentes em determinado ambiente têm algum tipo de consciência recíproca da presença do outro. A interação focada, principal preocupação de Goffman ao longo de seus textos, envolve indivíduos cuja atenção está diretamente voltada para o que o outro está dizendo e fazendo em dado período de tempo. Embora o protótipo seja a conversa, há muitas outras atividades que requerem a atenção dos participantes em dada situação de copresença. (GIDDENS, 1987, p. 293)

Dentre as atividades referidas por Giddens, focalizo nas aproximações não verbais observadas no piso superior da boate. Caminhar pelo segundo andar mostrou-se, em si, um indicativo de “querer algo a mais”. As incursões nos corredores e dentro dos quartos (enquanto outras pessoas transavam) autorizava uma proximidade com “segundas intenções” por parte dos demais frequentadores. Enquanto par, era comum observar casais que sentavam sós, nas camas, e iniciavam uma *pegação*. Tal ação indicava que eles estavam dispostos a interagir com outras pessoas, não restringindo, *a priori*, o número de presentes ou quem eram esses indivíduos (casais ou apenas solteiros). Os demais clientes, por sua vez, permaneciam transitando em frente às cabines. Alguns entravam e se mantinham apenas olhando as cenas, outros saíam rapidamente, outros se juntavam aos casais. Havia, ainda, os que se aproximavam não dos que tinham iniciado a *pegação*, mas dos que adentram, posteriormente ao cômodo. As mensagens corporais emitidas por aqueles que circulavam ali indicavam se os participantes partilhavam dos códigos swinger e se estariam interessados em possíveis

relações sexuais, ao mesmo tempo em que monitoravam cada reação do(s) outro(s) em relação às deles – característica típica de uma interação focada.

Para Goffman, os ambientes da interação não são apenas meios nos quais as atividades por acaso se dão. Ao contrário, são regularmente monitoradas, juntamente com as atividades dos indivíduos copresentes, no desenvolvimento dos encontros. Os arranjos temporais e espaciais dos encontros são muitas vezes fundamentais para as performances. (GIDDENS, 1984, p. 301)

A partir das incursões nas festas, observa-se que o comportamento dos casais e solteiros nos espaços do segundo andar segue determinadas etapas, desde o toque na mão, às carícias, sobretudo na região das nádegas – tanto de homens quanto de mulheres – e por fim a proposta de swing (ou *ménage*) subentendida pelas respostas corporais positivas (retribuição do carinho recebido, um beijo na boca) ou, ainda, sugerida oralmente (“Vamos para uma cabine?”). A aproximação se dá tanto nos corredores como dentro das cabines, e em geral, é silenciosa. A troca de olhares é, digamos, o *start* para o contato, pois demonstra tanto o interesse de uma das partes como a recepção favorável da outra.

Há, ainda, as situações nas quais a troca é combinada a partir de uma conversa já estabelecida antes, pela internet, na pista de dança, nos corredores ou em qualquer outro lugar da boate. Nesses casos, o *approach* é diferente, valorizando-se aspectos variados tais como a empatia entre os envolvidos, a experiência com a prática do swing e o diálogo sobre as preferências. Em outras palavras,

[n]a aproximação verbal, o ator procura mostrar, falando, que sabe se controlar, respeitando uma progressão. Na aproximação física há também uma progressão em relação ao ato sexual, mas ela é seguida, sem chegar a ser enunciada, por uma gradação bem sincronizada de contatos físicos cada vez mais avançados, desde a troca de olhares até a relação propriamente dita. (BOZON; HEILBORN, 2001, p. 12).

Entretanto, existe no swing – e nos “meios liberais” em geral – uma prerrogativa altamente difundida: uma vez abordado(a), isto não quer dizer que você esteja compelido(a) a aceitar fazer o swing. O lema com frequência presente nos materiais de publicidade dessas práticas diz: “Lugar onde tudo é permitido e nada é obrigatório”. Assim, a possibilidade de escolher não participar de uma ação constitui parte central das regras no swing que visam salvaguardar a legitimidade da prática. A ênfase no consentimento dos sujeitos envolvidos

serviria para distanciar o swing da violência ou coerção sexual<sup>18</sup>. Desta forma, mesmo tocada por outras pessoas enquanto observava um quarto ou uma cena de sexo, em nenhum momento houve qualquer imposição por parte dos swingers (homens e mulheres) para comigo ou meu companheiro. O contato esquivado por nós não produziu insistências constrangedoras.

A observação da boate seguiu que as aproximações são feitas de maneira sutil e vagarosa, em que, primeiro, o(s) indivíduo(s) se posiciona(m) ao lado de quem lhe(s) atrai, encostam-se com os braços ou as mãos, acariciam-se, em geral nos quadris (mesmo quando há uma situação de sexo explícito), e só então se colocam em definitivo para a disposição da troca, seja através de gestos mais enfáticos (aperto de nádegas, insinuação de beijo etc.) ou propondo verbalmente o swing (ou *ménage*).

Este roteiro se repetiu na maioria das situações presenciadas, sendo qualquer movimentação muito diferente da aqui exposta passível de constrangimento e repúdio por parte dos swingers. Em diversas ocasiões notei, enquanto caminhava pelo corredor das cabines coletivas, indivíduos mais exaltados que falavam alto conforme chegavam ali ou abordavam agressivamente outras pessoas. Era visível o estranhamento, por parte dos que já se encontravam no local, quanto a esses comportamentos, pois contrastavam com o até então colocado<sup>19</sup>.

Assinala-se, com base na descrição acima, como a maneira de se portar durante as atividades sexuais deve ser apreendida a partir da vivência dos modos de agir estabelecidos anteriormente. Segundo Simon e Gagnon (1984), os padrões considerados “aceitáveis” para o exercício da sexualidade são determinados pela cultura, de uma maneira geral, ou por um grupo específico, e consolidam o *sexual script* (roteiro sexual) pelo qual os sujeitos devem se orientar. Com base nos autores, considero que os swingers demonstram estipular roteiros próprios de conduta, elaborados ao longo da experiência com a prática e reproduzidos nos ambientes destinados à este tipo de interação.

Percebidos tais códigos, Felipe e eu combinamos não olhar fixo para qualquer pessoa, homem ou mulher, a não ser para iniciar uma conversa sobre a pesquisa. Assim, evitaríamos a

---

<sup>18</sup> Para as discussões sobre a noção de consentimento sexual, cf. Gregori (2003), Díaz-Benitez (2012) e Zilli (2007).

<sup>19</sup> Em outra boate que visitei, no momento anterior à fase da presente pesquisa, estive diante de uma situação ímpar que elucidou bastante esta questão: já era tarde, por volta de 3 horas da manhã, quando dois casais jovens, que haviam passado a noite juntos bebendo e conversando na pista de dança, resolveram subir para circular entre as cabines do segundo andar. Visivelmente alterados, eles adentraram o espaço falando alto, gargalhando e apontando para alguns indivíduos já instalados em um amplo cômodo. Praticamente todos os casais presentes (eram cerca de dez) pararam o que estavam fazendo e olharam para os sujeitos destoantes. Uma das mulheres jovens mostrou-se insatisfeita com as opções que julgava ter naquele lugar e os quatro saíram papeando pela casa. Logo em seguida, retomaram-se as relações interrompidas, reestabeleceu-se o relativo silêncio (os sons de gemidos e provocações sexuais foram garantidos) e a noite retomou o ritmo.

recusa aos convites e, conseqüentemente, escaparíamos de situações embaraçosas. Neste sentido, o conceito goffmaniano de *desatenção civil* é ideal para enquadrar a estratégia adotada:

O ator mostra que está consciente de que os outros estão ali, embora não os transforme em objeto de qualquer curiosidade especial. Assim, os olhos de uma pessoa podem rapidamente se cruzar com os da outra, mas em geral não se permite qualquer “reconhecimento”. [...] A desatenção civil, como todos os outros aspectos do monitoramento do corpo e de seus gestos, exige uma atenção constante para o detalhe. Sua importância está em que cada indivíduo dá a entender aos outros que ele(a) não tem qualquer razão para temê-los e vice-versa. O gerenciamento da desatenção civil exige que o olhar não seja nem direto demais nem abertamente evitado ou “defensivamente dramático”. (GIDDENS, 1987, p. 304)

Embora Giddens, retomando a teoria de Goffman, refira-se ao conjunto de relações que os indivíduos observados têm entre si, utilizo a noção de desatenção civil para explicar minha tática, enquanto pesquisadora, de movimentação no ambiente explorado e na interação com o objeto de pesquisa.

Se antes a minha preocupação era a de analisar o modo como a troca de olhares se faz importante no processo de aproximação entre os swingers, agora, o objetivo é o de esclarecer minha posição dentro do espaço visitado. Por isso, considere “que mesmo o contato visual pode ser, acima de tudo, ambíguo e cauteloso. Um ator que deseja controlar os encontros aos quais provavelmente estará submetido em determinado ambiente evitará, de forma intencional, alguns contatos visuais” (GIDDENS, 1987, p. 305-306). Neste caso, o “ator” em questão era eu, a investigadora.

De maneira similar, quando subíamos para o segundo andar, nos preocupávamos em ocupar certos locais estratégicos onde eu pudesse ver as ações que aconteciam nos cômodos coletivos, ao mesmo tempo em que tentava não ficar muito exposta. Como dito, não vivenciei, nos quatro meses de idas ao campo, nenhum tipo de inconveniência por parte dos clientes e isso facilitou nossa circulação. Sendo assim, é importante ressaltar que a observação participante limitou-se ao olhar atento, mas distante, das cenas e dos deslocamentos dos swingers e solteiros pelas dependências da boate.

A impressão inicial foi a de que muitas das pessoas ali presentes já se conheciam previamente. Grupos conversavam entre si ou já adentravam a pista juntos. Mais tarde, entendi o porquê desta sensação: o Casal Pimenta é moderador de uma rede social de swingers. Eles administram um site no qual casais e solteiros interessados pela prática podem trocar informações e fotos, bem como se anunciar para futuros encontros sexuais. Eles usam apelidos, tanto no mundo virtual como também no mundo real – na entrada, são esses os

apelidos anotados por Bianca. A festa do Casal Pimenta tornou-se, então, ponto de encontro privilegiado para essas pessoas, com a presença recorrente nos eventos.<sup>20</sup>

Quando encontrei Bernardo<sup>21</sup>, o Sr. Pimenta, pela primeira vez na boate, ele me cumprimentou de modo amigável e disse que só pagaríamos o que consumíssemos. Pediu que ficássemos à vontade e o esperássemos até que se liberasse dos afazeres da organização das atrações da festa para conversar com calma. E mais: iria anunciar ao microfone minha presença e pedir que outros casais também conversarem comigo.<sup>22</sup> Neste instante, minhas intenções de passar despercebida desintegraram-se. A estratégia inicial de abordagem foi de todo modificada, pois todos os presentes na noite saberiam quem eu era e o que estava fazendo.

Prometido e feito. À meia-noite e meia, ponto auge da noite, antes dos shows de *strip-tease* masculino e feminino, Bernardo dirigiu-se ao palco com o microfone na mão. O DJ diminuiu o som e o Sr. Pimenta deu as boas-vindas ao público presente. Nas mãos, o caderninho que estava com Bianca na recepção. Sem demora, ele começou a ditar os apelidos dos clientes – contei pelo menos 20. Em meio a agradecimentos (“Obrigado por terem vindo!”, “Muito bom tê-los conosco outra vez!”) e provocações (“Hoje você está linda, hein?”, “Não esqueci o que que *tu fez* [sic] no aniversário da Sra. Pimenta, não!”), um a um os nomes foram propalados. Bernardo ainda divulgou os próximos eventos do mês e incentivou os parabéns coletivos ao casal que estaria completando dez anos de união naquele dia.<sup>23</sup> Antes de terminar sua participação, ele desceu do palco, me chamou para ficar do lado dele e disse: “Senhoras e senhores, nós hoje seremos cobaias de um estudo científico”. Risos envergonhados correram a pista. Ele, então, me apresentou como “uma antropóloga estudiosa do swing” que estaria na casa para observá-los. Ressaltou que quem quisesse conversar comigo seria muito bem recebido e daria grande ajuda para a pesquisa<sup>24</sup>. Por fim, me deu as

<sup>20</sup> Eu mesma, depois da segunda incursão a campo, já começava a reconhecer alguns casais e solteiros assíduos.

<sup>21</sup> O *promoter* tem 50 anos, é alto, magro, cabelos grisalhos e óculos. Em todas as festas em que estive presente, ele vestia calça jeans, blusa casual e sapato social.

<sup>22</sup> Anotei, no meu caderno de campo: “Percebo a intenção dele de ser honesto com os clientes sobre minha presença, mas também como uma maneira de me ‘enturmar’ na rede daqueles swingers, me apresentando a eles”.

<sup>23</sup> O roteiro de boas-vindas é repetido todos os sábados pelo *promoter*: ele sobe ao palco por volta da meia-noite, enumera os apelidos dos casais e solteiros presentes, anuncia as atrações especiais da noite – e dos sábados seguintes – e se despede do público desejando-lhes boa noite.

<sup>24</sup> De fato o convite funcionou. No final da noite, enquanto Felipe e eu estávamos em pé no bar tomando um refrigerante, um casal se aproximou e o rapaz puxou assunto: “Então você é a professora que está nos estudando? Diz aí, o que você quer saber? A gente conversa contigo.” Alexandre e Eloísa, o Casal Aleísa – apelido usado nas redes sociais de swinger – conversaram comigo o restante da noite e se transformaram em importantes informantes desta pesquisa.



boas-vindas e anunciou o show ao vivo do cantor Fabiano<sup>25</sup>, prestes a começar. O DJ aumentou o som e o artista caminhou até o palco pela rampa do lado esquerdo.

Fabiano cantou todos os sábados em que fui à boate. Seu nome aparece no material de divulgação da festa e o show serve como um preparativo para os *strip-teases* subsequentes. Ele interpreta músicas de sucesso de diversos gêneros: funk, MPB, anos 80, sertanejo e pop, interagindo com a plateia, que responde, mantendo o clima divertido e provocativo da noite.<sup>26</sup> Após quase uma hora de apresentação, o cantor se despede e dá lugar às performances eróticas.

As apresentações começam à meia-noite e meia e seguem sempre a mesma ordem: a sessão do cantor Fabiano, em seguida as coreografias dos dançarinos sensuais (primeiro, o homem, depois, a mulher) e por fim, a atração especial da noite (um músico diferente, um grupo de dança ou um show erótico especial). Depois disso, segue-se o *setlist* do DJ durante toda a noite, até por volta das 4 horas da manhã. O Sr. Pimenta é quem anuncia, ao microfone, cada uma das apresentações. Nos momentos iniciais da noite, o andar inferior fica cheio, os clientes consomem bebidas alcólicas, conversam, dançam e há pouca movimentação nos outros ambientes da casa, salvo a área externa do segundo andar, utilizada pelos clientes fumantes.

Os shows de *strip-tease* organizam-se de maneira bem parecida, embora as ações dos sujeitos durante as apresentações sejam diferentes. Tanto homens como mulheres, fantasiados, começam as performances no palco. Após o despir preliminar de alguns acessórios, mas ainda com a maior parte das roupas, eles descem pela escada até à pista e buscam dançar com – e para – os presentes. Os homens, em interações exclusivamente heterossexuais, dirigem-se às clientes, tiram a camisa e oferecem seus abdomes torneados às carícias delas. É muito comum que eles esfreguem as mãos delas em suas virilhas, por fora e por dentro da calça. As dançarinas também iniciam o contato com outras mulheres. Assim que chegam à pista de dança, as *stripers* convidam as moças para participar da performance. Elas dançam, se tocam e se exibem. Não raro, porém, as *stripers* também interagem com os homens presentes. Em

---

<sup>25</sup> Nome fictício

<sup>26</sup> Em certa ocasião, quatro clientes, amigas, que desde o início da noite curtiam junto com seus parceiros as músicas de Fabiano, subiram ao palco para dançar funk junto com o cantor. Uma delas, como anunciou o Sr. Pimenta, era a aniversariante do dia. Enquanto elas dançavam sensualmente, Fabiano transformou-se em um *entretinimen*, elogiando as meninas, pedindo aplausos da plateia e estimulando um *strip-tease*. A aniversariante começou, de modo tímido, a tirar a roupa, mas não deu continuidade ao ato, arrancando gritos de “Por que parou? Parou por quê?”. A música acaba e ela e as amigas descem do palco, aplaudidas. Outra cliente, que também comemorava a data, sobe ao palco e o Sr. Pimenta diz: “Aqui quem faz aniversário tem que tirar a roupa!”. Todos riem. Ela inicia um *strip-tease*, tira a calcinha e em seguida desce do palco. Mais tarde, um bolo foi servido para os presentes.

geral, eles permanecem sentados, acariciando-as enquanto são provocados. Dessa forma, percebe-se como a dançarina erótica constrói uma relação bissexual com os expectadores, ao passo que o dançarino não propõe tal possibilidade.

Esta configuração de interação entre os profissionais e os clientes não é exclusiva das festas de swing. Outros eventos eróticos heterossexuais em que existe a presença de *stripers* tendem a seguir esta mesma lógica. No swing, em especial, este momento antecede o reconhecimento de uma tendência sobre as práticas que se reproduzem nos intercursos sexuais propriamente ditos: há uma valorização do bi feminino, embora o bi masculino seja evitado.

A antropóloga Olívia Von Der Weid, em seu trabalho sobre troca de casais (2010), problematiza a questão do bi masculino e feminino a partir da fala de seus informantes. Embora este aspecto de valorização e evitação das relações bissexuais represente uma organização sexual mais ampla, que também envolve a subserviência da sexualidade feminina aos desejos dos homens – sendo o *girls on girls*<sup>27</sup> a imagem clássica de fetiche masculino – as entrevistadas de Weid viam esse tema motivado por outros caminhos.

Weid constrói uma extensa discussão sobre a evitação das relações entre homens no swing. Remontando a estudos clássicos sobre a temática da “sexualidade ameaçada” desenvolvidos por Peter Fry (1982, 1985) e Richard Parker (1991), a autora elabora uma análise importante sobre como o contato físico com outros homens, no contexto do swing, poderia resultar em um questionamento sobre as preferências sexuais desses sujeitos. O leitor é remetido às falas e situações observadas pela antropóloga nas quais os homens recusariam de forma explícita a aproximação com outros homens. Evidencia-se, neste momento, a ligação direta feita por tais indivíduos entre sexo fisiológico, identidade de gênero, comportamento sexual e orientação sexual (WEID, 2010). Observa-se uma clara rejeição da homossexualidade masculina, enquanto, no caso feminino, a aproximação física entre mulheres coloca-se de maneira distinta:

Entre as mulheres, portanto, diferentemente do que ocorre no caso masculino, a prática bissexual é vista com uma certa naturalidade e parte tanto do incentivo de seus parceiros, quanto da iniciativa delas próprias. Praticar o bissexualismo no swing não “contamina” a identidade de gênero feminina. Apesar de se relacionarem sexualmente com outras mulheres, não adotam uma identidade homossexual. (WEID, 2010, p. 83)

---

<sup>27</sup> ‘Garotas com garotas’ refere-se às cenas eróticas envolvendo somente duas mulheres. Muito comum no mundo pornô, a expressão *girls on girls* tornou-se uma categoria específica de vídeos pornográficos voltados primordialmente para o público masculino, ainda que também atenda ao público lésbico.

Além da “segurança” de não ter suas identidades perturbadas, em alguns casos as informantes relatavam um sentimento de liberação sexual, considerando o ambiente da troca de casais propício para experimentações sem as acusações do meio (WEID, 2010).

De fato, desde a visitação aos locais de swing até o contato com adeptos (antes e durante a pesquisa), percebi que, para além do olhar treinado a partir das discussões sobre assimetrias de gênero e dominação masculina,<sup>28</sup> é possível (re)interpretar aquele cenário levando em consideração o potencial empoderamento feminino que pode ser alcançado a partir da prática do swing, em um contexto urbano e brasileiro. Minha intenção, porém, não é descartar padrões sexuais opressivos incutidos nas mulheres nesta conjuntura, mas sim abrir possibilidades para outras perspectivas capazes de levar em consideração o que se apresentou em campo e na literatura sobre o assunto.

É fundamental frisar que os frequentadores das festas swingers estão inseridos necessariamente em estruturas e relações sociais mais abrangentes, o que os torna suscetíveis à reprodução de convenções culturais. Saliento, contudo, que eles também podem atuar como atores transformadores de determinadas condutas, a exemplo de Alexandre, componente masculino do Casal Aleísa, que na entrevista concedida em campo, relatou já ter se relacionado com outros homens no swing. Apesar de manter esta informação oculta da maioria dos casais adeptos com quem constituiu uma rede de amizade, Alexandre conta que têm a impressão de que este *tabu* vem sofrendo mudanças. Bernardo, o Sr. Pimenta, também corroborou, no encontro que tivemos, com tal palpíte.

Retomando as performances dos dançarinos, em seguida à descida do palco, tanto os rapazes como as moças simulam posições sexuais com as/os clientes dispostos a acompanhá-los. A plateia reage com gritos de incentivos ou elogios. Antes de finalizar o show, os *stripers* sobem outra vez ao palco e tiram o restante das roupas. Os homens exibem o pênis ereto durante alguns segundos e logo agradecem a atenção, sinalizando o fim do show. Eles seguem rapidamente pela rampa, escondendo a genitália, até desaparecerem. De maneira diferente, as mulheres, nuas, permanecem ainda alguns minutos no palco, interpretando movimentos sensuais. Esta última etapa da coreografia encerra-se com as dançarinas retirando-se de forma vagarosa do palco, às vezes recolhendo seus pertences.

Na questão da vestimenta usada pelos swingers, esta não variou muito de uma noite para outra ou entre as boates visitadas, salvo em eventos especiais envolvendo fantasias ou que sugeriam aos clientes que ficassem nus ou seminus. As roupas funcionam como um

---

<sup>28</sup> Para o conceito de dominação masculina, cf. Bourdieu (2010). Para o desdobramento do conceito na prática do swing cf. Welzer-Lang (2001).

indicativo dos papéis de gênero esperados de cada sujeito e de como elas seriam pensadas para a troca de casais propriamente dita, tanto no sentido simbólico da sedução, como no sentido prático da facilitação dos contatos sexuais.

As mulheres usaram, no mais das vezes, roupas curtas, justas, e saltos altos. Mesmo nos dias em que choveu ou a sensação térmica na cidade era baixa, elas vestiam alguma variação deste modelo: meia-calça com vestido curto, botas de salto alto, casacos por cima da roupa justa, etc. E ainda assim sem muita predominância. Além de mim, que usei sapatilhas sem salto durante todas as idas a campo, as sandálias rasteiras, tênis ou sapatos sociais baixos eram raríssimos entre as mulheres.

A análise da indumentária pode ser elaborada através das considerações sobre erotismo e os consequentes estímulos visuais que esse tipo de vestimenta gera nos expectadores, tanto pelo fetiche que algumas peças de roupa provocam nos indivíduos desejantes (sapatos de salto altos, decotes, etc.), quanto pela valorização das partes do corpo feminino consideradas sexualmente atraentes nesse momento inicial da interação (pernas, glúteos e seios). O exame desta conduta também pode ser elaborado pelo viés da conformidade de gênero, ou seja, do reconhecimento da existência de uma responsabilidade atribuída ao feminino na construção de uma imagem sexualmente cobiçada. Tanto que são elas quem mais aparentam uma pré-produção do “figurino” para o swing, e suas roupas e acessórios são, sem dúvidas, mais elaborados do que os masculinos.

Os dois vieses de análise não devem ser excludentes – tanto erotismo como performances de gênero<sup>29</sup> se sobrepõem e se complementam em diversos níveis da investigação e observação. De maneira suplementar, no swing, outro elemento também merece ser incluído na interpretação pretendida sobre o significado que a roupa assume em um contexto de troca de casais: o sentido prático e estratégico revelado na escolha de determinadas peças. Como muitas interações sexuais entre os indivíduos em situação de swing ocorrem nos corredores, nas estruturas diferenciadas (como é o caso do ‘labirinto’) ou na pista de dança, roupas “práticas” são bem-vindas. Nem sempre é possível ou almejado manter relações sexuais nas camas ou nas cabines privativas, lugares onde seriam proporcionado maior conforto, espaço e tempo para o encontro. Os vestidos ou saias curtas podem ser rapidamente levantados, possibilitando um contato sexual imediato – como a masturbação ou penetração – evitando a retirada completa das vestimentas. Em paralelo, Weid nos informa que “segundo os entrevistados, a mulher que está de calça em um ambiente

---

<sup>29</sup> No sentido atribuído por Judith Butler (2003).

como este procura alguma forma de proteção” (WEID, 2010, p. 85), evidenciando, com isso, que a escolha da roupa também faz parte dos códigos elaborados e percebidos pelos swingers durante a festa. O uso de calças ou indumentária diferente das aqui descritas denunciariam um casal novato, inexperiente ou que não estaria a fim de, a-princípio, participar das situações de *pegação*.

Os homens também não variavam quanto ao tipo de roupa. Porém, diferentemente das mulheres, as vestimentas masculinas mantinham a uniformidade até nos detalhes. Enquanto os vestidos e sapatos femininos se diversificavam em cor, textura, forma e tamanho, as camisas e calças masculinas seguiam quase sempre o mesmo modelo (camisas polo ou de algodão e calças cumpridas jeans) e a mesma cor (tons escuros, de preferência o preto). Nos pés, tênis, ou, raramente, sapatos sociais. Esse padrão masculino reforça as questões levantadas antes sobre a construção do erotismo a partir do corpo da mulher e da performance de gênero delas esperada. Aos homens cabe parecerem bonitos e asseados, mas nenhum apelo sexual é demandado de suas roupas, e isso, inclusive, permite o uso do mesmo tipo de combinação em qualquer outra ocasião social informal, ao passo que, para algumas mulheres, a roupa escolhida para o swing deve ser especialmente pensada para tal circunstância (WEID, 2010).

No quesito ‘praticidade’, os homens, em geral, não ficam *seminus* quando estão interagindo sexualmente nos corredores ou cabines coletivas. A retirada da camisa é comum, mas não tão recorrente: varia conforme o esforço físico necessário para executar determinadas posições ou ritmos sexuais. As calças são desabotoadas e os zíperes abertos para viabilizar a retirada do pênis e sua manipulação.

A partir das idas à boate, notei que por volta de uma e meia da manhã, a pista de dança se esvaziou e os casais e solteiros espalharam-se pela casa. Na primeira visita à boate, observei que às três horas, cinco das seis cabines privativas do segundo andar estavam com as portas fechadas.<sup>30</sup> Esses cômodos são os lugares onde ocorrem as trocas de casais propriamente ditas (ou *fullswap*), e mostram a escolha dos clientes por não serem observados.

O movimento no corredor ao lado variava, ora com cenas de sexo em alguma cama, ora apenas com as pessoas caminhando e olhando os quartos. Nesses espaços abertos, com frequência, os casais transam com seus parceiros, predominando a prática do voyeurismo, do exibicionismo, o *swing light* e o *soft swing*. Pôde-se notar, em todas as noites observadas, a

---

<sup>30</sup> O principal código de proibição da circulação de outras pessoas pelos espaços do segundo andar é a porta trancada. Mesmo nas cabines privativas, espaço onde se pressupõe exclusividade entre os participantes, quando a porta está aberta ou encostada assume-se que o casal está permitindo a aproximação de outros casais. Salvo as portas trancadas, todos os lugares permitem livre acesso dos clientes da noite.

existência, no chão e nas lixeiras das cabines (ou do ‘labirinto’), de um número considerável de envelopes abertos de preservativos masculinos e mesmo de camisinhas usadas, indicando seu uso por pelo menos boa parcela dos frequentadores das noites.

Por volta das quatro da manhã, os últimos casais e solteiros descem as escadas, fazem fila para pagar a comanda e saem da boate, a maioria em seus próprios carros. Bianca e Bernardo ficam do lado de fora da casa e se despedem dos clientes, conversando brevemente sobre a noite e convidando-os a retornarem em futuras festas.

## 2 OS ATORES DO SWING

Ainda que os estudos sobre swing apontem para a dificuldade em se traçar um tipo específico de adepto – tendo em vista o fato de o grupo de praticantes ser bastante heterogêneo – os resultados de grande parte das pesquisas sobre o tema demonstram certas características recorrentes. Assim, alguns aspectos socioculturais comuns à maioria dos adeptos puderam ser elencados ao longo deste capítulo.

Começo tecendo considerações acerca dos dados sociodemográficos contidos em pesquisas quantitativas realizadas com grandes amostras de swingers e os desdobramentos desses resultados nas etnografias produzidas sobre o tema. Em seguida, elaboro reflexões sobre o contexto moderno no qual esses casais se situam e quais as influências que determinados valores têm sobre a prática e seus adeptos. Apresento, também, ponderações a respeito das maneiras como o swing é representado tanto pelos iniciados quanto pelos não iniciados e as diferenças em comparação com outras relações não exclusivistas, especificamente o poliamor.

A diante, analiso um dos pontos mais ambíguos da prática: a iniciação do casal no meio swinger. Elaboro uma breve discussão acerca de como ocorre, em geral, o desencadear das etapas percorridas pelos sujeitos no swing, desde o primeiro contato até a entrada efetiva neste universo. Reflito sobre as questões de gênero presentes neste momento inicial, as motivações dos casais e as possíveis repercussões sociais da escolha pela troca de casais.

O terceiro tópico é dedicado à influência da internet na maior divulgação do swing, bem como no desenrolar de algumas transformações relatadas em campo. A existência de comunidades virtuais para adeptos, a maior velocidade de circulação das informações e a facilidade em se contatar outros praticantes atuam como fatores importantes para as caracterizar os swingers atuais.

Por último, identifico alguns aspectos particulares da trajetória swinger e as possíveis consequências para os casais que se aventuram neste mundo.

O foco do capítulo é, portanto, analisar quais características dos sujeitos que aderem ao swing, reconhecer os valores que os informam, destacar as etapas que traçam ao longo de seus percursos na prática e refletir sobre algumas das principais questões que envolvem este grupo social.

## 2.1 Quem são os swingers?

A primeira onda de estudos internacionais sobre o swing foram os trabalhos quantitativos desenvolvidos entre as décadas de 1970 e 1980 e realizados predominantemente por pesquisadores norte-americanos. Tais publicações usavam como metodologia de abordagem a distribuição de questionários a amplas amostras de adeptos daquele país.<sup>31</sup> O objetivo principal destas investigações era o de entender quais seriam os motivos que levavam casais a praticarem o swing. De maneira complementar, previa-se, a partir dos resultados, a possibilidade de traçar um perfil sociocultural dos swingers (JENKS, 1998; SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010).

A segunda onda de trabalhos sobre o tema aconteceu entre o final dos anos 1990 e o início da década de 2000. Ainda sobre o efeito dos métodos quantitativos, a nova leva de publicações manteve, em grande parte, a utilização de questionários (BERGSTRAND e WILLIANS, 2010; JENKS, 1998). Entretanto, viu-se surgir outro grupo de pesquisadores, estes recorrendo aos métodos qualitativos de análise. Além de oferecerem uma perspectiva diferente, já que se desenvolveram pesquisas também na América Latina (OREJUELA, PIEDRAHITA, RENZA, 2012; WEID, 2010) e na Europa (BÉRTOLO, 2010; SILVÉRIO, 2014; WELZER-LANG, 2001), os estudos de cunho antropológico e etnográfico atualizaram a agenda de questões científicas acerca do swing. Os pesquisadores buscaram refletir acerca de outros temas relacionados à troca de casais, como as consequências da prática para o relacionamento afetivo-sexual moderno, a popularização das conjugalidades não monogâmicas e os efeitos gerados para os swingers com o advento e impacto da Aids, etc. Em suma, tais pesquisas procuraram entender as transformações ocorridas nesse universo nos últimos 20 anos, somadas às preocupações iniciais em estabelecer um “praticante padrão” (BERGSTRAND e WILLIANS, 2010; JENKS, 1992; RUBIN, 2001).

Dentre os elementos demográficos consta o que diz respeito à cor da pele e à classe social desses sujeitos. Tanto os estudos das décadas de 1970 e 1980 quanto as publicações mais recentes afirmam que casais brancos de classe média e média alta são os que predominam no meio swinger (BARTELL, 1972; BERGSTRAND e WILLIANS, 2010; FANG, 1976; JENKS, 1998; SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010). Mas é importante notar que a maioria dos trabalhos realizados teve como informantes moradores das camadas médias

---

<sup>31</sup> Cabe ressaltar uma importante exceção: em 1972, o antropólogo Gilbert Bartel elaborou uma pesquisa nos estados americanos de Illinois, Texas e Louisiana, na qual utilizou duas abordagens da pesquisa social, ou seja, além de questionários, ele participou de encontros e entrevistou mais de 200 casais, optando por uma análise qualitativa de seus dados.



urbanas, dos grandes centros ou subúrbios próximos. Dessa forma, a proeminência de homens e mulheres brancos é compreensível, uma vez que tais regiões concentram esse perfil de população.

Em seu trabalho, Gilbert Bartell vai além, e aponta para a existência de um discurso, entre os adeptos americanos dos anos 1960 e 1970, preconceituoso e racista. Para justificar suas impressões, o antropólogo e sua esposa recolheram referências diretas de racismo em anúncios de swingers (como, por exemplo, os dizeres “somente brancos”), e ressaltaram o fato de não tomarem conhecimento de nenhum casal negro convidado para uma das festas frequentada por eles durante a aplicação da pesquisa (BARTELL, 1972, p. 29).

Todavia, Bartell assinala que “já os pesquisadores de São Francisco e Los Angeles disseram que procuraram negros por lá e que são muito populares nas festas – outra indicação de que os swingers comportam-se de acordo com seu meio cultural” (BARTELL, 1972, p. 30). A assertiva inspira a compreensão da questão da cor e da classe social dos swingers como uma variante determinada pelo espaço relativo ocupado por tais pessoas na malha urbana e não enquanto um fator precedente à entrada dos indivíduos neste universo.

Como descrito no capítulo anterior, fica claro como no caso brasileiro, o público-alvo dos eventos swingers varia de acordo com o espaço geográfico em que se localiza cada boate no espaço geográfico da cidade. De acordo com Velho (2000), o distanciamento físico dos sujeitos também acarreta distâncias simbólicas através da expressão de preceitos morais distintos, informando de maneira diversa indivíduos moradores das áreas mais nobres e das regiões mais periféricas. A pesquisa de campo realizada para esta dissertação aponta uma maior incidência de indivíduos negros nas festas da Zona Oeste do Rio de Janeiro do que na casa de swing da Zona Sul, área mais nobre da cidade.

No que se refere aos indicadores da faixa etária dos adeptos, estes variam muito. Em geral, a idade média entre os swingers é de 39 anos (JENKS, 1998), mas existem pesquisas que relatam adeptos de 18 a 65 anos (BARTELL, 1972; WEID, 2010). Os estudos indicam que as mulheres são, na absoluta maioria das vezes, mais jovens (BARTELL, 1972; BERGSTRAND e WILLIANS, 2010; FANG, 1976; JENKS, 1998; SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010). A questão da idade é retratada como uma característica recorrente no imaginário social acerca dos ambientes swingers (WEID, 2010). O universo da troca de casais é entendido, tanto por adeptos quanto por curiosos, como um ambiente onde prevalecem pessoas maduras e estabelecidas em suas carreiras de trabalho e família. O nível de escolarização superior e a alta incidência de profissionais liberais também são pontos recorrentes nos grupos analisados, assim como o fato de já terem sido casados com outros parceiros e terem filhos

(BERGSTRAND e WILLIANS, 2010). As publicações estadunidenses também mostram que os adeptos do swing americanos tendem a apresentar um posicionamento mais liberal em comparação aos não praticantes, sobretudo em temas como divórcio, pornografia, aborto e homossexualidade, embora no quesito “identificação partidária”, o número de indivíduos que disseram se alinhar ao Partido Republicano – mais conservador – seja parecido com o dos que se autodeclararam eleitores do Partido Democrata – mais progressista (JENKS, 1998; BARTELL, 1971).

O perfil dos sujeitos adeptos também deve ser investigado a partir da análise das relações estruturadas por trás das cosmovisões dos swingers. Tendo em mente que esses indivíduos estão inseridos em uma realidade social mais abrangente, o estudo do comportamento e dos valores swingers nos ajuda a entendê-los, bem como a pensar sobre os desdobramentos de algumas questões da sexualidade contemporânea.

A questão inicial diz respeito ao sentido que a prática do swing assume para os adeptos. Na entrevista com o Casal Pimenta, Bernardo definiu o que seria o swing:

Para mim é um estilo de vida. É a mesma coisa de um cara que diz assim: “Eu sou naturista. Vou para praia de nudismo, fico pelado porque eu fico em contato com a natureza”... é um estilo de vida. Para mim, swing é um estilo de vida.

A caracterização do swing enquanto estilo de vida é recorrente nos estudos etnográficos sobre o tema (BARTELL, 1972; SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010). Tal atributo está intimamente ligado ao discurso da liberdade sexual e à incorporação deste enunciado pelos adeptos. Sendo assim, o swing se constrói através da oposição aos tipos de relacionamentos exclusivistas, tornando-se, do ponto de vista dos praticantes, uma saída viável aos repertórios predefinidos indicativos da maneira “certa” de vivenciar os relacionamentos afetivo-sexuais.

Deste modo, concebe-se a oportunidade para a experimentação de diversos outros modelos de conjugalidade, e a troca de casais poderá ser compreendida como parte do movimento de desconstrução de um tipo “natural” de relação. Nas palavras de Bernardo,

[...] o swing é a liberação das pessoas, dos casais, de sair daquela coisa dos dogmas: “Um é dono do outro”, “Um só pode ficar com o outro”. A separação do amor e do sexo, acho que é muito clara hoje em dia. Antigamente você só podia fazer sexo com quem você amava, hoje você pode fazer sexo por fazer sexo. Então para mim swing é isso, a liberação do sexo. Do sexo pelo sexo.

No trabalho da antropóloga Olívia von de Weid (2010), o discurso de seus informantes reforça a ideia de que praticar swing é pertencer a um “mundo liberal”, ali representado pela

livre experimentação dos desejos e da proeminência de comportamentos “inovadores” frente ao “tradicional” (DUARTE, 1999). Os swingers portugueses analisados por Maria Silvério (2014) também se identificam com o estilo de vida “liberal”.

Segundo os sociólogos americanos Curtis Bergstrand e Jennifer Williams (2010), o investimento dos indivíduos em um estilo de vida alternativo transforma o swing em uma relação fundamentalmente *desviante* do modelo de amor romântico ocidental. À luz dos autores, a combinação da não monogamia sexual com a monogamia emocional estimula o interesse de curiosos e cientistas sociais, ao mesmo tempo em que contradiz a tese de que as monogamias sexual e emocional são mutuamente reforçadas e inseparáveis.

“Ser desviante” confere ao swing um status de atividade marginalizada. Esta marginalidade imputa aos adeptos da prática o medo de serem descobertos (JENKS, 1998; WEID, 2010), pois a classificação de um comportamento como desviante denuncia as fronteiras do dito “normal” e, em última instância, pode apresentar algum tipo de ameaça à ordem social vigente, construída sob certos preceitos consolidados (VELHO, 2002). Por apontarem crises nos padrões morais que conferem sentido à normatividade hegemônica, a explanação de um desvio gera a rejeição daqueles que apresentam tal comportamento. No caso aqui analisado, a maior “ameaça” gerada pelo estilo de vida swinger é o da quebra da monogamia sexual compulsória. De maneira complementar, o swing também intimida os casais não iniciados a partir do instante no qual sugere que os parceiros de uma díade podem ser, potencialmente, parceiros de outras pessoas.

O receio das repressórias sociais se desdobra na intenção dos adeptos em separar a “vida liberal” das outras esferas de socialização. Conversando com o Casal Aleísa – o casal que me abordou em uma das festas visitadas – Alexandre me explicou que os dois faziam questão de não comentar sobre suas experiências sexuais em ambiente familiar ou na vizinhança. Entre os informantes de Weid (2010), um dos maiores medos era o de serem descobertos em seus locais de trabalho. Já Bartell (1971) descreveu como os casais de swingers americanos utilizavam estratégias específicas para se encontrarem sem que seus filhos notassem.

O segredo em torno da condição swinger protegeria os praticantes de acusações morais, resguardando-os dos possíveis constrangimentos sociais acarretados pela exposição do estilo de vida alternativo. Ainda que haja um forte receio em serem descobertos, os adeptos tendem a não manifestar dilemas éticos ou morais acerca do estilo de vida adotado. De acordo com alguns autores, o sigilo muitas vezes pode ser convertido em *excitação* (SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010).

O “estranhamento” social quanto ao exercício das atividades do swing pode ser interpretado de acordo com Rubin (2003), quando esta afirma estarem as práticas sexuais hierarquicamente classificadas na sociedade em um formato análogo ao de uma *pirâmide*. No topo, segundo ela, encontrar-se-ia o casal heterossexual monogâmico reprodutivo e não promíscuo, ou seja, o modelo de “normalidade”, aquele contra o qual não há objeções morais. Logo, deduz a autora, o prestígio sexual teria como elementos fundadores a monogamia sexual, a castidade dos sujeitos e a reprodução da espécie. Por consequência, o julgamento das demais práticas como bizarras e/ou inferiores se dá em comparação a este modo instituído de viver a sexualidade.

Distanciando-se do topo da hierarquia, acomodando-se no ruído entre o “normal” e a realidade múltipla,

[...] seguem outras situações escalonadas na hierarquia valorativa, em posição decrescente: casais heterossexuais monogâmicos não casados; solteiros com vida sexual ativa; casais estáveis de gays e lésbicas; gays solteiros sem vida promíscua; gays solteiros com vida promíscua; fetichistas; S/M (sodomasoquistas); posições não masculinas ou femininas (travestis, dragqueens etc.); sexo pago; sexo intergeracional (em particular, o que se dá entre adultos e menores de idade). (GREGORI, 2004, p. 240-241)

Ainda que o rompimento com a monogamia sexual seja elemento essencial ao swing, outras características dos adeptos demonstram que, por mais que a prática não cumpra todos os critérios de uma atividade sexual “normal”, ela não está distante dos níveis hierárquicos mais altos da classificação sexual. O compromisso matrimonial é garantido e as relações heterossexuais preferenciais. Porém, percebe-se como os interditos sexuais em torno da prática da troca de casais – e de relações conjugais não exclusivistas em geral – prevalecem, mesmo quando as condições de realização deste estilo de vida ‘alternativo’ se mostram tão similares às da normatividade vigente.

Becker (1977), em estudo sobre desvio, afirma que os grupos assim rotulados elaboram uma racionalidade própria, ou seja, uma ideologia específica capaz de sustentar os motivos de permanência dos indivíduos em suas condutas. De acordo com o autor, a ideologia construída se faz valer, na maior parte das vezes, por meio do repúdio ao mundo convencional e às regras nele impostas. No caso swinger, a racionalidade contruída tende a evidenciar a ideia de que os indivíduos, comprometidos ou não, desejam experimentar uma gama variada de atividades sexuais. Esta concordância possibilita aos pares do casal explorar, juntos, suas “inevitáveis” fantasias, sem sofrimento ou culpa.

Em entrevista no trabalho de campo, tanto Bernardo quanto Bianca argumentam nessa perspectiva:

**Ele:** Aí eu falei para ela: “Eu não quero viver uma vida de controle, não quero viver uma vida de mentira. Tu vai ficar comigo 200 anos e não vai querer dar para outro cara, não vai ter interesse em outro cara? Isso é história, não existe isso. Então eu quero que seja uma coisa aberta e tal” e propus [que ela ficasse] com outro cara.

**Ela:** A gente não segue aquelas regrinhas de “isso pode”, “isso não pode”. A gente tem a liberdade de falar um para o outro o que sentiu e o que deu vontade de fazer... alguém que chamou a atenção... A gente tem a liberdade de viver sem hipocrisia. Como ele disse, a maioria das pessoas hoje que vive[m] um relacionamento normal, finge[m], mente[m] em algum momento, muitas vezes. A gente não precisa disso, a gente não trai.

Por conseguinte, é comum os praticantes reproduzirem um valor presente na estrutura social na qual vivem, a saber, o culto ao prazer, ou hedonismo. Tal ética hedonista “é um dos traços mais característicos da inflexão moderna na cultura ocidental e certamente se associa ao processo de requalificação do ‘erotismo’ no quadro das fontes específicas de prazer”, (DUARTE, 2004). Assim sendo, os swingers assumem certos preceitos na justificativa de suas práticas: a busca por relações sexuais orientadas pelo prazer e o caráter erótico, logo, excitante, dos encontros swingers.

Os aspectos aqui descritos – adoção de estilos de vida alternativos, exaltação da liberdade sexual, desconstrução dos modelos conjugais tradicionais, hedonismo, etc. – remontam a um contexto social contemporâneo e urbano, que tem nos valores do individualismo moderno suas bases de sustentação (DUARTE, 2004; HEILBORN, 2004; VELHO, 2000). De acordo com Dumont (1985), na modernidade, o indivíduo, assume-se enquanto elemento central das relações humanas, a primeira elaboração cultural singularizante dos entes sociais. A emergência da noção de indivíduo enquanto valor moral desencadeou o movimento ocidental de “desentranhamento do mundo” (DUARTE, 2004), isto é, a separação das esferas da política, da filosofia, da moral, da religião e da economia. Deste processo contínuo, desenrola-se o evidenciamento de grupos humanos diversos, reivindicadores dos espaços sociais que antes os excluía.

Além disto, o individualismo, enquanto sistema de valores, “desprivilegia a totalidade mediante o deslocamento valorativo para a singularidade e a autonomia das partes” (HEILBORN, 2004, p. 25-26), apesar da renitente formação hierárquica das sociedades modernas. “O igualitarismo, que funda a configuração individualista, [...] firma-se por uma lógica de indiferenciação que aplaina as diferenças entre as entidades sociais” (HEILBORN, 1992). Em outras palavras, o individualismo moderno é construído a partir da propagação de uma ideologia igualitária das relações, em especial as desempenhadas dentro da díade

amorosa. É neste sentido que a antropóloga Maria Luiza Heilborn (2004) apresenta o modelo do casal igualitário:

O princípio da igualdade deve ser entendido com atualização da premissa básica do individualismo igualitário, o da recusa ao englobamento. A melhor expressão desse valor apresenta-se no casal através da rejeição às distinções estatutárias. Pode-se dizer que a configuração mediterrânea de família, que tem na ordenação hierárquica sua coluna vertebral, dissolve-se enquanto valor. A preeminência do masculino e sua associação com o mundo público são substituídas pelo princípio igualitário que institui a não demarcação de fronteiras entre os gêneros, uma vez que, percebidos como iguais, os indivíduos de ambos os sexos são portadores dos mesmos direitos. Outro traço significativo da perda de representatividade do modelo tradicional nesse contexto diz respeito ao modo como a questão da fidelidade é colocada no casal moderno (Heilborn, 1981). Não só as relações sexuais extraconjugais são admitidas para ambos os parceiros, dissolvendo-se por completo a ideia de um “duplo padrão de moralidade” (Pitt-Rivers, 1977), como o entendimento do que constitui a fidelidade altera-se. Fala-se antes em “lealdade” para designar a convenção da primazia conjugal, e não se descarta a possibilidade das relações extracasamento. (HEILBORN, 2004, p. 112)

Percebe-se o quanto o casal swinger pode ser reconhecido na descrição da autora. O sentido da prática, almejado pelos adeptos, é o de que as atividades propostas devem ser vivenciadas por casais, horizontalmente, com base nas duas premissas essenciais: o consentimento dos cônjuges e a negociação das regras. Além disso, as considerações de Heilborn sobre “fidelidade” e “lealdade” retratam bem as representações swinger, pois, a partir do momento em que a prática da troca de casais propõe a não monogamia sexual sem abrir mão dos laços matrimoniais preexistentes, ela mantém a *primazia conjugal* das díadas envolvidas.

Contudo, vale ressaltar que para os adeptos existiria uma condição fundamental a ser cumprida antes de se aventurar no meio swinger: o cenário conjugal anterior à iniciação não deve estar impregnado com crises amorosas ou conflitos profundos. “O swing não salva o casamento” foi uma frase recorrente ouvida em campo. A literatura sobre a prática, bem como os dados etnográficos levantados para a presente pesquisa, apontam que, para além da estabilidade, existem regras internas dos pares swingers acerca de quatro instâncias básicas: como se aproximar, até que ponto se envolver, com quem se relacionar e onde acontecerão os intercursos sexuais (BARTELL, 1972; JENKS, 1998; SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010).

A primeira – como se aproximar – se refere aos códigos de conduta existentes no meio swinger, os quais informam a maneira de proceder na aproximação sexual. O casal deve estabelecer previamente e dentro do conjunto de normas vigentes no espaço swinger, qual a maneira mais adequada de iniciar o contato com outros adeptos. A segunda – até que ponto se envolver – demarca a não abertura, por parte dos swinger, para a inclusão de um terceiro ou

quarto elemento conjugal em seus relacionamentos. O envolvimento afetivo com outras pessoas, praticantes ou não, deve ser evitado. A terceira regra – com quem se relacionar – especifica os acordos sobre as preferências sexuais do casal. Elementos como a aparência física, a reputação no meio swinger e até mesmo os aspectos e os odores advindos dos escolhidos são ponderados na hora de deliberar com quem irão se relacionar sexualmente. A quarta e última instância – onde acontecerão os intercursos sexuais – estabelece a preferência dos cônjuges em partilhar o mesmo local de seu parceiro, no momento do swing. Os adeptos estão, quase sempre, juntos, mas pode acontecer de circularem pelos ambientes sem seus acompanhantes.

As reflexões de Nobeit Elias (2011) sobre o processo civilizador se tornam úteis para pensar este tipo de administração do outro nas relações swingers. Na intenção de propor uma história dos costumes, o autor afirma que o avanço da civilização implica, necessariamente, no processo de autocontrole dos indivíduos que, nas sociedades ocidentais, está modelado para evitar embaraços frente a outros sujeitos. Para Elias, este processo acarretaria mudanças nos comedimentos emocionais, bem como nas próprias estruturas sociais. A modalidade de contenção de impulsos e dos modos de expressão corporal é naturalizada (a cada contexto social) e tornam-se não perceptível à consciência dos sujeitos.

Neste sentido, os casais swingers demonstram possuir um controle preciso das ações de seus parceiros, sob a condição de não gerarem constrangimentos. Ao contrário do que se supõe de uma atividade sexual não exclusivista, a prática da troca de casais possui rígidos mecanismos de gestão da conduta do outro. Com o tempo, grande parte das normas internas de cada casal “naturaliza-se” e não mais são percebidas pelos pares. Entretanto, a análise sistemática do comportamento e dos discursos dos adeptos me permite dizer que elas não desaparecem. Pelo contrário, cumprem importante função para a coesão afetiva destes casais.

Ressalto ainda, nesta parte do trabalho, uma importante diferença estipulada entre os swingers e outros sujeitos envolvidos em relacionamentos não monogâmicos. Como dito antes, o engajamento com a troca de casais é apenas uma das atividades possíveis dentro das conjugalidades não exclusivistas, com regras específicas de participação e valores próprios orientadores dos praticantes. Nem todos os adeptos da não monogamia querem ocupar o mesmo espaço social dos swingers e, por isso, buscam, por meio de seus interlocutores, construir fronteiras explícitas entre o swing e essas outras experiências afetivo-sexuais.

O principal grupo que almeja tal diferenciação é o de adeptos do poliamor. Entre os poliamoristas, o eixo central de sustentação enquanto grupo social particular é a recusa da monogamia como algo necessário em qualquer instância. Para os adeptos e simpatizantes, a

exclusividade conjugal, entendida tanto no âmbito afetivo como, por consequência, na esfera sexual, é um fator prejudicial sobretudo para o desenvolvimento das singularidades de cada indivíduo. Isto porque limita as possibilidades de expressão do amor e constrói de modo artificial uma dependência do outro quanto à sua satisfação conjugal (PILÃO, 2012a). Deste modo, tais indivíduos reivindicam a alternativa de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo, partindo do pressuposto de que estariam aplicando continuamente valores como a honestidade, a horizontalidade e a liberdade (BARKER, 2005; CARDOSO, 2010).

Há uma divergência fundamental entre os dois grupos. Enquanto os swingers visam à manutenção da conjugalidade monogâmica, isto é, a permanência da relação afetiva cotidiana composta por “cobranças”, “monitoramento do fluxo de trocas” e “reforma do outro” (HEILBORN, 2004, p. 148-151), os poliamoristas pretendem abrir mão de qualquer tipo de relação exclusivista, mesmo as de cunho emocional. Para os primeiros, se estabelece, no reconhecimento do outro como cônjuge único, o argumento central que justifica a prática: o swing seria uma fantasia a ser vivenciada por *casais*, necessariamente. Já para os poliamoristas, reconhecer a existência de apenas um cônjuge possível na relação significa corroborar com estruturas supostamente superáveis.

Das leituras empreendidas sobre o poliamor, depreende-se que parte das estratégias de muitos poliamoristas na tentativa de legitimar um estilo de vida (VELHO, 1989) baseia-se nesta diferenciação. Existe o receio de que a sexualização do comportamento poliamorista estigmatize todo o grupo (PILÃO, 2012b). Assim, recorre-se a (nem sempre declarada) hierarquização das práticas, quando se enaltece a *pureza* do amor legítimo frente à *promiscuidade* das relações sexuais casuais ou o *meaningless sex*.

O reconhecimento e a valorização das singularidades no meio “poli” faz com que a sexualidade desprovida de elo íntimo seja desvalorizada e até mesmo condenada. Nesse sentido, o vínculo amoroso ocupa um lugar de destaque, se contrapondo ao sexo “objetificado”. A preeminência do amor sobre o sexo aparece na contínua busca dos poliamoristas por dissociar o Poliamor de práticas sexuais.” (PILÃO, 2011, p. 495)

Portanto, um dos principais contrastes entre o poliamor e o swing reside na seguinte proposição: ao aceitar mais de um parceiro em sua vida cotidiana, o adepto do relacionamento poliamoroso não reduziria a possibilidade de envolvimento emocional impreterivelmente à “casa”, ou seja, a um casal nuclear. Expandem-se as formas de amores possíveis e, por consequência, valorizam-se as singularidades de cada sujeito amado (PILÃO, 2011). A



afetividade é manifestada a partir da convivência com o outro e não através da obrigação conjugal.

Os swingers, ao contrário, restringem as relações matrimoniais – neste caso, sinônimo de amorosas – a apenas um parceiro, compondo a separação fundamental entre o emocional (casa) e o sexual (rua) (WEID, 2010). A partir daí, se elege a “rua”, por meio dos encontros de swing, como o espaço legítimo de contato com outras pessoas. Essas relações são estritamente de caráter sexual, ou seja, “despersonificadas”, do ponto de vista do poliamor.

Percebe-se que apesar de ambos os estilos de vida alternativos lançarem mão de um discurso contrário ao modelo de conjugalidade vigente, os sentidos empregados em cada argumento são bem diferentes. Enquanto os adeptos do amor livre constroem um discurso combativo e público em prol do reconhecimento de suas identidades, embasados na potencial multiplicidade do sentimento amoroso, os swingers reservam-se à procura por prazer sexual. Por se sustentarem, enquanto grupo, em um comportamento estritamente sexual, os adeptos do swing tendem a não revelação pública, com receio de represálias e contaminação de suas identidades sociais.

## 2.2 A iniciação à prática do swing

A iniciativa para o swing parte, em grande maioria, dos homens (BERGSTRAND e WILLIAMS, 2010; JENKS, 1998). A justificativa captada nos relatos dos swingers calca-se tanto no argumento do “impulso sexual naturalmente maior” do cônjuge masculino, quanto na constatação de que as mulheres são sociabilizadas de modo a não expressarem seus desejos sexuais (VENTURI e GODINHO, 2013); não recairiam sobre eles os mesmos constrangimentos morais que recaem sobre as mulheres quando são elas as propositoras do convite de conhecer práticas sexuais dissidentes (SILVÉRIO, 2014; WEID, 2009).

Para os casais, tal experiência pode significar, no começo, a tentativa de trazer para a vida a dois uma fantasia sexual advinda no universo masculino, mas almejando ser vivenciada por ambos. Assim, está implícito que a mulher, ao iniciar a prática do swing, deve incorporar um comportamento esperado do homem, a saber, o sexo sem compromisso (WEID, 2010).

Nos relatos dos adeptos há uma narrativa similar: a ideia surge a partir do parceiro, quando ele propõe a experimentação e “convence” a companheira no período estimado de um ano; ou, numa variante, o swing já era praticado pelo homem antes do casamento atual e a

mulher é introduzida ao meio a partir da rede dos contatos do marido<sup>32</sup>. Mesmo quando a descoberta da prática é aparentemente concomitante aos dois parceiros, a simpatia pelo swing se desdobra de maneiras distintas, sendo a masculina quase sempre instantânea enquanto a feminina demanda a desconstrução de algumas incertezas (BERGSTRAND e WILLIANS, 2010; SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010).

É comum os cônjuges masculinos lançarem mão de estratégias para, pouco a pouco, apresentarem a ideia do swing à esposa: fazem sugestões em meio aos intercursos sexuais, levantam materiais na internet, conversam sobre a prática nos momentos de intimidade, etc. As companheiras, com o tempo, elaboram a ideia de que a troca de casal pode ser convertida e, enfim, vivenciada, enquanto fantasia “normal” e “saudável” dentro do casamento (SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010).

Nas palavras de Bianca, a Sra. Pimenta, acerca de sua resistência inicial:

Porque eu fui criada, nasci dentro da Igreja, fui catequista, professora de crisma... Então tinha todo aquele preconceito, aquela coisa de que é pecado [...]. Então para mim, isso era um absurdo, imagina eu ficar com outra pessoa, [ou] ele ficar. Só que aos poucos, ele compartilhando essa fantasia nos momentos mais íntimos nossos, eu fui vendo que: “Opa, peráí, mas eu já sonhei em uma cama com dois caras”. Uma fantasia existe, né? Não é pecado, eu não estou fazendo mal para ninguém. E fui trabalhando isso na minha cabeça. Até que chegou um dia, exatamente há 17 anos, que foi quando ele estava fazendo aniversário e eu falei para ele que eu ia dar de presente para ele. Quem ganhou o presente fui eu. [*risos*].

A mais comum desconfiança inicial das mulheres diz respeito à posição subjugada que elas ocupam diante das configurações sexuais masculinas dominantes (BOZON, 2004; DUARTE, 2004). Nesta estrutura assimétrica, a lógica do relacionar-se sexualmente ‘apenas pelo prazer’ é negada à mulher pois a ela lhe reservam justo o lugar oposto, isto é, da afetividade e do amor. O envolvimento emocional torna-se a via de regra a orientar o componente feminino nos relacionamentos. De forma complementar, a mulher também se converte na responsável pela manutenção dos casamentos, o que implicaria, na cultura ocidental moderna, a sustentação de valores como a monogamia e a castidade. Estas características seriam, portanto, incompatíveis com a realização de experiências sexuais incomuns, em especial a prática da troca de casais, já que esta é regulada pelo prazer, promovida por meio da idealização do sexo separado do amor, manifestada a partir de uma

---

<sup>32</sup> Weid (2010) relata que duas de suas informantes fizeram o primeiro convite a seus parceiros para conhecerem a prática. Apesar de em menor número, não podemos descartar esta possibilidade de iniciação.

atividade não monogâmica e julgada como promíscua. O swing figura, então, como uma realidade alheia a que é esperada de uma mulher.

Conforme declara Bianca, ela menciona ter sido *criada* na Igreja e daí resultou uma formação social realizada por valores tradicionais, presentes no modo como a sexualidade se manifesta na cultura brasileira (PARKER e CAVALLARI, 1992), e dos quais a liberdade sexual feminina não faz parte. A produção de suas “fantasias sexuais”, impulsionada pelo marido, deu-se, a princípio, pelo esforço pessoal de “assumir” desejos, evidenciando o quão particular pode ser a reelaboração de alguns obstáculos morais na trajetória das swingers.

Tendo em vista o campo restrito de possibilidades ofertado às mulheres para a construção de prazeres incomuns – ainda menores se somado a condições de origem social, locais de moradia em bairros periféricos e/ou percursos biográficos não previstos (VELHO, 2013) –, para as curiosas, elaborar um desejo como este, mesmo em instantes de intimidade, requer empenho moral para desconstruir valores normativos nelas inculcados até então. Ainda quando uma mulher é apresentada a este universo pelo marido, a experiência bem-sucedida depende de tais empreendimentos morais. Daí a recorrência de um período de convencimento. Excetuando-se as situações de violência e supondo um contexto igualitário das relações conjugais dos pré-swingers, as parceiras, de maneira geral, demorariam mais tempo para aceitar iniciar-se na prática em comparação aos homens, sociabilizados de maneira a considerar como uma experiência legítima as atividades sexuais orientadas apenas pelo prazer.

Conhecer e frequentar ambientes ditos “liberais” ajuda as mulheres no percurso de reelaboração das experiências sexuais (SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010). De uma maneira ou de outra, a iniciação bem sucedida do casal no swing só ocorrerá quando ambas as partes estiverem de acordo e dispostas a ajustar as condições da prática. A permanência na prática também dependerá da realização dessas representações.

Em Jenks (1998), explicita-se que a adesão dos sujeitos não ocorre de maneira imediata. De acordo com o autor, uma vez interessados, os casais devem percorrer três intervalos temporais importantes entre a descoberta do swing e o momento em que se envolvem de fato com a prática: o primeiro está entre saber da existência da troca de casais e a consideração sobre participar de um encontro; em seguida, existe uma lacuna entre a ponderação e a tomada de uma decisão final; por último, a terceira etapa, localiza-se no momento entre decidir por experimentar a troca de casais e ingressar diretamente no mundo swinger (JENKS, 1998, p. 512). Tal configuração demonstra que optar por aventurar-se no meio requer dos curiosos um engajamento contínuo para não desistirem ao longo do caminho,

pois os períodos defrontados seriam suficientes para desencorajar os casais não motivados, de maneira plena, a incluir o swing em seus relacionamentos. Levando em consideração que uma das condições essenciais para a realização do swing é a noção de negociação dos limites de envolvimento, a cada passo rumo ao comprometimento com a prática mais se exige do casal uma discussão sobre as circunstâncias ideais para tornar a experiência um acontecimento sem imprevistos.

O fato de a proposta do swing ser realizada, predominantemente, entre casais estáveis, não quer dizer que a decisão de ‘abrir o jogo’ e experimentar o swing não seja complicada. “Há que discuti-la com o cônjuge. Isto é extremamente difícil em si. Significa que a pessoa deve abrir-se e expor suas fantasias sexuais, até então secretas, ao cônjuge, e arriscar-se a uma possível rejeição, quando não ao desastre total da relação.” (BARTELL, 1972, p. 53).

Na entrevista concedida pelo Casal Pimenta, Bernardo contou que desde jovem tinha problemas em manter um relacionamento por muito tempo, apesar de não gostar de viver sozinho:

Eu ficava casado em média uns dois anos e eu enjoava da pessoa, enjoava do casamento, enjoava de tudo, perdia o interesse sexual. Aconteceu na primeira vez, aconteceu na segunda... Aí, eu procurei um psicólogo, falei: “Eu tenho algum problema” e o psicólogo falou que não, que o meu problema era a rotina, a rotina ia tirando o interesse. E tenho problema com a rotina em tudo, no trabalho, em tudo. Começa a ficar muito monótono, me desinteressa. E aí, quando eu a conheci eu falei para ela: “Eu tenho vontade de fazer umas coisas diferentes” e a gente está junto porque a gente faz isso, se não fizesse, não estaria.

“Sair da rotina” é um dos motivos mais recorrentes para a iniciação na prática do swing. Seja por demanda do parceiro, como é o caso de Bernardo, seja como anseio do casal em renovar a vida sexual compartilhada, a intenção de variar as experiências sexuais vividas pelo par pode ser considerada como a preocupação básica para os swingers (JENKS, 1998; SILVÉRIO, 2014; WEID, 2008).

Diversos autores – Heilborn (2004), Bozon (2003), Giddens (2003) e Salem (1989) – salientam que a satisfação sexual ocupa um lugar central na conjugalidade contemporânea. Os autores discutem como casais modernos lidam com a tensão de manter um relacionamento duradouro ao mesmo tempo que evitam a rotinização de suas vivências sexuais. Ainda que o sentimento fundador da união conjugal seja o amor, aqui tomado “enquanto uma *relação social*, representada como resultante de um encontro psicológico singular enlaçando dois indivíduos que se percebem [...] como únicos e complementares” (HEILBORN, 2004, p. 119, grifos originais), o sexo converte-se em fator decisivo para a manutenção do vínculo afetivo. A valorização do desempenho sexual, bem como o desdobramento de relacionamentos mais

democráticos e comunicativos, proporcionaram, nesta perspectiva, algumas das condições que trouxeram a sexualidade para o eixo central da vida conjugal moderna.

Sob o risco de desencadear o término da relação, a domesticação do sexo – resultado do “apaziguamento” da paixão inicial dos envolvidos (HEILBORN, 2004, p. 120) – é tida como questão fundamental a ser debatida no seio da díade amorosa. Assim, lidar com a rotina configura-se como a característica típica do casal moderno, e em particular, dos praticantes de swing.

No caso do Casal Pimenta, mesmo o swing pode tornar-se monótono. Na tentativa de diversificar ainda mais a vida sexual compartilhada, Bianca e Bernardo implementaram outra fantasia ao casamento: ambos podem se relacionar sexualmente com outras pessoas fora do ambiente do swing, mas Bernardo faz questão de anotar todas as vezes que a esposa sai com outro rapaz. Até o dia da entrevista, a Sra. Pimenta acumulava o número de 198 relações sexuais fora do par.

**Pergunta:** Quantos parceiros sexuais vocês estimam ter tido até vocês se casarem?

**Ela:** Eu acho que eu colocaria uns três ou quatro. Não sei. E você? [referindo-se a Bernardo]

**Ele:** Ah, sei lá. Umás trinta.

**Pergunta:** E depois que vocês se casaram?

**Ele:** Aí é mais fácil.

**Ela:** Depois do swing é mais fácil do meu lado.

**Ele:** Depois que a gente casou, eu tive mais umas 10. E ela está em 198.

**Pergunta:** Vocês contam?

**Ela:** Ele!

**Ele:** Eu anoto tudo, local, data.

**Pergunta:** Isso faz parte?

**Ele:** Da fantasia. Ela sai com o cara, eu anoto a data, local, o nome do cidadão... Tem uma lista lá.

**Pergunta:** O que você acha disso? [dirijo-me a Bianca]

**Ela:** Eu acho um barato. Eu nem sei, às vezes quando eu olho a lista eu nem lembro de muitas pessoas que estão ali.

**Ele:** É legal, porque assim você, em algum momento, fala: “Th, você ficou com o cara tal, foi para um motel, foi para casa de swing...”, você tem um histórico. Não foi uma coisa de: “Ah, eu dei para 200”, muito vago, né? Você vai olhando, algumas coisas você não lembra: “Quem era fulano?”, aí você começa a puxar pela memória. Então você tem uma história. **Na verdade a fantasia não era dela, a fantasia era minha, ela que foi embarcando e eu fui controlando isso.** (grifo nosso).

Bernardo deixa claro que o prazer de assistir (ou saber que) sua parceira está se relacionando sexualmente com outro partiu dele, acompanhado mais tarde por Bianca. Esta é uma fantasia masculina recorrente em outros relatos de swingers (SILVÉRIO, 2014; WEID, 2008). O casal Aleísa, a outra dupla de informantes, mencionou uma experiência parecida. Ao perguntar-lhes o que os teria levado a se interessar pela troca de casais, Alexandre disse sempre ter desejado olhar sua mulher transando com homens diferentes, mas não sabia como

proceder. Chamar um desconhecido para o encontro? Propor a um amigo? Era difícil imaginar alguma situação na qual pudesse fazer o convite. Iniciar-se no swing foi o modo encontrado para satisfazer a fantasia. Uma vez imerso neste universo, buscavam, na internet, os perfis de solteiros e, nas festas, a prática mais realizada por eles era o *ménage* masculino.

Assim como ocorrido com Bianca, do Casal Pimenta, Eloísa *embarcou* nessa depois que o marido fez a proposta. Na noite de nossa conversa, ela contou que no início achou estranho, mas depois aceitou a ideia e topou fazer uma tentativa. Naquela altura, confessou sentir muito mais prazer agora do que no começo.

A excitação do parceiro em ver sua esposa relacionando-se sexualmente com outro, destaca-se, ao lado da “quebra de rotina”, como um dos principais motivos para que casais comecem a frequentar boates e eventos especializados (SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010). As festas swingers se tornam lugares propícios para a realização desta fantasia, transportada do universo masculino para o feminino por meio da exposição íntima deste desejo.

Bartell (1970), em sua pesquisa com swingers americanos, chega a afirmar que os homens swingers enxergavam na prática da troca de casais a possibilidade de converter em realidade suas idealizações sexuais alimentadas pelas revistas *Playboy* (leitura presente entre 99% dos entrevistados), propondo o envio de fotos de suas mulheres nuas como parte da estratégia para atrair outros swingers<sup>33</sup> (BARTELL, 1970, p. 35).

Porém, se de início a motivação para praticar o swing está localizada na proposta masculina de satisfação sexual, parte da literatura pesquisada aponta para um movimento de ressignificação das práticas, momento este promovido pelas mulheres. Não raro, os depoimentos das swingers atestam que elas estariam mais realizadas sexualmente com a troca de casais do que no início de seus relacionamentos exclusivamente monogâmico (BARTELL, 1970; SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010). A experiência com outros homens e, eventualmente, mulheres, possibilitaria a reelaboração de prazeres, assim como maior conhecimento do próprio corpo (WEID, 2009).

Os estudos quantitativos americanos descrevem o reconhecimento, por parte dos casais adeptos, de uma progressiva melhora em seus casamentos após a entrada nesse universo. Parte da justificativa para o referido bem-estar conjugal reside nas diversificadas experimentações sexuais das parceiras, tornando-as mais satisfeitas consigo mesmas e com a relação (BERGSTRAND e WILLIAMS, 2010; JENKS, 1998). O convívio amenizado com o ciúme – a partir da pretendida separação das esferas sexual e emocional da relação – e a

---

<sup>33</sup> Daí depreende-se o quanto a mídia pode modelar a sexualidade. A cultura por ela veiculada pode influenciar significativamente a construção dos desejos de homens e mulheres.

sensação de transformar o relacionamento em uma experiência horizontalizada também aparecem como consequência da aceitação, por partes das mulheres, das atividades sexuais previstas no swing (VISSER e MCDONALD, 2007).

Considerando-se a prevalência dos anseios sexuais masculinos no universo da troca de casais,<sup>34</sup> o tópico da iniciação no swing é polêmico e gera divergência entre autores que se debruçaram sobre o tema. Para o sociólogo francês Daniel Welzer-Lang, a experiência da troca de casais se desenvolve como uma relação atualizada da já conhecida dominação masculina abordada por Pierre Bourdieu (2010). Welzer-Lang (2001) considera como principais influências para os sentidos que a prática assume na França fatores como a diminuição da procura de profissionais do sexo por parte dos homens comprometidos, o desenvolvimento massificado do mercado comercial do sexo e as reconfigurações das opressões masculinas. Esses elementos também estariam por detrás dos papéis sexuais tradicionalistas incorporados pelos adeptos. Portanto, a iniciativa majoritariamente masculina para o swing demonstraria sua tese de que a troca de casais é, por excelência, um campo de experimentação sexual utilizado de forma a reproduzir os desejos dos homens, sobrepondo-os de suas esposas.

A socióloga canadense Anne-Marie Henshel, em seu estudo sobre swing naquele país, afirmou existir, dentro da situação de swing, uma força masculina dominante. “Com base em seus resultados, ela defende que o swing é uma instituição masculina e que o uso frequente do argumento do swing como uma situação igualitária deve ser reavaliado” (HENSHEL, 1973 apud JENKS, 1998, p. 512, tradução livre). Deste modo, a entrada para o universo do swing estaria, desde sua origem, ligada ao maior poder dos homens sobre as mulheres nos contextos conjugais precedentes à prática, e mantido como condição para a permanência do casal no meio. Ambos os autores, em épocas diferentes, buscam evidenciar o caráter hierarquizador do swing, principalmente no momento de iniciação à prática e como ele se configura enquanto um ambiente voltado exclusivamente para a satisfação sexual masculina, ainda que disfarçadamente.

Embora, à primeira vista, a posição desses autores encontre apoio e sustentação – afinal, a iniciativa predominante é a do homem, uma das fantasias mais desejadas são as envolvendo contatos bissexuais femininos e existem relatos de casos malsucedidos no swing –

---

<sup>34</sup> Ressalta-se que o termo original em inglês para se referir à prática do swing era o *wife-swap* (literalmente, *troca de esposas*). A mudança para *swinging* foi cunhada na década de 1970 como prerrogativa para garantir o duplo sentido da atividade: não são apenas homens trocando suas mulheres, mas sim, parceiros que permitem, em comum acordo, a troca de ambos os cônjuges. Buscou-se, assim, exaltar os valores como a horizontalidade e consentimento que servem como pré-condições da adesão dos casais à prática.

interpretações complementares podem ser suscitadas, como as que aparecem em Weid (2010). A autora demonstra em sua pesquisa o quão ambígua é a configuração do cenário swinger. Assim, a antropóloga aponta que o swing é uma atividade sócio-sexual marcada por contrastes significativos: os sujeitos que circulam no meio – sejam como frequentadores das festas ou como interlocutores do swing (como é o caso do Casal Pimenta e outros empresários do ramo) – estão ‘impregnados’ dos discursos e práticas ora tradicionalistas ora libertários (WEID, 2010).

A ideia principal é a de que o swing é um meio que concentra tanto a reprodução das hierarquias de gênero quanto o almejo de valores igualitários. Como mostra Heilborn (2004), o discurso proferido em contexto igualitário não exclui, necessariamente, a ocorrência de práticas opressoras. Uma fala de Bernardo, o Sr. Pimenta, revela a divergência:

Porque na verdade o pessoal do swing se diz liberal, “casal liberal”, mas isso é história. Casal liberal é muito pouco, porque dentro do swing tem ciúmes, tem problema... Não é aquela coisa liberal.

Ser “liberal”, portanto, é uma identidade ‘legítima’ apenas para alguns dos praticantes do swing. Haveria, entre os frequentadores, aqueles que sustentam temporariamente uma fase liberal, enquanto que para outros tal preceito configura-se como algo definitivo, parte da personalidade do indivíduo (WEID, 2010).

As conclusões de Bartell (1971) também caminham para a diferenciação dos “verdadeiramente liberais” em meio aos swingers estudados. O autor relata que muitos dos interesses políticos e culturais de seus informantes reproduziam valores mais conservadores da sociedade americana daquela época, limitando, em muito, a troca de casais como única atividade “liberal” a ser exercida por estes indivíduos. A “não liberação total” do estilo de vida swinger é um dos resultantes conflituosos em torno da prática.

Tais contrastes variam desde a maneira como os swingers se comportam nos eventos temáticos até as justificativas que sustentam a adesão do casal. Como argumentado no primeiro capítulo, os códigos de vestimenta mais sexualizada das mulheres (roupas curtas, justas e decotadas), o tabu em torno dos contatos sexuais entre homens e a maior responsabilidade da parte feminina na manutenção do relacionamento, se colocam do lado tradicionalista, junto à predominância masculina em iniciar-se na prática. São, por assim dizer, manifestações práticas das assimetrias de gênero presentes nas relações sociais entre swingers. Do lado oposto, figuram os ideais de liberdade sexual, a possibilidade de diversificação das experiências sexuais femininas, os preceitos da negociação, os valores



como os da honestidade e horizontalidade entre os parceiros, em suma, a tentativa de viver um relacionamento igualitário moderno no qual se abre mão da exclusividade sexual almejando-se o bem-estar dos cônjuges.

A intenção em abordar o tema da iniciação na prática da troca de casais foi a de demonstrar como este é, talvez, o tópico mais controvertido no mundo swinger. Ao mesmo tempo em que se reproduz a lógica da dominação masculina, adaptando os desejos femininos às fantasias pré-elaboradas de seus maridos, reconhece-se que o ambiente do swing pode proporcionar às mulheres maior conhecimento de si mesmas, ofertando algumas das condições para a elaboração de um maior controle de seus desejos e de seus corpos.

Tendo em vista os relatos das mulheres swingers descritos em pesquisas antropológicas sobre este universo (BARTELL, 1970; SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010) e incluindo a análise das falas de Bianca e Eloísa, informantes do presente estudo, depreende-se que, apesar de a iniciativa para o swing não partir delas (na maior parte das vezes), são as mulheres as instigadas a desconstruir alguns dos obstáculos mais enraizados da normatividade sexual vigente e, com isso, abrir a possibilidade para vivenciar, nas palavras das entrevistadas, “uma vida sexual satisfatória após a experiência da troca de casais”.

### **2.3 Internet: um meio de aproximação**

Nos últimos anos, o ambiente virtual tornou-se uma das principais vias pela qual os casais entram em contato com o mundo swinger. Ainda que alguns iniciantes prefiram envolver-se através de indicações pessoais, a visita aos sites especializadas e/ou o acesso e cadastro nas comunidades temáticas online aparecem como as primeiras etapas da trajetória dos sujeitos dentro deste universo (BERGSTRAND e WILLIANS, 2010). Na internet buscam-se as informações necessárias para satisfazer curiosidades e desconstruir preconceitos comuns, além de ser, hoje, importante meio pelo qual adeptos procuram outros adeptos.

Ao conversar com Alexandre, integrante do Casal Aleísa, pude constatar tal relevância. Perguntei como haviam conhecido o swing e ele relatou que a primeira coisa que fizeram quando se descobriram curiosos com a prática foi comprar um computador e acessar os sites sobre o assunto. Salientou como a internet facilitou a entrada nesse mundo, pois ali eles puderam conhecer outros casais na mesma situação, “trocar uma ideia sem rodeios” e iniciar-se em companhia de pessoas experientes.

Bernardo, o Sr. Pimenta, na entrevista a mim concedida, comentou: “A gente começou a pesquisar na internet e começou a ver que tinha negócio de troca de casal, que tinha festa, que tinha clube...”

Na narrativa dos casais entrevistados por Weid (2010), a internet também figura como elemento relevante. Apesar de os informantes concordarem que a melhor maneira de se conhecer a prática e seus frequentadores é dirigir-se a uma casa de swing,<sup>35</sup> eles apontam o fato de as comunidades virtuais terem estreitado as relações entre os interessados. Do ponto de vista da pesquisadora,

[a]s novas possibilidades de comunicação virtual [...] auxiliam ainda mais a aproximação e a abordagem entre casais adeptos. Através da *webcam* e da conversa com microfone, os casais podem se conhecer antes do primeiro encontro e de alguma maneira controlar os riscos de uma primeira vez malsucedida. (WEID, 2010, p. 36)

Em *Amor em grupo: O testemunho visual de um cientista sobre o amor grupal, o american way of swinging*, de 1972, o antropólogo norte-americano Gilbert Bartell descreve a cena swinger dos Estados Unidos na década de 1960. Seu estudo baseou-se em entrevistas com 350 informantes de classe média da área metropolitana de Chicago e 60 do Texas e Louisiana. A análise final foi feita com uma amostragem consistente de 280 informantes brancos de classe média, somada à observação participante de encontros swingers nas cidades citadas. Bartell e sua esposa entraram em contato com essas pessoas através de anúncios em oito revistas eróticas, famosas à época, que contavam com uma seção de classificados própria para esse tipo de público. Nos anúncios constavam o endereço postal, a descrição física dos componentes do casal (idade, altura e peso) e o pequeno texto convidando outros casais a se encontrarem.

Uma das mensagens utilizadas por Bartell e sua esposa dizia:

CASAL JOVEM E PRA-FRENTEX DESEJA CONHECER OUTROS CASAIS JOVENS E MENINAS ‘BÁRBARAS’. 24 E 25 ANOS, 1,80 M, 75 QUILOS; 1,68 M, 56 QUILOS, 87-62-87. SÓ RESPONDA QUEM ESTIVER POR DENTRO. (BARTELL, 1972, p. 22)

Mais tarde, depois de iniciadas as entrevistas, Bartell constatou que os swingers dispostos a fornecer depoimentos eram muito parecidos entre si, “talvez não em caracteres físicos, personalidade ou ocupações, mas eles tinham quase a mesma educação, os mesmos

<sup>35</sup> Weid também escreve “que a própria abertura de casas de swing e sua divulgação é um processo que se intensificou com o desenvolvimento e a assimilação social das novas tecnologias (computador, internet, celular)” (WEID, 2010, p. 46).

interesses, os mesmos salários, e compartilhavam os mesmos valores” (BARTELL, 1972, p. 25). Tal observação nos faz pensar por que o grupo de swingers acionados pelos anúncios era homogêneo? De certa forma, as revistas atingiam uma fração específica dos swingers americanos – suburbanos de classe média – já que, mesmo com tão poucas informações, as características culturais entre os que responderam Bartell eram similares.

A partir da descrição de Bartell, depreende-se que o contato entre swingers daquela época era feito por cartas, com ou sem fotos dos interessados. Em seguida, marcava-se o primeiro encontro, na maior parte das vezes sem trocas sexuais. A aproximação inicial servia apenas para confirmar afinidades ou descartar uma futura relação. Este fato possibilitou, inclusive, que o antropólogo e sua esposa pudessem conhecer pessoalmente os casais e conversar sobre o swing, sem gerar constrangimentos.

Percebe-se como o tempo de negociação entre os casais era extenso. Era preciso escrever uma carta, esperar que a mesma chegasse ao destinatário, fosse respondida, às vezes ainda sem fotos anexas e aguardar o retorno do casal primeiramente contatado. Esta movimentação transcorria no período de dias, até semanas. Depois de marcado o encontro, nada garantia a troca. Pelo contrário, o mais comum era a relação sexual só acontecer nos encontros seguintes, depois que os casais se conhecessem melhor.

Os anúncios não eram ilustrados. As indicações sobre como eram os corpos dos homens e mulheres limitava-se a uma ou duas informações. O texto era sucinto, composto por elementos definidores dos gostos de cada casal e sem menção às preferências sexuais dos envolvidos. Portanto, o anúncio era pensado como uma maneira segura de conhecer outros casais adeptos, resguardando a identidade do anunciante e mantendo a discrição entre as pessoas do meio, num sistema próprio de retroalimentação de usuários.

Hoje, a popularização do acesso à internet gerou significativas transformações no processo de aproximação. Embora ainda haja, difundida nas redes sociais do swing, uma estratégia de contato similar aos classificados de revista – com anúncio, proposta e resposta –, a maneira como é feita a abordagem se diferencia de modo substancial, assim como a variedade de interesses e status social dos grupos usuários de tal serviço. Estes casais que utilizam as comunidades virtuais criam um *perfil* e dele constam o sexo dos integrantes, data de nascimento, e-mail de contato, cidade onde moram e o que procuram exatamente, isto é, se visam conhecer outros casais, solteiras ou solteiros.<sup>36</sup> Uma vez feito o cadastro, os donos dos

---

<sup>36</sup> As redes sociais visitadas foram: <http://www.sexocompimenta.com/portal.php>, <http://www.swingcertificado.com.br/>, <http://swingonline.com.br/> e <http://www.estiloswing.com.br/>, acessados entre novembro de 2014 e janeiro de 2015.

perfis devem especificar como gostariam de ser identificados, ou através de apelido ou dos nomes verdadeiros. Em seguida, são publicadas diversas fotos, tanto dos cônjuges juntos, como de cada indivíduo em separado. O conteúdo das fotografias varia entre mulheres de *lingerie*, silhuetas masculinas e femininas despidas, *close-ups* das genitálias (ereta no caso dos homens) e atos sexuais explícitos. Há clara predominância dos corpos femininos. Na página inicial dos sites, este material é colocado em primeiro plano, prestando-se de atrativo para novos usuários.

O intenso uso de recursos imagéticos é uma das principais características observadas nos anúncios online. Diferentemente do que se passava com os informantes de Gilbert Bartell, os adeptos contemporâneos que buscam na internet potenciais parceiros, quase sempre, adotam como ponto de partida a exposição de seus corpos e não os interesses em comum. Nota-se como o padrão das poses nas fotografias não gira em torno da qualidade artística da imagem, mas sim da quantidade de detalhes ali transmitida.

Segundo a antropóloga Maria Elvira Díaz-Benítez, em seu trabalho exemplar sobre a indústria de filmes pornô brasileiros (2010), a performance pornográfica é ordenada a partir do *espetacular*, do *exagero* e do *realismo*, “por intermédio da exposição pormenorizada dos corpos e das práticas” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 99). As fotos divulgadas nas redes de relacionamento swinger podem ser pensadas neste mesmo sentido. Nas publicações reproduz-se um tipo de linguagem erótica semelhante à veiculada pelos sites pornô. Distingue-se pelo fato das fotografias divulgadas pelos casais serem elaboradas de forma amadora, muitas vezes capturadas por telefones celulares, ou seja, sem recursos sofisticados de luz, maquiagem ou edição.<sup>37</sup>

O recorrente uso da imagem corporal pelos swingers na internet também pode ser interpretado enquanto manifestação do que Duarte (1999) tratou como *dispositivo da sensibilidade*. Assim, os swingers compartilhariam, por meio da exacerbação do que lhes é sensível, a concepção de que o corpo humano é fonte ilimitada de deleite e, através dele, busca-se inéditos e intensos prazeres. De acordo com o autor, existem três aspectos presentes na vivência da sexualidade contemporânea, os quais direcionam o regime dos corpos e dos desejos e orientam na articulação dos fenômenos ligados à sexualidade, à sensualidade e à sensibilidade. Esses elementos seriam a perfectabilidade, a experiência e o fisicalismo.

---

<sup>37</sup> Apesar de existir, nos sites pornô, uma categoria sexual denominada “amador” ou “*homemade*” que também conta com vídeos e fotografias sem nenhum recurso técnico, procuro, aqui, comparar as fotos dos casais swingers às produzidas em larga escala pela indústria mundial da pornografia: mulheres supermaquiadas, corpos “corrigidos” por programas de computador, utilização de estúdios profissionais, de filtros de imagens etc.

Para Duarte (1999), a ideia rousseauiana de que “a espécie humana [...] é dotada de uma capacidade de se aperfeiçoar indefinidamente” (p. 24) prevalece, desde o século XVIII, articulando-se ao “uso sistemático da razão para o avanço do ser humano em suas condições de relação com o mundo” (p. 24-25). Logo, a perfeição só seria possível (e almejada) por meio da experiência com o plano exterior, construindo assim, uma correlação necessária entre os sentidos e as ligações humanas e sociais. O corpo transforma-se, nesta dinâmica, no principal veículo de manifestação da sensibilidade e se emancipa pouco a pouco do espírito. A corporalidade toma contornos próprios e independentes, sendo considerada, em si, uma dimensão autoexplicativa do humano e pela qual se obtêm, indefinidamente, experiências sensoriais novas.

Analisando os anúncios na internet e nas redes sociais, percebe-se, ainda, que estes indivíduos lançam mão de relativa suspensão do anonimato. Apesar de a maior parte das fotos possuir alguma censura nos rostos registrados (tarjas pretas, desfoques etc.) ou mostrar posições elaboradas de maneira a não revelar por completo a face dos sujeitos, há casais despreocupados com tal controle. O corpo inteiro é divulgado, possibilitando a identificação visual dos que estão posando. A discrição é abandonada em prol da ‘veracidade’. A categoria nativa “casal real” é uma das mais repetidas nesse meio, tanto como forma de conferir legitimidade ao site hospedeiro dos usuários quanto como estratégia do par para chamar a atenção de outros praticantes. Se para os swingers estadunidenses dos anos 1960/70 o anonimato era um aspecto a ser conservado a todo custo, hoje, a publicidade da imagem ‘nua e crua’ é umas das vias adotadas pelos que procuram outros adeptos via internet.

Entretanto, a relativa diminuição da preocupação dos casais adeptos em preservar as identidades pessoais pode ser compreendida como um movimento mais generalizado dentro da cena swinger. A tentativa recorrente de naturalização do swing – tendo na mídia seu veículo de preferência<sup>38</sup> – tende a aumentar o número de curiosos e modificar a relação dos não praticantes com este universo, antes fortemente marcado pelas noções de promiscuidade e prostituição.

---

<sup>38</sup> Nos últimos anos, alguns programas de entretenimento abordaram a temática do swing em suas grades de conteúdo. Na rede de televisão paga, canais como o Multishow (*Papo calcinha*), TLC (*Swingers wives*), e HBO (*Swingtown*) são alguns exemplos. Já entre os canais abertos, a Globo (*Profissão Repórter*), o SBT (*Gabi quase proibida*) e o Futura (*Sexo no sofá – especial swing*) exibiram programas nos quais a troca de casais era o assunto tratado. O filme argentino *Dos mas dos*, lançado em 2012, retratou a experiência entre dois casais de amigos, um adepto e outro não. Pela mídia jornalística, a reportagem publicada em 2014 no site da revista *Marie Claire* sobre a sociedade secreta internacional *Madame O* ganhou grande repercussão. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2014/05/orgia-de-luxo-casal-participa-de-sociedade-secreta-e-conta-detalhes-de-noite-erotica.html>>. Acesso em dez. 2014.

Dessa forma, evidenciar o swing como prática possível da conjugalidade heterossexual estável e compromissada parece ressignificar a vivência da troca de parceiros, pontuando-a apenas como uma experiência sexual envolvendo pessoas que se amam e se respeitam. Com isso, a forma como os adeptos são julgados pelos não iniciados pode sofrer uma alteração momentânea, fazendo com que os primeiros passem de sujeitos estigmatizados a indivíduos dotados de uma disposição reflexiva capaz de lhes permitir driblar sentimentos como ciúmes e culpa.

Ademais, a visibilidade do swing enquanto ‘fantasia sexual saudável e consentida’ fez com que o público frequentador desta prática também se modificasse. Se, antes, a troca de casais era realizada, em sua maioria, por casais mais velhos já com filhos ou netos, estáveis em suas carreiras profissionais e, conseqüentemente, mais receosos da exposição de suas identidades, hoje, o afluxo de pessoas jovens, em relacionamentos recém-estabelecidos e no início de suas vidas ‘adultas’ é muito maior, convertendo o contato com o swing em algo que possa integrar roteiros sexuais lúdicos.

Sobre essas mudanças de público frequentador das boates, Weid (2010) disserta acerca das diferenças entre o swing “à vera” e o swing “à brinca”, expressões utilizadas por um de seus informantes. Através da análise destas categorias nativas, a autora afirma existirem dois grupos distintos de frequentadores das festas swingers:

A expressão “à vera” [...] viria da expressão “de verdade”, seriam os casais que são adeptos da troca de casais propriamente dita, [...] casais mais tradicionais, que não aderem a outros tipos de práticas comuns no meio, como o *ménage*, por exemplo. Já os swingers “à brinca” seriam os que fazem “de brincadeira”, os que experimentam além do swing propriamente dito, as variações da prática. (WEID, 2010, p. 39)

Além de tal diferenciação, os grupos também seriam, complementarmente, reconhecidos de acordo com a presença recorrente ou esporádica nas casas de swing (os rotativos e os fixos) e com base no nível de engajamento do casal, variando entre os curiosos que não se relacionam com outras pessoas quando vão às festas e os adeptos, os quais interagem o tempo todo. Para este último grupo, a preocupação com o anonimato ainda permanece recorrente, enquanto que para os primeiros, as idas às boates podem aparecer como uma aventura sexual sem maiores conseqüências em suas vidas familiares e profissionais.

Na visão dos empresários cariocas com quem conversei, o medo de ser descoberto como adepto do swing já foi maior. De acordo com eles, embora grande parte dos casais swingers mantenha a prática sob segredo, sobretudo em relação aos familiares e companheiros

de trabalho, o número de pessoas que admite já ter feito swing ou ido a uma festa do gênero vem crescendo.

Questionado quanto à percepção de mudanças na prática do swing desde o começo de suas experiências no meio até hoje, o Casal Pimenta assim se manifestou:

**Ele:** Então, a gente, quando começou nisso, na verdade, era tudo muito enrustido. Até para bater um papo em um local, as pessoas falavam cochichando. Com o passar do tempo, a internet divulgou muito isso, a coisa começou a dar um boom e as pessoas hoje falam naturalmente. Ainda existe aquela coisa da privacidade, aquela coisa dos casais se resguardarem quanto a sua identidade, mas isso não é tão paranoico quanto era no passado. Tem pessoas que não estão nem aí, falam que fazem mesmo, não ficam se escondendo e mesmo as pessoas que se escondem, já não é como antigamente, já falam abertamente sobre o assunto.

**Ela:** E antigamente, também, a gente ouviu dizer quando começou, que a maioria era de casais maduros. Hoje em dia você vê casal de 18 anos frequentando...

Em diálogo informal mantido com o dono de outra boate da cidade, ele apontou as transformações percebidas depois de 20 anos no ramo e afirmou que hoje a presença de pessoas mais jovens é maior e existe mais rotatividade. Segundo ele, no início, eram os mesmos casais frequentadores das festas promovidas pela boate todo fim de semana, e as relações sexuais entre eles aconteciam mais cedo, com mais intensidade, envolvendo todos os presentes: “Os casais chegavam, eu ia pegar uma bebida no bar, e quando eu voltava já estava todo mundo transando.” Ao procurar alguma explicação para a mudança no efeito imediato que a casa de swing trazia a seus clientes, o empresário fez alusão à “maior repressão sexual daquela época”, daí a ocorrência mais generalizada de orgias.

Segundo o historiador inglês Burgo Partridge (2004):

Uma orgia é uma explosão organizada de energia, a expulsão de histeria acumulada por abstinência ou repressão, e como tal, tende a ser de natureza histérica ou catártica [...] serve à útil finalidade não só de fornecer alívio a tensões causadas pela abstinência, necessária ou desnecessária, como também por contraste, de tornar a despertar o apetite para a maçante moderação, que é parte inevitável da vida cotidiana. (PARTRIDGE, 2004, p. 9-10 apud DÍAZ-BENÍTEZ, 2009, p. 571)

Desse modo, devido às progressivas transformações ocorridas no campo da sexualidade – comparado há 20 anos – e à relativa reelaboração do sentido do swing para os novos adeptos, percebeu-se, na cena swinger atual, menor incidência do sexo grupal entre os frequentadores. Isto não quer dizer, em absoluto, que não haja mais orgias nos eventos temáticos. Pelo contrário, as relações orgiásticas continuam como pano de fundo dos encontros swingers, cumprindo as funções de efervescência e catarse social descrita por Partridge e analisada por Michel Maffesoli (1985). Entretanto, tanto os encontros observados

ao longo da pesquisa – em que foram contabilizadas apenas três situações de orgias – como a fala do empresário acima mencionada, corroboram a hipótese de que o sexo grupal tenha deixado de acontecer, hoje, com a mesma intensidade que antes. Não se deve excluir o fato de esta ser uma hipótese inconclusiva ou tendenciosa, tendo em vista o curto período de observação e a pequena variedade de cenários visitados. Creio que este tópico possa ser discutido em trabalhos futuros sobre o tema.

Dentro do arcabouço de transformações potencializadas com o advento da internet, a rede mundial de computadores alterou outro aspecto fundamental da comunicação entre os adeptos: foi estimulada a rapidez com que os casais podem entrar em contato uns com os outros. Na gama de recursos previstos nas comunidades virtuais, o denominado *chat*, espaço no qual mensagens instantâneas são trocadas com outros usuários, agiliza as conversas. As afinidades e discordâncias são tratadas em questão de minutos. O dia e o local do encontro combinados sem demandar a espera de antes. Inclusive, a exposição prévia das fotografias acelera todo o procedimento. Uma vez ultrapassada a etapa do reconhecimento físico dos envolvidos, os casais seguem para a negociação das preferências e o estabelecimento de acordos sobre o encontro sexual, fase seguinte do processo de aproximação entre swingers. Como indicado anteriormente, a reunião entre os interessados pode acontecer em diversos tipos de ambientes, dentro ou fora de uma festa de swing.

Seria incorreto afirmar que as mudanças nos perfis dos adeptos contemporâneos decorrem exclusivamente da popularização da internet no meio swinger. Todavia, ressalto que parte do aumento do número de casais interessados – mencionado pelo Casal Pimenta e relatado em trabalhos recentes sobre o tema (WEID, 2010; RUBIN, 2001) – pode ter sido facilitado pela rede mundial de computadores e suas ferramentas. A proliferação de sites especializados, comunidades virtuais e páginas pessoais (blogs) de swingers decerto possibilitou o acesso fácil e rápido a diversas fontes de informações sobre a troca de casais, esclarecendo dúvidas, reunindo parceiros adeptos e desmistificando a prática, contribuindo para desencadear as transformações aqui apontadas.

## **2.4 Trajetórias e desdobramentos da prática swinger**

Ao longo deste capítulo descrevi como os praticantes da troca de casais percorrem determinadas etapas da trajetórias swinger que vão desde a descoberta desta atividade pela



díade amorosa até o envolvimento ‘real’ com o universo em questão. Ainda que o grupo seja reconhecidamente heterogêneo – diversos aspectos socioculturais variam de forma significativa de uma díade adepta à outra – alguns estágios são comuns e podem estar relacionadas às especificidades da prática.

O uso corriqueiro da internet como fonte de informações iniciais sobre o assunto, o recorrente processo de convencimento da parceira, a negociação das regras entre os cônjuges e a adoção do swing enquanto estilo de vida figuraram como exemplos dessas etapas. Apesar de nem todos os casais traçarem o mesmo caminho, a maioria dos relatos, inclusive os de meus informantes, apontam para uma lógica temporal similar.

A literatura assinala a existência de um fator influenciador das trajetórias desses sujeitos no swing: o potencial estigmatizante das atividades inerentes à prática. Jenks (1998), com base em pesquisa realizada com cem indivíduos não praticantes, constatou que este grupo considerava os swingers também como usuários de álcool, maconha e outras drogas ilícitas, além de superestimarem seus valores “liberais”.

Valendo-se das análises de Becker (2008) sobre rotulação, Jenks reitera a ideia de que uma vez atribuído um traço indesejável ao sujeito desviante, este mesmo sujeito estará suscetível a assumir outros traços potencialmente classificados como desvios. Segundo o autor, “os swingers são percebidos não apenas como desviantes ‘específicos’, mas como desviantes ‘gerais’, isto é, desviantes não apenas em um sentido (o swing), mas em áreas totalmente não relacionadas às atividades swingers” (JENKS, 1998, p. 510, tradução livre).

Logo, o *desvio* deve ser apreendido enquanto uma categoria relacional construída a partir das interações dos sujeitos “diferentes” com os ditos “normais” (BECKER, 2008; GOFFMAN, 1998). Em outras palavras, não existem comportamentos desviantes em si, mas condutas que, contrastadas com outras, são moralmente definidas como não desejáveis. De um desvio pode advir um *estigma*, um símbolo social capaz de marcar a diferença e conferir ao sujeito uma posição inferiorizada.

Goffman (1988) dividiu os estigmatizados em dois grupos passíveis de análise: *desacreditados* e *desacreditáveis*. O primeiro refere-se aos sujeitos cujos estigmas são evidentes – deformidade física aparente, deficiências que precisem de instrumentos auxiliares visíveis como muletas, etc. Segundo o autor, esse grupo de indivíduos produz estratégias de interação específicas procurando amenizar as inevitáveis tensões geradas pelo contato social com as outras pessoas consideradas “normais”. Desse modo, os desacreditados elaboram maneiras de esconder ou ressignificar os estigmas, organizando suas condutas conforme cada audiência.

O segundo grupo – os *desacreditáveis* – diz respeito aos sujeitos possuidores de um estigma, mas que não o aparentam de imediato na interação face-a-face. Neste caso, o receio da descoberta, e o conseqüente desencadear das reações negativas experimentadas pelos desacreditados, limita o trânsito das interações desempenhadas, valendo-se das suposições elaboradas pelos demais indivíduos acerca deles.

A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde. (GOFFMAN, p. 38, 1988)

Os casais swingers, no paralelo aqui traçado, podem ser interpretados como sujeitos desacreditáveis, pois suas práticas estigmatizadas – relacionar-se sexualmente com outras pessoas que não são os cônjuges – permanecem, na maior parte das vezes, em segredo, como forma de autopreservação. As informações sobre o estilo de vida adotado são escolhidas de acordo com o espaço partilhado, seja com familiares, colegas de trabalho ou pessoas alheias ao meio, sob o risco de provocar constrangimentos caso descobertos (BARTELL, 1971; SILVÉRIO, 2014; WEID, 2010).

Como indicou Bianca na entrevista,

Nós somos pessoas discretas também, né? A gente não está em um ambiente com alguém, um restaurante e coloca uma plaquinha lá. Somos pessoas que conseguem viver socialmente sem ter que ficar demonstrando o tempo todo. Quando a gente está com pessoas que não são, a gente se comporta da mesma forma [que eles].

Possuir um estigma ou exercer uma atividade desviante interfere muito no modo de se portar desses atores. E, por conseqüência, a trajetória de vida deles também se modifica. Um informante de Weid (2010) considera que um dos aspectos negativos do swing seria o “não poder defender a sua visão lá fora”. Ao invés de compartilhar suas atividades em outras esferas sociais, os swingers tendem a ocultar-se e permanecer anônimos. A forma como irão gerenciar suas identidades situacionais de swingers será determinada de acordo com o maior ou menor grau de exposição de seus estilos de vida.

É interessante notar que, no caso do swing, a possível acusação de desvio recairia sobre a prática em si e não diretamente sobre os indivíduos adeptos. Como mantêm o seu comportamento em sigilo e não fazem nenhuma demarcação pública em termos de reivindicações sociais ou de uma identidade política, suas identidades individuais permanecem protegidas pelo anonimato. A prática é desviante, mas não indivíduos determinados, pois estes são invisíveis para o restante da sociedade. (WEID, 2010, p. 49).

Estes dados nos remetem, novamente, à leitura de Becker (2009) sobre “carreiras desviantes”. No caso particular do Casal Pimenta, por exemplo, notam-se mudanças significativas na trajetória traçada, desde seu completo anonimato como praticantes de swing na esfera íntima de suas vidas pessoais, ao reconhecimento parcial a partir do trabalho como *promoter* de festas e eventos afins, até a total exposição de suas identidades em programas de televisão. Assumir-se como swingers gerou efeitos significativos para a interação social desses indivíduos nos meios nos quais circulam.

No relato dado à Marília Gabriela no programa conduzido pela jornalista, foram narrados episódios de rejeição ao casal, principalmente por parte dos vizinhos, quando estes descobriram suas práticas sexuais. Familiares e amigos distanciaram-se ou fingiram que nada sabiam. Para Becker, uma etapa fundamental na fundação da carreira desviante é ser exposto e rotulado como *outsider*; aos sujeitos se atribuem um novo status, alterando, conseqüentemente, suas identidades públicas.

Na entrevista a mim concedida, o Casal Pimenta também falou das reações das pessoas quando suas atividades ficaram às claras:

**Ele:** Pessoas jogaram pedra no muro de casa...

**Ela:** Mais questão de vizinhança. Amizades... pessoas que conheciam a gente... Alguns se calaram.

**Ele:** Tem gente que até hoje finge que não aconteceu nada...

**Ela:** Que não sabe de nada...

**Ele:** Não toca no assunto... Mas teve de tudo; teve crítica, teve preconceito, teve o que se absteve de comentário...

**Ela:** É. Teve quem me chamasse de piranha, chamasse ele de gigolô...

**Ele:** É. Cafetão e piranha. [risos] É porque ela nasceu onde a gente mora, né? Então ela nasceu ali, foi da Igreja Católica durante anos, aquela coisa toda. Então a história é que eu apareci na vida dela, botei ela na piranhagem. Então eu sou o cafetão e ela virou piranha. Não faz diferença.”

A trajetória do Casal Pimenta torna-se intrigante se considerarmos os desdobramentos a partir da ‘revelação pública’. Superado o estágio inicial de acusação de desvio, elaborou-se, então, a identidade positivada sobre a qual o Casal se legitima e se sustenta, inclusive financeiramente. O próprio codinome tornou-se marca registrada em termos legais, com todos os direitos autorais reservados.<sup>39</sup> Além disso, a consolidação do Casal Pimenta enquanto porta-voz midiático do swing concedeu-lhes prestígio e reconhecimento. Mesmo a troca de casais permanecendo no âmbito do desvio – uma vez que os adeptos ainda são considerados infratores da “regra tácita da monogamia sexual” – o Casal Pimenta consegue circular de

<sup>39</sup> Segundo o site: <<http://festasdocasalpimenta.blogspot.com.br>>. Acesso em novembro de 2014.

‘maneira vantajosa’ nos mais variados ambientes sociais. Vantagens ora de ordem financeira, ao conseguir espaços onde divulgam seus eventos, ora de ordem moral, a partir do reconhecimento como ‘autoridade’ sobre o assunto.

Quanto aos principais desdobramentos da prática do swing na vida dos casais, grande parte das pesquisas publicadas relata que os adeptos consideram positivos os efeitos gerados pela prática swinger. Os entrevistados por Bartell (1972), Silvério (2014) e Weid (2010) e os questionários de Jenks (1998) e Bergstrand e Williams (2000), por exemplo, sugerem que a adesão ao universo do swing “fortalece o casamento e aumenta a percepção acerca da qualidade do mesmo; aproxima o casal emocional e sexualmente; melhora a vida sexual e aumenta o desejo pelo parceiro; além de propiciar uma comunicação mais aberta e honesta” (SILVÉRIO, 2014, p. 123).

No estudo quantitativo realizado com mais de mil swingers americanos, Bergstrand e Williams (2010) estimaram, a partir dos dados coletados, que 62,6% dos adeptos consideravam que o swing melhorou seus casamentos, 35,6% disseram permanecer sem alterações matrimoniais significativas e apenas 1,7% relatou maior infelicidade. Jenks (1998) apresentou números indicativos de uma satisfação majoritária, tanto de homens (91%) quanto de mulheres (82%), com a prática.

É fundamental frisar que tais informações foram obtidas por meio de questionários distribuídos, em sua maioria pela internet, a casais e solteiros adeptos, ou seja, sujeitos que praticavam do swing no momento da pesquisa. E ainda, a “percepção” positiva dos efeitos do swing na vida a dois é algo subjetivo e de difícil mensuração. Os sentidos atribuídos a cada pergunta podem apresentar variações substanciais entre os cônjuges e, portanto, por mais que os dados contemplem grandes amostras, os resultados devem ser analisados em conjunto com pesquisas aprofundadas.

Desses estudos emerge, então, a ideia de que o swing não é sustentado enquanto o fator central da satisfação conjugal do casal praticante, pois os indivíduos ouvidos narram uma experiência matrimonial anterior considerada estável. Como dito antes, a premissa básica dos adeptos é a de que “o swing não salva casamentos”. Pelo contrário, ele é encarado como atividade a ser experimentada dentro de contextos conjugais “saudáveis”, a fim de torná-los ainda mais satisfatórios (ou protegidos da rotina sexual nociva). Weid (2010) assinala:

[p]ara os meus pesquisados, o swing não surge apenas como uma forma de satisfação de impulsos momentâneos, uma maneira menos arriscada de se consumir o prazer e descartá-lo. Os casais dizem obter com o swing resultados em seus próprios casamentos que associam à esfera do amor e da intimidade. Ver o outro se relacionando e ser visto, participar dessa interação como observador ou ativamente,

traria consequências para a relação a dois no sentido de aumentar a liberdade, a intimidade e melhorar a própria relação sexual do casal.” (WEID, 2010, p. 100)

Parte dessa condição baseia-se no fato de se reconhecer que o swing é vivenciado nas esferas íntimas da vida a dois, influenciando sentimentos como ciúme, insegurança, e na elaboração de desejos e prazeres sexuais. Uma experiência bem-sucedida com a troca de casais é pensada como reforçadora dos laços afetivos e demandaria, com isso, uma interação conjugal previamente construída de maneira a garantir o diálogo entre os parceiros.

Ao considerarem a atividade do swing como complementar, os casais swingers demonstram compartilhar a intenção de cuidar de seus matrimônios. Como aponta Heilborn (2004), a importância dada à flutuação dos humores nos casamentos está inscrita em uma lógica de feminilização da relação, característica dos casais moderno, ou seja, quando os homens aproximam-se “daquilo que consensualmente era definido como feminino no modelo tradicional: trabalho doméstico e investimento emocional na relação” (HEILBORN, p. 117, 2004). Ambos se tornam, na construção ideal igualitária, os responsáveis pela “qualidade” de seus relacionamentos.

Por outro lado, as transformações individuais têm pesos diferentes para os gêneros. Segundo os estudos sobre swing (BARTELL, 1971; WEID, 2010; SILVÉRIO, 2014), são as mulheres as maiores interlocutoras das mudanças positivas vivenciadas a partir da adesão do casal ao universo swinger. Para além das “conquistas no campo conjugal”, as mulheres dizem reconhecer que as consequências da prática afetam também aspectos particulares de suas personalidades, conferindo-lhes maior autoestima, paciência, confiança no parceiro e autonomia. “É como se o swing permitisse a elas ter acesso a uma parte da esfera pública que sempre pertenceu aos homens, ajudando a transformar a sua maneira de lidar com diferentes aspectos da vida” (SILVÉRIO, 2014, p. 125-126).

Desse modo, por meio do swing evidenciam-se as estruturas assimétricas nas quais o exercício da sexualidade, masculina e feminina, está convencionado e nelas se reproduz. A adesão ao swing não afetaria os homens tanto quanto as mulheres, porque a eles já está reservado o lugar da experimentação sexual, desde sua iniciação ao sexo, ainda na juventude (BOZON, 2003). Em contrapartida, “cabe sempre às mulheres resolver as tensões da sexualidade: sua atitude mais frequente é a de tentar estabilizar e regular o desejo dos homens, contendo-o no interior de um relacionamento amoroso ou de um casal” (BOZON, p. 154, 2003). Portanto, enquanto os impactos da elaboração conjunta de uma “nova” maneira de

interagir sexualmente são naturalizados para os homens, as parceiras devem reestruturar a experiência a fim de justificá-la ao enredo matrimonial existente.

Outro desdobramento alcançado com a prática do swing é a formação de redes de amizades entre os adeptos. Além das diferentes experiências sexuais, em Bartell (1971), os casais também ressaltavam o gosto pelos eventos sociais e encontros vespertinos na companhia de outros swingers. Muitos eram os relatos de viagens em grupo, passeios de barco ou almoços em família promovidos entre dois ou mais casais. Neste sentido, abre-se uma esfera nova de sociabilidade com potencial de atuar no fortalecimento do estilo de vida.

As amizades no swing também aparecem como ganho secundário entre os informantes de Weid (2010). Se, no início, os casais buscariam o swing apenas com o objetivo de alcançar prazer sexual, a construção progressiva de uma rede de amigos surge como um efeito inesperado e é suficiente para mantê-los na prática. Entediar-se com o swing pode ser uma das consequências vivenciadas pelo casal praticante há muito tempo. A manutenção das amizades conquistadas ao longo dos anos encoraja-os a continuar frequentando as festas e eventos swingers. Nas palavras da autora:

A imagem que [os entrevistados] tinham antes de aderirem à prática está relacionada a encontros eróticos fortuitos, a aventuras sexuais episódicas, mas em seus discursos o estabelecimento de laços contínuos e o conhecimento de pessoas com interesses em comum é extremamente valorizado. (WEID, 2010, p. 106)

Embora exista uma clara preocupação por parte dos swingers em manter preservados os limites do envolvimento dos parceiros com outros casais – afinal, a exclusividade afetiva é uma das premissas básicas almejada pelos adeptos – o relacionamento amistoso não é negado. Pelo contrário, a construção de redes de amigos neste meio é apontada como uma das consequências positivas relacionadas à adoção do estilo de vida swinger. O caráter coletivo da prática evidencia-se – para além do tipo de interação sexual realizado em eventos temáticos – no apreço dos adeptos em formar laços de convivência fora desses ambientes.

### 3 A QUESTÃO DA PREVENÇÃO NO SWING: CUIDADOS E DESLIZES

No início do Capítulo 2, descrevi como, ao longo dos últimos 40 anos, as pesquisas sobre swing debruçaram-se sobre diferentes focos de análise. Se nas décadas de 1970 e 1980, o objetivo era identificar um perfil sociocultural dos swingers e enumerar as motivações que levaram tais sujeitos a aderirem àquele estilo de vida (*LifeStyle*), nos anos seguintes, realizaram-se estudos qualitativos com a intenção de compreender as visões de mundo dos adeptos, ressaltar as contribuições do swing no entendimento das dinâmicas da conjugalidade moderna e avaliar o quanto a prática reproduziria ou não as assimetrias de gênero a partir das interações promovidas.

Quase todos os trabalhos acadêmicos a que tive acesso, além da descrição do “tipo ideal” de casal adepto e das configurações de um encontro swinger, abordaram diversos tópicos em paralelo: a reinterpretação da infidelidade para os envolvidos (WEID, 2010), a discussão em torno da crescente visibilidade social dos relacionamentos não monogâmicos (RUBIN, 2001), as condições sobre as quais os swingers dizem administrar o ciúme dentro da relação (VISSER; MCDONALD, 2007), etc.

Outros pesquisadores empenharam-se em elaborar uma revisão da literatura produzida até então, corroborando com os resultados obtidos em análises anteriores – sobretudo os sobre cor, classe e idades dos adeptos –, identificando quais seriam as características recorrentes dos swingers e transformando-os em um grupo sexual específico (JENKS, 1998; BERGSTRAND e WILLIAMS, 2000).

Contudo, são raras, dentre o material pesquisado, reflexões que combinem as investigações sobre a troca de casais com a questão da precaução acerca do contágio de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), incluindo a Aids.

No presente capítulo, elaboro algumas considerações a respeito dos comportamentos sexuais dos swinger sob a ótica da prevenção. A partir da interpretação das atividades desempenhadas em contexto de troca de casais sustento o argumento de que existe uma distância prática entre os discursos sobre prevenção produzidos em torno do swing e as condutas observadas em campo e declaradas pelos adeptos.

Em seguida, elaboro duas abordagens que visam colaborar para as reflexões acerca das negociações dos casais swingers quanto ao uso ou desuso de estratégias preventivas durante os encontros promovidos. Tais perspectivas analíticas abrangem elementos como o caráter orgiástico da prática, o desdobramento da confiança entre os participantes e as

justificativas a partir do ‘impulso sexual’ vivenciados pelos adeptos em uma situação de intensas experimentações corporais.

Por fim, pondero os possíveis impactos do advento da Aids no cenário swinger, bem como exploro qual o grau de assimilação das campanhas preventivas pelos adeptos e os desdobramentos de tal compreensão.

### 3.1 Breve histórico

No levantamento realizado para o presente trabalho, não foram encontrados quaisquer estudos nacionais relacionando o comportamento swinger às transmissões de *Chlamydia trachomatis* (clamídia), *Neisseria gonorrhoeae* (gonorreia), *Treponema pallidum* (sífilis), vírus do papiloma humano (HPV), vírus da herpes ou vírus da imunodeficiência humana (HIV) – DSTs mais comuns. Tampouco foram detectadas publicações sobre estratégias preventivas dos adeptos, ou menções às condutas sexuais swingers facilitadoras de contágio. No âmbito internacional, localizei apenas um artigo contemplando tais aspectos (O’BYRNE e WATTS, 2011).

A ausência de publicações sobre o tema em questão torna-se particularmente relevante quando se percebe a recente tendência das pesquisas epidemiológicas internacionais em associar o swing às altas taxas de transmissão de DSTs entre os envolvidos (DUKERS-MUIJRSERS et al., 2010; VAN LIERE et al., 2013; NIEKAMP et al., 2013). Esses estudos concentram-se na Europa e têm como eixo central o argumento em prol da classificação dos swingers enquanto “grupo de risco”, assim como já são reconhecidos os HSH (homens que fazem sexo com homens) e as profissionais do sexo.

O pressuposto dos pesquisadores à frente desta iniciativa é o de que os benefícios alcançados por meio dos programas de prevenção podem ser melhorados a partir da categorização eficaz de indivíduos em risco. Sob esta perspectiva, a avaliação e identificação contínua seriam essenciais, pois direcionariam as campanhas aos indivíduos mais afetados pelas epidemias. Ainda segundo os autores, mesmo a população swinger crescendo em escala mundial, não há qualquer país que a considere potencialmente vulnerável à transmissão de doenças sexuais, excluindo os adeptos dos serviços de Saúde específicos e desconsiderando-os enquanto agentes propagadores de possíveis contaminações em larga escala (DUKERS-MUIJRSERS et al., 2010).



Assim, Dukers-Muijers et al. (2010) publicaram um artigo no qual a proposta de classificação dos swingers é defendida. Com base na análise de um banco de dados construído a partir de 8.965 atendimentos efetuados em clínicas públicas especializadas na assistência às pessoas portadoras de DSTs em South Limburg, Holanda – onde os swingers são identificados de maneira sistemática desde 2007 –, esses autores alegam que os adeptos da troca de casais constituíam uma parcela importante dos pacientes diagnosticados naquela cidade (12%). Além disso, entre os pacientes mais velhos (45-55 anos), o índice de contaminação dos autodeclarados swingers era maior em comparação com os outros pacientes examinados (DUKERS-MUIJERS et al., 2010). Três anos mais tarde, Van Liere et al. (2013) e Niekamp et al. (2013) também publicaram artigos endossando os resultados obtidos nesta pesquisa inicial e reforçaram os argumentos em favor do reconhecimento dos swingers enquanto grupo de risco.

Embora a limitada quantidade de dados avaliados pelos primeiros cientistas holandeses sugerisse uma ligação entre o estilo de vida swinger e a ocorrência de DSTs, a evidência não é suficiente para se compreender como e por que essa relação existe. Quais aspectos do comportamento swinger contribuem para tal resultado? Existiria alguma condição específica da troca de casais favorecendo a contaminação desses pacientes? Na busca pelas respostas, os canadenses Patrick O'Byrne e Jessica Watts (2011) elaboraram uma pesquisa piloto sobre swing e prevenção.

A metodologia aplicada à investigação constituiu-se de duas partes: 1) distribuição entre frequentadores de uma casa de swing em Ottawa, Canadá, do questionário contendo perguntas acerca das características sócio-demográficas do casal adepto, das práticas sexuais que desempenhavam dentro e fora do swing e do comportamento preventivo em relação às DSTs; 2) observação das interações dos swingers nos espaços da boate. Ambas as abordagens foram executadas concomitantemente e em duas ocasiões diferentes. Depois de interpelados a contribuir com a pesquisa respondendo os questionários, os clientes eram informados de que haveria outras pessoas não adeptas do swing observando o local durante o restante da noite.

No total, 101 indivíduos adentraram à casa de swing e 17 deles compareceram nos dois dias de pesquisa. Dentre os frequentadores, 38 homens e 34 mulheres – no total de 72 pessoas – aceitaram participar. Os resultados obtidos pelo *survey* foram: em relação às atividades sexuais (com o parceiro conjugal e com o parceiro no swing), 98,6% dos sujeitos relataram realizar a prática do sexo oral, sendo que 78,9% destes disseram nunca usar

preservativos ao receber a felação ou cunilíngua<sup>40</sup>, 80,3% afirmaram nunca os utilizarem ao executar tais práticas sexuais e apenas 2,8% relataram que sempre usam camisinha.

Os achados foram semelhantes para a prática do sexo vaginal: 98,6% da amostra relataram engajamento nessa forma de atividade, dos quais 39,4% disseram sempre utilizar preservativo; 23,9%, às vezes; 16,9%, normalmente; 15,5% indicaram nunca usar; e 2,8%, a maioria das vezes. O percentual de declarações quanto ao sexo anal foi menor: 54,2%<sup>41</sup>. Entre estes, dos que relataram o uso do preservativo: 30,8% nunca utilizaram; 30,8%, às vezes; 25,6%, sempre; 7,7%, a maioria das vezes; e 5,2%, normalmente.

Os entrevistados também foram questionados sobre os cuidados com a saúde, especificamente em relação às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Em resposta a estas perguntas, 48,6% dos participantes disseram se submeterem a testes de modo regular e 18,1% indicaram haver sido diagnosticados antes com uma DST. Os 13 participantes relataram um total de 18 diagnósticos (três indivíduos tinham tido infecções múltiplas): 4,2%, gonorreia; 6,9%, clamídia; 1,4%, sífilis; 8,3%, HPV; e 4,2%, herpes genital. Não houve manifestação sobre a Aids.

Entretanto, tais estatísticas não devem ser interpretadas de modo isolado. Segundo O'Byrne e Watts (2011), a grande incidência de sexo oral e vaginal entre o swingers analisados – 98% em cada caso – indica a relevância do contato físico na conduta dos indivíduos nesses ambientes. A partir das respostas aos questionários e das observações em campo, os autores afirmam que a maior parte dos frequentadores das casas de swing procura, como princípio, relacionar-se com outras pessoas além de seus companheiros, multiplicando o número de atividades sexuais possíveis em uma mesma noite. Logo, os altos números de interações orais e de penetração vaginal atendem às expectativas iniciais dos atores que se envolvem com a troca de casais, ou seja, ter intercursos sexuais com pessoas variadas. Soma-se a isso o fato de que a estrutura do local onde a festa acontece garante ao casal espaços propícios para os encontros sexuais desse tipo.

Ainda que tais afirmações possam ser asseguradas pela dupla abordagem do estudo realizado, O'Byrne e Watts reconhecem que a falta de publicações nesta área impossibilita

---

<sup>40</sup> Para se referir ao sexo oral, são popularmente usados dois termos latinos: *fellatio*, que significa estímulo sexual do pênis por contato oral e *cunnilingus*, contato oral com o órgão sexual feminino (HEILBORN et al., 2006).

<sup>41</sup> Vale ressaltar que a porcentagem de intercursos anais entre os swingers pesquisados é maior do que os índices registrados em pesquisas internacionais sobre práticas sexuais (HEILBORN et al., 2006) e, portanto, podem se configurar como uma particularidade deste grupo. O alto índice relativo deste tipo de engajamento sexual também é um fator a ser considerado nas reflexões sobre prevenção, já que, sabidamente, esta é a forma mais suscetível de contaminação por DSTs.

uma análise mais detalhada dos motivos capazes de levar os swingers a abandonarem o uso de preservativos durante a maioria das relações sexuais mantidas – ou então de serem, como apontam Dukers-Muijers et al. (2010), mais propensos a adquirirem uma DST após a maturidade.

Uma melhor compreensão do significado e importância dessas escolhas é essencial, especialmente se as informações irão orientar um trabalho de prevenção de DSTs. Sem esses dados, o estado do conhecimento permanecerá como está: uma descrição superficial que indica que swingers em seus quarenta anos são mais propensos do que alguns outros grupos para adquirir DSTs, mas não consegue adicionar qualquer visão que possa informar estratégias para lidar com a situação. (O'BYRNE e WATTS, 2011, p. 92-93, tradução livre)

Outro ponto de destaque nas avaliações finais de O'Byrne e Watts diz respeito a identificação de certos aspectos das condutas sexuais swingers que podem afetar as taxas de ocorrência de doenças sexuais entre adeptos. Com efeito, levando-se em consideração as práticas sexuais relatadas pelos entrevistados – sobretudo os percentuais sobre relações desprotegidas – tornam-se elevadas as probabilidades de transmissão de DSTs.

Os fatores desencadeadores da incidência das infecções sexuais entre os swingers são: 1) distribuição heterogênea de parcerias sexuais; 2) média de parceiros sexuais por pessoa; 3) parcerias sexuais simultâneas; 4) taxas relativamente alta de relações sexuais sem preservativo (variando de 15,5% para sexo vaginal a 80,3% para sexo oral); e 5) baixos níveis de utilização dos serviços de Saúde para prevenção e cuidado em relação a DSTs (menos da metade dos participantes da pesquisa foi submetida a “testes de rotina”, apesar de quase um quinto ter sido anteriormente diagnosticado com uma doença sexualmente transmissível) (O'BYRNE e WATTS, 2011).

Segundo os autores,

pesquisas anteriores já haviam confirmado que esses cinco fatores afetam a transmissão de DSTs a um tal grau que, em alguns casos, eles permitem patologias relativamente não virulentas (no contexto das DSTs) a ultrapassarem sua reprodução limiar e se espalharem por todo grupo de maneira atipicamente rápida. Em tais casos, as infecções que deveriam “morrer” devido aos baixos níveis de infecciosidade não apenas continuam a ser transmitidas, mas aumentam em incidência e prevalência. Esses fatores podem explicar as taxas elevadas de transmissão de DST entre swingers que foram encontrados na pesquisa anterior. (O'BYRNE e WATTS, p. 93, 2011, tradução livre)

O grupo descrito por O'Byrne e Watts assemelha-se ao identificado por Jenks (1998) e Bergstrand e Williams (2000) em estudos quantitativos anteriores sobre o perfil dos swingers. Os participantes da pesquisa são majoritariamente brancos, escolarizados e de classe média e

média alta. As observações de campo narradas também se aproximaram, muitas vezes, das interações apontadas por Weid (2010), Silvério (2014) e por mim, neste trabalho, sugerindo que as representações e práticas analisadas pelos autores são relevantes, e por isso podem auxiliar na interpretação de alguns aspectos do swing.

Ainda que não tenha sido possível, no âmbito desta pesquisa, reproduzir um estudo metodologicamente similar ao de O’Byrne e Watts, os resultados obtidos pelos autores canadenses abrem caminho para análises mais gerais acerca do comportamento dos casais adeptos do swing em relação à prevenção de DSTs e Aids. Nas próximas páginas, pretendo contribuir para o escasso campo dos estudos sobre swing na área da Saúde. A partir do material reunido e da interpretação das falas de meus informantes, é possível agregar alguma reflexão sobre o tema.

### 3.2 Entre discursos e práticas

Quando do início da presente investigação sobre prevenção de DSTs e o universo do swing, observei a existência de um hiato entre a representação da prática do swing enquanto atividade sexual segura – noção esta construída pelos próprios swingers – e o plano de condutas, não tão preventivas como era propalado. Tal incongruência não parece ser fruto de uma manipulação intencional dos praticantes para difundir uma imagem socialmente aceitável do swing e nem uma espécie de “propaganda enganosa” com a finalidade de disfarçar a “verdadeira” e “promíscua” face da troca de casais. Pelo contrário, é possível que a grande maioria dos swingers (inclusive os *promoters* das boates e eventos) de fato conceba a prática do swing enquanto uma fantasia articulada necessariamente sob o princípio do “são, sadio e seguro”<sup>42</sup> e se utilize deste argumento para defendê-la de possíveis acusações morais.

No entanto, tal idealização não impede esses mesmos adeptos de reconhecerem que nem todos os intercursos sexuais ocorridos no swing são realizados com algum tipo de proteção. Em certa medida, os resultados da pesquisa de O’Byrne e Watts (2011) podem servir como um indicativo estatístico desta percepção. Segundo os autores, mais de 80% dos

---

<sup>42</sup> Essas três classificações são recorrente nas descrições das práticas sexuais dissidentes, tal qual o BDSM – Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo – como forma de legitimação e construção de uma identidade positivada (cf. ZILLI, 2007).

swingers entrevistados admitiram não fazer uso de preservativos durante o sexo oral, por exemplo. Em entrevista, o Sr. Pimenta afirmou:

A gente percebe que acontece isso [sexo desprotegido], e até casais que a mulher não gosta de transar com camisinha e o marido permite que a mulher transe com outro cara sem camisinha. Realmente, não existe uma preocupação 100% com a questão de prevenção dentro do meio liberal.

Ao longo da pesquisa, constatei que a camisinha ocupa o lugar central da estrutura argumentativa pró-prevenção dos discursos swingers. Ela é reportada como o principal – ou único – recurso adotado pelos casais quando estes almejam relações sexuais seguras. A centralidade dada aos preservativos nas falas dos informantes e nos meios de divulgação da prática demonstra como a construção social da prevenção, de maneira geral, concentrou-se em essência na distribuição e conscientização do uso da camisinha por parte dos sujeitos sexualmente ativos (PAIVA, 2006). Este tipo de alegação adotada pelos adeptos demonstra o quanto eles foram, de certa forma, positivamente atingidos pelas campanhas preventivas, acentuadas no contexto da Aids.

Em determinado momento, quando indaguei o Casal Pimenta sobre outros métodos preventivos porventura em uso, Bernardo, o Sr. Pimenta, disse:

**Ele:** No swing, não. No swing é sempre com camisinha.

**Pergunta:** Há outro tipo de prevenção sem ser a camisinha?

**Ele:** Olha, eu sei que existe, mas no swing não se usa ou pelo menos 99,9% das pessoas se previnem com a camisinha.

Particularmente entre os empresários ou organizadores das festas temáticas, o caráter indispensável da utilização do preservativo masculino é bem difundido. A pré-dica do sexo seguro está presente em quase todas as vias de acesso do público ao swing e é promovido quase exclusivamente através do aconselhamento do uso da camisinha, embora não tenha sido observado por mim qualquer tipo de informativo sobre prevenção nas boates visitadas.

Seleciono, a seguir, dois exemplos que evidenciam esse tipo de manifestação por parte de quem promove o swing na cidade do Rio de Janeiro:

Na introdução ao livro *Um casal entre nós* (2001), escrito por Marcos Entrenós, empresário do ramo, o autor conta que foi apresentado ao swing em 1995 e desde então esteve envolvido com festas, eventos e encontros com esta temática. O livro compõe-se de uma coletânea de assuntos escolhidos pelo autor como mais importantes em torno do swing, ao longo da experiência acumulada neste universo. Observa-se o empenho em promover a troca

de casais como uma fantasia legítima para os interessados, o que transforma a obra em um manual para iniciantes.

Com uma linguagem simples, capítulos curtos e uma mistura de dicas, conselhos e histórias reais, *Um casal entrenós* cumpre o objetivo de ser claro e acessível. Um capítulo destaca-se em particular, intitulado “A prostituição, o uso da camisinha e a Aids”. Ali, o autor deixa clara sua preocupação com a transmissão da Aids, transformando seu receio diante do vírus no maior emblema de seu argumento pró-camisinha. Veja-se o trecho abaixo:

USO DA CAMISINHA – A princípio, este grupo deveria ser um grupo de pouco risco: todos casados e/ou com relacionamentos firmes, somente transando dentro do grupo. Todavia, todos conhecemos as fraquezas da carne e infelizmente alguns poucos (uma minoria) teimam em transar sem camisinha, tornando a fantasia uma verdadeira roleta russa. Em recente pesquisa, um renomado instituto brasileiro entrevistou 5 mil pessoas e comprovou que o brasileiro usa muito pouco preservativo. Cerca de 79% dos entrevistados não tinham usado camisinha na última relação. Talvez o aspecto atual das pessoas infectadas esteja criando, ainda que no nosso subconsciente, uma espécie de alívio fazendo com que relaxemos quanto ao uso da camisinha. Muitos dos que têm vida sexualmente ativa hoje não presenciaram as terríveis mortes provocadas por este vírus. Nos dias de hoje, o menos descuido pode ser fatal e 5 minutos de prazer não valem uma vida. O monstro ainda não morreu. Todos os dias 6 mil pessoas se infectam no mundo e estudos garantem que nos próximos 15 anos, 70 milhões de pessoas morrerão infetadas pelo vírus. Todo cuidado é pouco, não podemos vacilar, camisinha sempre. (ENTRENÓS, 2011, p. 50-51)

O segundo exemplo refere-se ao conjunto de avisos nos sites especializados, não apenas os que divulgam as boates, mas também os blogs sobre o assunto e as redes sociais de swingers. É comum aparecerem, em algumas sessões dessas páginas virtuais lembretes imperativos do uso da camisinha. Os recortes a seguir, retirados do site de uma casa de swing da cidade do Rio de Janeiro, ilustram bem o teor contundente dos “recados”:



Figura 1 – Detalhe da página inicial do site em questão

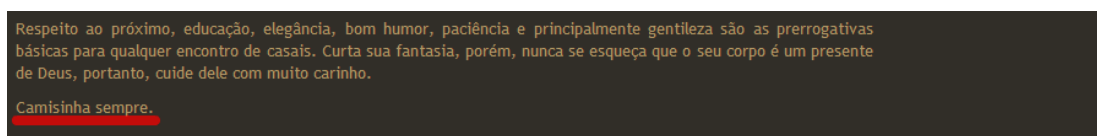


Figura 2 – Detalhe do Manual de Condura do site em questão

A já citada participação do Casal Pimenta no programa televisivo *Gabi quase proibida* também rendeu espaço para os *promoters* falarem de ‘prevenção e swing’. No terceiro bloco da entrevista, a apresentadora Marília Gabriela perguntou sobre saúde e a presença de camisinhas nas festas swingers realizadas por eles. Bernardo logo respondeu que “90% das pessoas se preocupam com isso”, baseando-se em sua experiência pessoal e na de sua esposa, não utilizando qualquer método formal de aferição. Completou o comentário afirmando conhecer pessoas que não usam proteção e que isso depende da escolha de cada um, mas reafirmou o caráter corriqueiro do uso dos preservativos. Outra vez o foco da prevenção recaiu no uso da camisinha.

No final do bloco, o Sr. Pimenta confirmou a necessidade de praticar sexo seguro no swing, mas, por outro lado, destacou que, por se tratar de um ambiente “liberal”, não havia, a seu ver, maneiras viáveis de impor rígidas regras de conduta. A palavra “liberal” desponta na fala de Bernardo como a representação ideal de um espaço menos suscetível às obrigações normativas e, portanto, mais propício a conferir aos que circulam neste lugar, maior senso de autonomia. Este mesmo sentido de “liberdade” aparece nos relatos dos informantes de Weid (2010) e Silvério (2014) e constitui-se em uma das premissas sobre as quais se pretende estruturar o estilo de vida swinger.

Contudo, ao mesmo tempo em que, de certa forma, Bernardo se desresponsabiliza pela saúde de seus clientes, “porque cada um é dono do seu nariz, a festa é feita com gente maior de idade”, ele também reconhece que a “brecha” deixada para os indivíduos decidirem se se previnem ou não, algumas vezes é convertida em relações sexuais desprotegidas.

Este discurso em favor da prevenção não aparece apenas na faceta institucional da troca de casais, apesar de ali estar mais organizado. Ao longo das conversas com o Casal Aleísa e com o Casal Pimenta acerca de suas condutas e concepções pessoais no swing, pude compreender o quanto a ideia de só se relacionar sexualmente com camisinha era valorizada. Alexandre chegou a comentar não haver sequer a possibilidade de estar com outro casal – ou solteiro – sem o uso, por ambos os homens, de preservativo. Eloísa completou, afirmando que nunca concordou em ter relações sexuais com outro homem se ele não estivesse protegido e confessou achar uma “maluquice” quem se engajava sexualmente sem utilizar tal recurso. Assim como a Sra. Pimenta, Eloísa não tomava pílula anticoncepcional, logo, além das infecções, uma gravidez indesejada também era evitada. A certa altura de nosso encontro, o Casal Pimenta contou:

**Ele:** Para a gente não tem risco... porque a gente se cuida, a gente se protege. É só alegria.

**Pergunta:** Então vocês usam camisinha todas as vezes que fazem swing?

**Ele:** Swing, sempre.

**Ela:** 100%.

**Pergunta:** E por que vocês usam?

**Ele:** Primeiro porque ela não toma remédio, então ela não pode engravidar. E segundo, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

**Ela:** Imagina! Eu nunca tive uma doença dessas, eu vou pegar a doença por causa de um momento? De forma alguma, não aceito de jeito nenhum sem a camisinha. Me cuida e a gente não sabe com quem a gente está se relacionando, não sabe se aquela pessoa se cuida. Não estou falando nem de Aids, estou falando de qualquer tipo de doença mesmo.

Então, quando perguntei como eles faziam a aproximação com outros casais para propor o uso da camisinha e se havia alguma espécie de roteiro ou constrangimento, Bernardo respondeu que “na verdade é implícito o uso de. O que existe são pessoas que não querem usar, aí te abordam na questão de não usar. Porque o implícito contrato é com o uso da camisinha. Se for alguma coisa fora disso, aí é que é preciso conversar”.

Os trechos descritos das conversas demonstram que o swing, *a priori*, é representado enquanto uma prática sexual segura, pois a utilização de preservativos masculinos seria generalizada. Apenas no caso de renúncia do uso se faria necessário o estabelecimento de algum tipo de acordo. Quando interpelei o Casal Aleísa com as mesmas perguntas efetuadas ao Casal Pimenta, as reações de Alexandre e Eloísa foram idênticas: nas relações sexuais das quais participam, a camisinha figura como objeto indispensável e a adoção da mesma é previamente subentendida entre os interessados.

Os cuidados, para as mulheres, não acabam apenas na garantia tácita de que o outro irá colocar a camisinha. Eloísa relatou que em diversos momentos preferiu ela própria vestir o preservativo no rapaz com quem pretendia envolver-se a fim de assegurar a maneira correta de uso. E ainda, ao terminar a relação sexual, verificava se não havia ocorrido algum imprevisto como, por exemplo, o rompimento do látex. A partir de uma explicação pessoal de minha outra informante, Bianca, depreende-se que as swingers utilizam algumas estratégias na hora de se certificarem se está tudo certo:

Quer ver uma coisa? Porque assim... eu tomo vários cuidados; eu não vejo só o cara colocar, eu boto a mão. Eu já vi um cara botar a camisinha e a ponta da camisinha estar rasgada. Não adianta nada. Então eu coloco a mão em tudo e vejo que a camisinha está toda ali, que não tem nem um rasgo.

E completa seu raciocínio exemplificando uma situação corriqueira do swing, na qual elas devem redobrar as atenções:



Às vezes o casal está em uma situação com várias pessoas no quarto, aí um cara está transando com ela com a camisinha. Tira de uma, com a mesma camisinha que estava com uma, vai e coloca na outra. [...] Passou o que, de repente, a mulher tem para a outra. Então você tem que dizer: “Opa, tira essa e coloca outra para ficar comigo”. [...] Quarto coletivo, cheio de gente transando, entra mais um, entra mais um. Às vezes a pessoa nem se comunica. Está todo mundo fodendo, vai um e fode com outro e nessa hora é que você tem que prestar mais atenção.

A fala de Bianca aponta para o fato de existir, entre os participantes em situação de swing, diferentes graus de preocupação com a questão preventiva. Por vezes, nas narrativas que ouvi em campo, as mulheres figuram como mais atentas às precauções de saúde do que os parceiros. Tal disparidade sugerida pelos informantes não é exclusiva do universo swinger e estudos sobre comportamento preventivo de indivíduos heterossexuais em contextos variados reportam a mesma assimetria.

Segundo Antunes et al. (2002), Figueiredo (2000), Madureira e Trentini (2008) e Rebello e Gomes (2012), tal divergência quanto à atenção dada ao uso da camisinha é elaborada a partir das diferentes maneiras como os sujeitos são sociabilizados em suas vidas sexuais. A naturalização do papel da mulher na contracepção e a pouca participação masculina na mesma contribuíram para a delimitação de um quadro de responsabilidades desigual entre os parceiros. Além disso, difundiu-se a noção de que, em uma relação sexual heterossexual, as mulheres são mais vulneráveis às transmissões de doenças sexuais do que os homens, demandando delas maior preocupação com as ações desempenhadas por elas do que a demonstrada por seus parceiros.

Assim, o comportamento adotado em ambientes onde ocorrem as trocas de casais se reproduz sob tais configurações, pois torna-se uma consequência do modo como a interação sexual foi anteriormente significada, independente de serem swingers ou não. A adesão ao estilo de vida, a princípio, não parece transformar de modo substancial as noções preestabelecidas de cada gênero sobre cuidados e prevenção de DSTs.

Embora eu tenha ouvido relatos de casos nos quais as mulheres preferiam não fazer uso da camisinha, em geral, quem aparenta causar mais situações de risco são os homens. “Homem não quer fazer com camisinha, pede, insiste”, afirmou Bernardo. Além da ideia de que eles se preocupam menos com a troca das camisinhas ou com o estado físico das mesmas – se estão bem colocadas ou sem danificações –, neste momento surge outro fator relevante para a questão da assimetria da prevenção. Bianca contou que alguns rapazes dizem não conseguir manter uma ereção quando estão com o preservativo. Segundo ela, essa seria uma “desculpa” para defender o pedido de recusa ao uso da camisinha nos intercursos sexuais subsequentes.

Com efeito, a alegação masculina de que a camisinha pode atrapalhar o desempenho é encontrada em outros trabalhos sobre sexualidade. Em diferentes meios de interação sexual, como, por exemplo, a primeira relação sexual de um jovem (ANTUNES et al., 2002) ou um set de filmagem pornô (DÍAZ-BENITEZ, 2010), alguns homens se queixam dos efeitos negativos causados pelo uso do preservativo sobre a ereção pretendida. Apesar de não relacionar diretamente à camisinha, Weid (2010) afirma, em uma parte de seu trabalho sobre a troca de casais, que alguns dos entrevistados lamentavam as situações nas quais, mesmo muito excitados, não puderam dar sequência aos intercursos pretendidos. Percebe-se que garantir a ereção é um pressuposto masculino quando estes se engajam em uma relação sexual. Por isso, rejeitar o uso do preservativo em certas ocasiões pode ser “justificado” pelo homem como uma forma de assegurar a boa *performance* sexual, inclusive no swing.

Nota-se que, até aqui, uma questão importante passou ao largo da discussão. Não há apenas uma maneira de se relacionar sexualmente no swing. Existem diferentes tipos de interações sexuais ocorrendo de forma coordenada ou simultânea, construindo uma variedade de movimentações orientadas pelo regime de regras próprios dos encontros. Logo, aquilo que denomino “intercurso sexual”, “relação sexual” e “engajamento sexual” pode parecer ambíguo. Afinal, os relatos dos informantes dizem respeito a que tipo de atividades: penetração vaginal, penetração anal, sexo oral, masturbação? A camisinha aparece como recurso indispensável em todos esses momentos?

Para continuar pensando sobre discursos e condutas preventivas – ou não preventivas – no universo swinger, acredito ser fundamental a identificação das práticas sexuais exercidas por homens e mulheres durante a *pegação*, pois parto da ideia de que fatores relacionados a cada situação de interação influenciam a percepção e o modo de agir dos participantes da ação (GOFFMAN, 1989). Dessa forma, ressalto uma diferença primordial nos usos dos preservativos masculinos durante as circunstâncias sexuais vivenciadas pelos swingers.

A partir das observações realizadas em campo, da análise das entrevistas e das informações obtidas com a pesquisa de O’Byrne e Watts (2011), é possível afirmar que a grande maioria dos adeptos da troca de casais – sejam homens ou mulheres – não utiliza camisinhas no sexo oral. Como indica a pesquisa piloto citada no início deste capítulo, mais de 80% dos participantes informaram que não empregava o preservativo neste tipo de atividade, enquanto que no índice de relações sexuais com penetração vaginal, as desprotegidas correspondiam a 15% (O’BYRNE e WATTS, 2011).

Sobre este ponto, uma conversa entre Bernardo e Bianca suscitou as seguintes conclusões:

**Ele:** Na verdade, a gente está falando do negócio da camisinha; a gente está falando do negócio da penetração, né? Mas tem o sexo oral, que as pessoas não se previnem. Ela mesma... todos os caras [com] que ela sai, ela faz sexo oral porque ela gosta. Mas ela não faz sexo oral com camisinha.

**Ela:** É. Mas me preocupo sim, se eu estou com uma afta eu não faço.

**Ele:** Mas você não se preocupa com o pirulito dele se está bichado.

**Ela:** Ah, não. Só se estiver com um cheiro ruim.

**Ele:** Entendeu? É uma não proteção. Então dentro do swing, essa coisa do sexo oral, por exemplo, não existe uma preocupação. E rola de a mulher sentar na beira de uma cama e chupar três, quatro caras ao mesmo tempo, está com a boca ali, passa de um para cá, outro para lá, não tá com nenhuma proteção. O homem fazendo sexo oral em uma mulher também e a mulher sem proteção nenhuma. Então nessa parte do sexo oral não existe uma preocupação. São raras as pessoas!

Isto posto, entende-se que as menções dos swingers ao uso sistemático da camisinha dizem respeito preferencialmente aos intercursos envolvendo a penetração. Os riscos de contágio pelo sexo oral são relativizados e a prevenção ora é descartada por completo, ora elaborada por outros meios, como por exemplo, na preocupação com as feridas na boca de quem o pratica, ou através da análise dos aspectos e dos odores advindos dos participantes da *pegação*.

Durante às idas a campo notei que nos espaços coletivos, frequentemente, os casais se relacionam com seus próprios parceiros, predominando a prática do *voyeurismo*, do exibicionismo, o *swing light* e o *soft swing* – configurações onde não ocorrem penetração. Com isso, o uso da camisinha é praticamente inexistente, em parte porque os indivíduos estão se associam com seus próprios pares, em parte porque na masturbação e no sexo oral o preservativo costuma ser ignorado. Porém, pode-se observar, no final de cada noite, um número significativo de pacotes abertos de preservativos masculinos e camisinhas usadas no chão e nas lixeiras das cabines privativas, ambientes onde em geral as trocas de casais “propriamente dita” ocorrem. Isto indica que eles foram utilizados pelo menos por boa parcela dos clientes nas noites visitadas, embora não em todas as atividades desempenhadas ali.

Logo, as negociações acerca do uso do preservativo se produzem de maneiras distintas: o sexo seguro aparece como “implícito” ou “valorizado” quando referido à penetração. As informações sobre ele são divulgadas e as ações que se configuram como propagadoras de riscos, evitadas. E, de fato, há evidências de que grande parte dos frequentadores de um encontro swinger usou o preservativo masculino.

Contudo, se consideradas as interações orais, a utilização da camisinha é, na maioria das vezes, abandonada. Por mais que as recomendações quanto ao uso do preservativo sejam direcionadas às atividades sexuais de maneira geral, a opção dos adeptos pela proteção só ocorre, majoritariamente, nos intercursos com penetração. E mesmo nestas atividades, nem

todos os swinger usam camisinha, ou o fazem da maneira correta. Portanto, evidencia-se que, apesar de existir um discurso enfático sobre o uso da camisinha masculina, esta é sistematicamente “renunciada” nas relações orais e em alguns intercursos com penetração, sustentando as discordâncias entre a representação do swing enquanto prática segura e as experiências desprotegidas vivenciadas por esses sujeitos.

Infelizmente, o fato de ainda existirem poucas publicações sobre o swing e a prevenção de DSTs impossibilita precisar os motivos centrais que levam os adeptos a negligenciarem o uso da camisinha, tanto no sexo oral quanto na penetração. Esta é uma lacuna analítica que poderá ser respondida em futuras pesquisas sobre o tema. Entretanto, no presente trabalho, pretendo elaborar duas abordagens complementares para tratar desta questão.

A primeira diz respeito ao caráter *orgiástico* dos encontros de swing. Nas situações caracterizadas como “surubas” – neste caso, circunstâncias nas quais há o envolvimento de dois ou mais casais em uma mesma interação sexual, podendo também incluir solteiros –, os indivíduos tendem a suprimir os limites pré-racionalizados do que é perigoso ou não. O frenesi e a excitação sexual proporcionam uma momentânea suspensão das fronteiras lógicas entre o “certo” e o “errado” (MAFESSOLI, 1985). O consumo de bebida alcoólica ou a ingestão de drogas também podem provocar os mesmo efeitos nos indivíduos, concomitantes ou não à participação em orgias.

Como descreve Weid (2010), no swing, o sexo grupal exalta os sentidos através da experimentação sexual e produz o uso intenso dos corpos. Os diversos arranjos eróticos criados pelos participantes ao longo de uma *pegação* e as parcerias concomitantes entre vários homens e mulheres aparecem como exemplos desta intensidade promovida pela orgia. A busca por atividades prazerosas é, então, eleita o objetivo crucial da interação e, por consequência, a interrupção do ritmo orgiástico para a colocação ou a troca da camisinha poderia causar a perda do frenesi alcançado. Dessa forma, depreende-se que o preservativo figuraria como um obstáculo na jornada rumo ao almejado deleite sexual intensificado. A não adoção de métodos preventivos caracteriza-se, nesta perspectiva, como um efeito da perda do controle reflexivo em prol da garantia de se vivenciar plenamente as sensações entusiásticas desejadas no sexo grupal.

Sob outro olhar analítico, os estudos a respeito dos comportamentos preventivos de homens e mulheres heterossexuais sexualmente ativos têm levantando reflexões acerca das razões pelas quais os indivíduos deixam de usar estratégias preventivas em suas relações sexuais (ANTUNES et al., 2002; REBELLO e GOMES, 2012; FIGUEIREDO, 2000;

FIGUEIREDO et al., 2006; SILVA, 2002; PAIVA, 2006; MADUREIRA e TRENTINI, 2008). Nessas publicações, o cerne da discussão é, da mesma forma como aparece no argumento swinger pró-prevenção, os usos e desusos da camisinha.

Para tais trabalhos, a tríade “fidelidade/confiança/impulso sexual” é recorrente: ela aparece como a motivação central produzida para justificar a dispensa da utilização dos preservativos masculinos. A primeira categoria, fidelidade, está atrelada à noção de monogamia. Remetida ao contrato da exclusividade sexual conjugal, a fidelidade é assim inaugurada a partir do instante em que o casal se torna “estável”, isto é, promovido de uma situação incerta, de casos corriqueiros, para um momento diferente, no qual se compactua a repetição dos encontros e o desdobramento de alguns novos atributos, como a concretização da rotina compartilhada, o reconhecimento do par enquanto uma unidade destacada em meio a outras teias sociais que o cercam, e a concentração de grande número de trocas entre si (HEILBORN, 1995). Nesse momento de mudança, o homem e a mulher, de modo implícito ou explícito, passam a acreditar que a monogamia afetivo-sexual do outro é suficiente para justificar o descarte da camisinha, pois entendem que não mais correm o risco de contraírem alguma doença (REBELLO e GOMES, 2012; FIGUEIREDO, 2000).

Em seguida, desponta o segundo fator fundamental: a confiança. Em todos os estudos a que tive acesso, tal noção surge como determinante. Mesmo em situações nas quais o sexo não acontece entre pessoas em pares estáveis – como os eventos circunstanciais, casos extraconjugais ou arranjos pagos – a necessidade relativa da prevenção aparece a partir do momento em que o indivíduo confia ou desconfia do seu/sua parceiro/a sexual. Alguns elementos afetam a credibilidade do outro com quem procuram engajar-se sexualmente: a aparência física, o histórico sexual da pessoa pretendida e os riscos que tal ação pode proporcionar para sua vida cotidiana são os principais exemplos de fatores influenciadores na escolha pelo sexo seguro ou desprotegido (PAIVA, 2006).

O terceiro fator da tríade – o impulso sexual – manifesta-se quando nenhum dos outros dois componentes é suficiente para desencorajar o uso da camisinha. Em situações-festa, como o carnaval, por exemplo, ou em um encontro no qual se espera muito e não se quer decepcionar o outro, o preservativo masculino é suspenso, mesmo que os riscos de contaminação ainda sejam percebidos pelos sujeitos (SILVA, 2002; MADUREIRA; TRENTINI, 2008).

Embora o material consultado fale muito particularmente do comportamento de homens e mulheres não swingers, é possível transpor o conhecimento e os resultados obtidos nessas pesquisas para o universo tratado neste trabalho, pois poderia se considerar que as

atitudes quanto ao uso da camisinha entre dois casais em situação de swing são equiparáveis às negociações de dois indivíduos interessados sexualmente um no outro. Em ambos os casos, os indivíduos lançariam mão da referida tríade em suas considerações sobre o sexo seguro, embora no caso dos swingers a noção de fidelidade sexual não se aplique aos membros do casal, mas a outro casal com o qual possa se estabelecer uma relação estável de swing, levando-se em conta as redes de amizades construídas.

A confiança, no swing, é produzida a partir do julgamento de elementos essenciais para a configuração de um engajamento proveitoso na troca sexual. Alguns desses elementos dizem respeito à reputação do casal no meio frequentado – se forem pessoas reconhecidas por um comportamento seguro e responsável durante os encontros, mais confiáveis elas se tornarão aos olhos dos outros swingers (BARTELL, 1971). Outros fatores, referem-se, sobretudo, aos aspectos físicos e odores advindos dos pretendentes. Características que remeteriam a hábitos higiênicos de cuidado com o corpo – principalmente em relação aos órgãos sexuais – são relatadas, nas falas captadas em campo, como informações importantes no momento de considerar os participantes como pessoas saudáveis e, com isso, optar por abandonar o uso do preservativo na relação pretendida.

Neste sentido, categorias como “sujo” e “mal cheiroso” serviram para descrever situações desconfortáveis relatadas pelos informantes. Todos com quem conversei fizeram, enquanto narravam suas estratégias de prevenção, menções dicotômicas referentes a “sujeira” e a “limpeza” dos participantes de uma *pegação*. A identificação dos odores corporais mostrou-se como uma das ponderações centrais no momento em que se negocia o uso ou não uso da camisinha. “Limpo” significa maior grau de confiança enquanto o “sujo”, menor. Dependendo da forma como o swinger interessado julga a aparência e o cheiro exalado do outro, a futura experiência conjunta pode ser até abdicada.

A relação entre higiene e saúde funciona como uma cadeia de implicações necessárias: os indicativos de um corpo sujo remetem ao descuido com o asseio pessoal, que por sua vez podem designar um sujeito doente. O contato direto com a sujeira também provoca certa indignação, como exemplifica Bernardo:

A gente já viu mulheres que na hora, a mulher tira a roupa, com um cheiro desagradável. Quer dizer, a pessoa que vai para um lugar fazer sexo, é uma pessoa que não se cuida, que tem algum problema e que mesmo assim vai, está com um problema e faz o sexo. Ela estando com um problema e as pessoas fazem sexo com ela, aceitando que ela está com um problema (Bernardo)

Esta reflexão não está circunscrita apenas ao ambiente do swing. A aversão aos comportamentos e aos elementos considerados “sujos” é recorrente em diversas esferas de representações sociais, como na religião, por exemplo (DOUGLAS, 1976). Tratando-se de sexualidade, tal desprezo produziu um importante pilar de sustentação do que é considerado um intercuro “normal”. Ou seja, uma prática sexual tende a tornar-se abjeta na medida em que as ações desempenhadas durante as relações sejam consideradas impuras<sup>43</sup> (DÍAZ-BENÍTEZ, 2012).

Constata-se, no swing, um movimento de aproximação da “sacanagem” com o cuidado saudável do corpo e da mente, processo este desencadeado no exercício contemporâneo da sexualidade como um todo (GREGORI, 2010). Em tal contexto, a limpeza torna-se sinônimo de “prazer saudável”, correlacionando de forma definitiva sexo, saúde e normas culturais. Além de constituir-se enquanto modo de esterilização de seres vivos nocivos à saúde humana, a limpeza também significa a aceitação de determinada estrutura social, pois ela – a “coisa limpa” – corresponde a ausência de discordâncias, sejam simbólicas ou práticas (DOUGLAS, 1976). Portanto, a partir do momento em que os swingers evitam potenciais parceiros cujos indícios sensoriais indicam uma conduta não higiênica, eles evidenciam o quão preocupados estão em manter certo ordenamento social pré-estabelecido sobre o que é saudável ou não, construído em termos práticos, mas principalmente morais.

Por último, o impulso sexual funcionaria de maneira similar ao caráter orgiástico já mencionado dos encontros nos ambientes aqui investigados. Porém, é importante ressaltar que a classificação de um ato enquanto “impulso” não está completamente dissociada da percepção crítica, por parte dos envolvidos, dos riscos provenientes das condutas sexuais exercidas de maneira desprotegida. A suspensão temporária da reflexividade desses indivíduos sobre suas ações não os incapacita de pensar as consequências das atividades desempenhadas. Elas são contruídas a partir da expectativa em torno da experiência pretendida e, assim, têm seus sentidos manipulados em prol da produção de um prazer imediato.

Com base nas considerações aqui expostas, compreende-se que os discursos construídos em torno da troca de casais contemplam duas facetas distintas: uma delas se refere à alegação de que o swing é uma prática sexual segura. A outra admite que os encontros realizados entre swingers são suscetíveis à ocorrência de relações desprotegidas. Desse modo, os comportamentos de risco desempenhados pelos swingers devem ser

---

<sup>43</sup> A literatura erótica de Marques de Sade é um grande exemplo de como o trato com elementos sujos durante os atos sexuais podem desencadear reações de ojeriza e animosidade.

assumidos como práticas circunstanciais correspondentes a certos tipos de interações sexuais experimentadas no swing.

### 3.2 Antes e depois da Aids

O advento e a propagação do vírus do HIV no mundo é, sem dúvidas, um importante marco histórico que transformou as relações entre sexualidade e saúde. A partir da década de 1980, a deflagração da epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) – doença decorrente da infecção com o vírus – mudou significativamente tanto as práticas dos indivíduos sexualmente ativos quanto a produção científica a respeito dos comportamentos sexuais de homens e mulheres e os impactos proporcionados (GAGNON, 1998; SÍVORI, 2008; SÍVORI et al., 2013).

O temor frente à rápida disseminação da doença e dos altos índices de óbitos relacionados ao vírus gerou, progressivamente, grande receios acerca de como as pessoas interagiam sexualmente. Campanhas de conscientização visavam advertir sobre quais condutas eram mais propensas ao contágio e que, portanto, deveriam ser evitadas (GAGNON, 1998). De forma complementar, o preservativo masculino concretizou-se como uma das formas mais eficazes de controle da contaminação e, com isso, tornou-se o principal aliado na “guerra contra a Aids” promovida pelos órgãos de saúde locais e internacionais. Como consequência, novas tecnologias em torno da camisinha foram criadas e sua distribuição massificada. O uso do preservativo fora resignificado.

Conforme os anos passavam, a quantidade de pesquisadores interessados em investigar os impactos da disseminação da Aids aumentava. Em diversas áreas do conhecimento, o número de estudos sobre o tema se multiplicou, abrangendo tanto pesquisas acerca dos fatores históricos da epidemia como análises que buscavam compreender as alterações sociais, provocadas pelo surgimento da doença, no exercício da sexualidade cotidiana dos sujeitos em grupos sociais distintos (GAGNON, 1998). Literatura sobre os direitos sexuais de homens e mulheres foi produzida (CITELI, 2005), bem como as análises de políticas públicas para conscientização dos riscos de transmissão do vírus (PAIVA, 2000) e reflexões acerca da representatividade da população gay masculina – maior afetada com a disseminação da doença – nas discussões sobre estratégias de prevenção e cuidados assistenciais (SÍVORI 2009; FERNÁNDEZ-DÁVILA, 2007).



Com o swing não foi diferente. Em 1982, o sociólogo Richard Jenks publicou um artigo no qual apresenta os resultados da pesquisa realizada por ele no ano anterior. A justificativa do autor para a realização de tal estudo baseou-se na premissa de que os swingers constituíam um grupo vulnerável ao contágio do HIV. Mesmo reconhecendo a incidência maior dos diagnósticos na comunidade homossexual masculina, Jenks alertou para o fato de que, entre os heterossexuais e excetuando usuários de drogas injetáveis, os adeptos do swing seriam os mais propensos a ter contato com o vírus. Afinal, por definição, casais swingers são aqueles que buscam trocar de parceiros em encontros orientados por propósitos, a princípio, estritamente sexuais. Sendo assim, a tendência em engajar-se sexualmente com diversos indivíduos potencializaria a exposição à doença. Compreender as visões dos praticantes acerca da Aids era importante para conhecer as transformações no comportamento deste grupo, e em particular, descobrir se a prática foi afetada substancialmente depois do advento da doença.

Segundo o autor, dentre os swingers analisados, o temor quanto à contaminação pelo vírus era baixo – na escala de 1 a 5 elaborada para a pesquisa, os swingers, em média responderam 2. Os adeptos mais preocupados eram aqueles que tinham vivenciado a morte de alguém íntimo em decorrência das complicações ocasionadas pela doença. Jenks afirmou, ainda, que o medo do contágio pelo HIV não foi suficiente para fazer os swingers americanos desistirem da prática – menos de 7% dos entrevistados disseram ter abandonado o estilo de vida por causa da epidemia. Porém, conforme os dados desta mesma pesquisa, mais de 60% dos swingers alegaram mudanças nos hábitos sexuais depois de disseminada a Aids. Os informantes se consideravam, a época, “mais seletivos quanto aos seus parceiros” e começaram a praticar, segundo eles, sexo seguro.

Dezesseis anos depois, Jenks (1998) lançou outro artigo, este com o objetivo de esquematizar os principais traços do perfil sociocultural dos swingers e as características mais recorrentes deste grupo. Dentre os seis problemas mais comuns no swing listados por Jenks, o primeiro dizia – justamente – a respeito do medo dos swingers em relação às doenças sexualmente transmissíveis. Quando perguntados sobre a maior desvantagem de se aderir à troca de casais, 30% dos homens e 10% das mulheres responderam ser a preocupação quanto ao contágio com alguma DST (JENKS, 1998).

Neste trabalho, o autor relata o “surpreendente” resultado da pesquisa de 1982. O anseio considerado ‘baixo’ dos swingers americanos em contrair o vírus do HIV mesmo em um contexto de rápida proliferação de casos confirmados foi diferente do grau esperado por ele. Do ponto de vista de Jenks, os estudos, comparativamente, apontavam para o fato de os swingers só terem começado a reconhecer a gravidade da doença com o passar dos anos,

assim como os indivíduos heterossexuais em geral. Entretanto, a maioria ainda acreditava que a seletividade de seus parceiros e o fato de estarem praticando sexo com proteção diminuía as chances de contraírem Aids e, portanto, garantia a permanência dos indivíduos no swing mesmo quando estes demonstraram estar mais “conscientes” dos riscos de transmissão (JENKS, 1998).

No Brasil inexistem trabalhos sobre os impactos da proliferação do vírus HIV nos grupos de adeptos do swing. Contudo, em entrevista concedida a mim, Bernardo mencionou quais foram as mudanças produzidas pela Aids em sua vida pessoal e na prática da troca de casais em geral, principalmente no que concerne a utilização de camisinha:

**Ele:** Eu sou de uma época que não se usava isso, camisinha era um negócio absurdamente caro, não se falava disso e não se usava. Essa coisa da camisinha para mim, eu comecei a usar com a questão da Aids. Antes da Aids eu também não usava. Até quando apareceu a coisa da Aids, eu fui fazer uma operação, fui fazer o exame de sangue e fiquei apavorado, falei: “Meu Deus do céu, será que eu tenho Aids?”, porque eu já tinha transado com um monte de mulher sem camisinha. Então a partir do evento da Aids é que eu, como a maioria das pessoas da minha faixa etária, comecei a me preocupar com isso. E o que a gente percebe é que, como a coisa foi se acomodando, deixou de se falar: hoje se fala do Ebola, se fala da Gripe Suína, mas não se fala mais da Aids. Então as pessoas hoje, os mais novos, não se preocupam com isso.

**Pergunta:** Vocês percebem isso no swing também?

**Ele:** Percebemos. As pessoas não se preocupam, os mais novos não se preocupam.

Assim como apontam alguns dos estudos sobre conscientização e prevenção do vírus do HIV (ANTUNES et al, 2002; OLIVEIRA et al, 2009; REBELLO e GOMES, 2012), a dificuldade de persuadir um jovem a usar camisinha está, em certa medida, apoiada na difusão de uma ideia de “sobrevida” possível com a doença. Na medida em que avança um processo de certo “abrandamento” da Aids, proporcionando aos portadores da doença uma continuação “normal” de suas vidas, igualmente se produz a imagem – equivocada – de que não há mais perigo em torno do vírus. A diminuição da taxa de óbitos e a desaceleração dos contágios (que ainda persistem em grandes números), gerou uma diminuição no pânico causado pela Aids no início da epidemia, desestimulando a veiculação de notícias ou assuntos relacionados à doença e trazendo uma sensação de “perigo sob controle”.

Estas circunstâncias são, da mesma forma, percebidas por aqueles que já estão a mais de 10 anos no meio swinger:

Eu acredito que isso seja um reflexo também dos que as pessoas fazem muito também fora do meio liberal. Porque se a pessoa não tem essa preocupação ali... Não sei. Eu já ouvi histórias de meninas novinhas que transam sem camisinha. Hoje em dia a AIDS não está mais matando, né? Então acho que relaxou um pouco a preocupação. (Bianca, em entrevista concedida a mim)

Não foi possível localizar dados sobre a ocorrência do vírus do HIV entre swingers. Dukers-Muijers et al (2010), Van Liere et al (2013) e Niekamp et al (2013) relataram casos de contaminação dos adeptos com outras infecções sexuais, como o HPV e clamídia, mas não existem menções acerca da Aids. Todavia, afirmações mais precisas sobre a incidência deste tipo de enfermidade no grupo aqui investigado só podem ser elaboradas a partir de futuras pesquisas que consultem os relatórios das organizações internacionais de saúde ou desbravem alguns dos setores locais de assistência especializado – assim como fizeram os holandeses neste país. Para o presente trabalho, tais estratégias de abordagem não foram adotadas.

Contudo, é possível compreender os impactos da Aids no swing a partir das transformações mais generalizadas promovidas no comportamento sexual de homens e mulheres, em consequência da epidemia. Os adeptos da prática parecem variar suas condutas sexuais conforme alguns dos pressupostos preventivos elaborados fora dos ambientes da troca de casais, representando nestes cenários as condutas observadas em outros grupos sociais. Sendo assim, é possível explicar, por exemplo, a sensação de Bernardo e Bianca quanto à diminuição do uso de camisinha pelos praticantes mais jovens. De fato, estes indivíduos, atualmente, por manifestarem menor preocupação com o vírus do HIV, inclinam-se às atividades desprotegidas, inclusive quando estes intercursos sexuais acontecem por meio de uma troca de parceiros.

Mesmo que a troca de casais seja avaliada enquanto um ambiente favorável a contaminação de DSTs (afinal, durante as *pegações* ocorrem interações desprotegidas tal qual descrito no tópico anterior), o universo swinger demonstra estar, desde o início do alastramento da Aids, propenso a absorver os enunciados pró-prevenção desenvolvidos de forma paralela em diversos setores da sociedade – em especial pelos agentes de saúde. Um dos indícios desta afirmação desdobra-se na maciça promoção dos preservativos nos encontros swingers, seja através dos organizadores seja nas considerações dos próprios praticantes. O discurso pró-camisinha alinha-se às noções de responsabilidade individual e cuidado de si características das representações construídas historicamente em torno da prevenção da Aids e de outras doenças transmitidas sexualmente.

## CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo elencar os principais aspectos que caracterizam os casais heterossexuais modernos praticantes de swing, bem como elucidar fatores que influenciam a negociação desses indivíduos acerca da prevenção de DSTs/Aids. Procurou-se contribuir para o debate no campo dos estudos sobre sexualidade e saúde.

Foi apontado que os diferentes locais onde ocorrem as festas swingers na cidade do Rio de Janeiro atuam de maneira significativa na delimitação do tipo de público frequentador de cada boate. Apesar de a prática ser comumente representada enquanto experiência que abrange indivíduos brancos, mais velhos e de classe média alta, a observação comparada de duas boates diferentes – uma da zona mais privilegiada da cidade e outra de uma região mais afastada dos centros ditos ‘nobres’ – indicou que tal perfil varia conforme cada um dos cenários urbanos onde o swing acontece.

A etnografia das festas swinger confirmou a existência de códigos que orientam o comportamento dos adeptos em uma situação de swing. Essas regras, além de organizar a comunicação entre os presentes, são elaboradas a fim de legitimar a prática diante dos não praticantes. A máxima “onde tudo é permitido e nada é obrigatório” tem a intenção de demarcar uma distância simbólica dos ambientes em que ocorre a troca de casais de situações atribuídas ao imaginário perverso e coercitivo. A representação da casa de swing enquanto um lugar de “putaria”<sup>44</sup> também é relativizada a partir do momento em que se percebe a existência de uma ordenação própria dos encontros.

Quando os roteiros sexuais próprios da experiência swinger são devidamente assimilados, alcança-se o êxito das relações buscadas. Como apontam Simon e Gagnon (1984), o exercício da sexualidade não advém de demandas naturais do corpo ou de precondições do relacionamento entre seres humanos – ele é fruto do aprendizado contínuo de determinadas regras culturais produzidas para definir o que é sexualidade, seja no campo da representação, seja na prática social; tais regras também regulam os modos de operacioná-la.

Com o swing não é diferente. As maneiras de agir nesse ambiente mostram que há regras que devem ser aprendidas e posta em ação durante os eventos. Desde o modelo de roupa utilizado nas festas até a maneira como é feita a aproximação entre os casais, os swingers seguem roteiros que reproduzem certas intenções.

---

<sup>44</sup> Categoria nativa

As interações observadas, assim como os elementos levantados pela bibliografia sobre o comportamento de homens e mulheres em situação de swing, suscitaram reflexões acerca da valorização das relações sexuais entre mulheres e da evitação do contato físico entre homens. De fato, este é um tema sensível na prática do swing. Os homens adeptos parecem estabelecer um nexos entre sexo fisiológico, identidade de gênero, comportamento sexual e orientação sexual, de modo a afastar qualquer possibilidade de encontros com indivíduos do mesmo sexo. As mulheres, por outro lado, demonstram não elaborar tal relação, podendo participar de intercursos bissexuais sem acusações.

Conclui-se, ainda, que as configurações físicas particulares da boate também influenciam no tipo de práticas que acontecem ali. No exemplo do quarto onde só é permitida a entrada de casais e solteiras, a própria casa de swing atua enquanto agente de regulação, excluindo as possibilidades de interação entre homens. De modo paralelo, os preços diferenciados para solteiras e solteiros e a quantidade desigual permitida de cada um desses grupos de indivíduos nos eventos evidenciam como o swing promovido pelas boates assume uma forma assimétrica de interação entre os gêneros, considerando a presença de mulheres como um *bônus* atrativo da noite. Os solteiros, em contrapartida, são limitados em número e nos espaços permitidos de circulação.

Entretanto, pude observar um dado relativamente novo no swing, o qual indica alguma transformação quanto a esta questão. Tanto Bernardo como Alexandre, principais informantes masculinos da pesquisa e adeptos da prática há mais de dez anos, mencionam o fato de, hoje, lhes parecer que um número maior de homens assumem desejos homoeróticos ou curiosidade em se relacionar com outros homens. Alexandre, inclusive, comentou já ter tido tais experiências e garantiu não estar “confuso” quanto à sua orientação sexual, embora poucos amigos do meio tenham conhecimento desta ‘informação’.

Seria incorreto afirmar que o swing atual acolhe a homossexualidade masculina, porque isto de fato não acontece. As relações sexuais e interações sociais entre os clientes observadas na boate fazem parte do extenso arcabouço de discursos e práticas característicos da heteronormatividade vigente, incluindo o preconceito contra as representações não heterossexuais. De minha parte, tendo a admitir que as recentes e progressivas mudanças no modo de enxergar/vivenciar a sexualidade – em especial as referentes à luta pela desestigmatização de homens e mulheres gays – podem afetar também o cenário swinger. Este é, porém, um assunto para pesquisas futuras.

Quando elencados os aspectos centrais dos casais swingers, depreendeu-se que os adeptos assumem a prática enquanto um estilo de vida, cuja característica principal se baseia

na combinação da não monogamia sexual com a monogamia afetiva. Os envolvidos almejam elaborar, em nome do ideário da ‘liberdade sexual’ presente em seus discursos, uma configuração conjugal em que se admite a experiência sexual com terceiros – preferencialmente casais e em ambiente compartilhado – ao mesmo tempo em que a fidelidade emocional entre os pares da díade é mantida. A definição do swing enquanto atividade a ser desempenhada por “verdadeiros” casais indica o quão importante é, para os adeptos da prática, a preservação da conjugalidade entre o homem e a mulher praticantes. Esta talvez seja, como se demonstrou, a maior diferença entre o swing e outras experiências conjugais não exclusivistas, como, por exemplo, o poliamor.

Contudo, a tentativa de desconstrução de um modelo natural de relacionamento amoroso e sexual cobra dos swingers um ônus social: para grande parte dos não iniciados no universo em questão, o estilo de vida é considerado *desviante* e, por isso, quando ‘descoberto’, pode gerar constrangimentos. Sendo assim, os praticantes da troca de casal tendem a não revelar suas atividades. Para a maioria dos frequentadores dos eventos e encontros entre casais, as atividades ali vivenciadas permanecem sob segredo, como garantia da não contaminação de suas identidades sociais pelo estigma do swing. As trajetórias dos adeptos da troca de casais sofrem mudanças substanciais de acordo com a maior ou menor revelação de suas práticas sexuais.

Mesmo relativamente afastados do topo da hierarquia social em que estão classificadas as práticas tidas como “normais”, os swingers não apresentam conflitos quanto à escolha do estilo de vida. Pelo contrário, eles produzem uma racionalidade própria cuja estrutura funda-se no culto ao prazer e em valores característicos do casal igualitário emergido no contexto do individualismo moderno. Deste modo, a ênfase na negociação dos acordos sexuais em conjunto e com o consentimento de ambos os parceiros figura como preceito central.

Ressalta-se, ainda, que a prática tende a ser exercida por casais considerados ‘estáveis’, ou seja, adentrar o universo swinger requereu dos adeptos a pré-condição de constituir-se enquanto um par amoroso não impregnado por conflitos profundos – a maior parte dos swingers considera as atividades desempenhadas como um ‘complemento’ à vida sexual compartilhada.

A iniciação no swing é ponto controverso nas análises sobre o tema. Os principais motivos apresentados para incursão na prática é a quebra da rotina sexual e o desejo masculino em ver sua parceira com outro homem. Porém, o desenrolar dessas motivações implicam tanto a manutenção das relações assimétricas de gênero – uma vez que a iniciativa parte, na maioria das vezes dos homens e os desejos manifestos são masculinos – quanto em

experiências de ressignificação das práticas, processo protagonizado pelas mulheres. Assim, este momento transforma-se em um ponto de partida privilegiado para analisar as ambiguidades presentes na prática do swing. De forma concomitante, a troca de casais reúne elementos característicos das assimetrias e dominações de gênero, assim como também constrói as condições de superação de alguns dessas desigualdades.

Os dois principais desdobramentos do swing para o casal praticante: a melhora na vida conjugal e a construção da rede de amizades com outros adeptos. Por mais que as considerações elaboradas aqui contemplem apenas as mudanças percebidas como positiva pelos swingers, pesquisas futuras sobre o assunto podem suscitar reflexões, a partir do enfoque nas contradições insuperáveis e nos discursos de ex-swingers, acerca de transformações menos idealizadas da prática.

Quanto à questão das práticas exercidas no swing sob o prisma da prevenção de DSTs/Aids, evidenciou-se a existência de uma expressiva lacuna entre os discursos exaltadores da troca de casais enquanto prática sexual segura e as condutas observadas em campo e aquelas relacionadas pela literatura sobre o tema. As diversas falas atestam que os atores em situação de swing tendem a abandonar o uso da camisinha nas relações sexuais orais, ao passo que é maior a presença da mesma nos intercursos com penetração – embora não seja garantida por todos os praticantes. Conclui-se, daí, que os swingers podem ser considerados um grupo social cujas atividades sexuais os tornam suscetíveis ao contágio de doenças sexualmente transmissíveis como o HPV, a gonorreia e a clamídia, já que a contaminação por essas doenças ocorrem por meio de relações sexuais sem barreiras de proteção, sejam as práticas orais ou as de penetração.

Constatou-se, ainda, a existência de diferentes níveis de engajamento preventivo durante um encontro swinger. As mulheres, em sua maioria, são as mais preocupadas com a transmissão de infecções, pois foram elas que relataram estratégias cujo objetivo era garantir o uso correto do preservativo – tanto através da certificação da colocação eficiente quanto ao efetuarem a troca de camisinhas em situação de sexo grupal. Tal aspecto corroborou com noções preestabelecidas de que a parceria feminina figura como maior responsável pelo cuidado do corpo e das relações amorosas em situações de swing.

Sugeri duas abordagens possíveis para se entender o porquê dos adeptos suspendem a utilização do preservativo em seus intercursos sexuais. A primeira envolveu a categoria *orgia*. Através da estimulação desse estado *orgiástico*, os encontros swingers puderam ser interpretados enquanto situações potenciais de frenesi e perda de controle reflexivo. Essas características mostram-se incompatíveis com a reflexividade necessária para impelir os

indivíduos a usar a camisinha nos intercursos sexuais, influenciando-os a abrir mão do preservativo em prol da “entrega total” ao intenso prazer almejado.

A segunda abordagem teve com base os estudos sobre o comportamento preventivo de homens e mulheres heterossexuais. Por meio da transposição da tríade fidelidade/confiança/impulso sexual para o universo swinger, compreende-se que os praticantes podem negociar o uso da camisinha com base em fatores como: a estabilidade das relações de troca com o outro casal; a aparência dos envolvidos; a reputação do casal no meio em que circulam; e os hábitos de higiene do ‘pretendente’. Tais índices permitem conjecturar que os comportamentos de risco mantidos pelos swingers devem ser assumidos enquanto práticas circunstanciais correspondentes a certos tipos de interações sexuais.

Acerca dos possíveis impactos da epidemia da Aids no universo da prática swinger, e compreendendo que o grupo de adeptos demonstrou certa suscetibilidade às campanhas de conscientização sobre a doença, o alastramento da epidemia não gerou desistências quanto ao que foi considerado o ‘estilo de vida’ swinger. Mudanças foram relatadas – maior seletividade dos parceiros e o uso de proteção nas relações sexuais—, porém, os praticantes da troca de casais parecem seguir as mesmas tendências generalizadas sobre a progressiva diminuição do receio de contrair o vírus (principalmente, entre os mais jovens) e a reprodução de alguns comportamentos não seguros observados fora do universo em questão.

Conclui que as negociações dos casais adeptos do swing acerca da prevenção de DSTs/Aids gira em torno, na maioria das vezes, de considerações sobre o uso ou desuso da camisinha, e quase de modo exclusivo nos intercursos sexuais envolvendo penetração. A “apologia” à camisinha no meio swinger diz respeito, preferencialmente, a este tipo de relação, relativizando-se os riscos de contágio por via do sexo oral – para esta prática, as formas detectadas de prevenção restringe-se à percepção dos odores advindos do ‘pretendente’ e dos aspectos físicos daqueles com quem se relaciona.

É patente a existência de um discurso entusiasmado sobre o uso da camisinha masculina no meio swinger, tanto pelos realizadores dos eventos na cidade, como pelos próprios adeptos ouvidos ao longo da pesquisa. Contudo, o preservativo não está presente nas relações por via oral e em parte das relações com penetração. Assim sendo, os acordos a respeito da utilização da proteção se produzem de maneiras distintas: o sexo seguro aparece valorizado quando referido à penetração, mas relativizado – ou até desconsiderado – quando das interações orais.

As considerações aqui expostas fazem parte de interpretações analíticas construídas com base em apenas uma pesquisa realizada com esta temática. Tanto as observações do



campo como as entrevistas concedidas por meus informantes serviram como dados adicionais para auxiliar na sistematização das reflexões propostas. Ao reconhecer que o estudo sobre swing e prevenção ainda é incipiente, pressuponho que as afirmações aqui indicadas podem (e devem) ser confrontadas com trabalhos futuros.

Ainda que aponte as limitações da presente pesquisa, gostaria de registrar um comentário provocativo. Refiro-me à tentativa de classificação dos swingers como grupo de risco. As considerações elaboradas adiante, partem da ideia de que o levantamento das porcentagens iniciais acerca dos comportamentos não preventivos dos adeptos justifica, em certa medida, o anseio de epidemiologistas em rotular os praticantes de swing nesta categoria. Contudo, não posso deixar de apontar os possíveis desdobramentos que este processo, se exitoso, pode ocasionar para os praticantes

A identificação de alguns grupos sociais como população vulnerável foi, no início da epidemia da Aids, importante para o atendimento preferencial dos mais atingidos pela doença e para as tentativas de contenção do vírus. Mas, as implicações sociais deste tipo de estratégia não podem ser desconsideradas, uma vez que em paralelo à classificação de grupo de risco caminharam os processos de estigmatização destas mesmas populações.

Arguo, principalmente, levando em consideração os homens homossexuais dos anos 1980, período no qual o vírus do HIV alastrou-se pelo mundo, afetando-os majoritariamente e elevando-os a ‘grupo de risco’. Ainda hoje, 30 anos depois, os resquícios do estigma da Aids não foram completamente superados por estes sujeitos. Com isso, uma das consequências possíveis de se reconhecer, publicamente, determinado grupo de indivíduos como mais “propenso” a transmitir uma enfermidade sexual – ou mais “vulnerável” ao contato com ela. É justamente este: o de proporcionar o empurrão inicial ao desencadeamento da produção de abjeções sociais capazes de transformar o receio da contaminação de determinada doença em preconceito e violência direcionados aos indivíduos pré-identificados como ‘de risco’.

Sabe-se que há uma proposta de pesquisadores holandeses em transformar o swing em grupo de risco. Há razões para isso: os dados relativos aos atendimentos em clínicas médicas daquele país demonstraram um índice significativo de contaminação de DSTs por parte dos swingers, em especial entre os mais velhos (40-55 anos). A intenção é incluir esses sujeitos na agenda da assistência em saúde preventiva e promover campanhas de conscientização, com o objetivo central de diminuir a incidência dessas doenças entre os adeptos, incentivando a prática de condutas sexuais seguras entre os envolvidos e protegendo outros indivíduos de um possível descontrole epidemiológico.

Todavia, não considero esta a estratégia ideal para conter o problema. Como dito, a classificação enquanto grupo de risco não está imune aos constrangimentos sociais causados pela revelação de uma identidade que remonta perigo e estigma. No caso do swing, em especial, a prática já é considerada desviante pelo fato de promover alterações no *status quo* das relações conjugais monogâmicas, rompendo com a exclusividade sexual marital. Acredito que a sobreposição de marcadores estigmatizantes não vá ajudar no processo de “aceitação” do estilo de vida pelos não praticantes.

Dito isto, considero que os próximos passos em direção ao aprofundamento desta questão podem ser mais bem proveitosos se inspirarem novos estudos de casos, utilizando ferramentas quantitativas e qualitativas para averiguar se, em escalas globais, o contágio de DSTs é recorrente entre os swingers. Como desdobramento possível, seria interessante investigar mais a fundo como as condutas dos swingers se relacionam às noções de prevenção, a fim de precisar os motivos e as condições para o abandono da utilização da camisinha e de outras formas de proteção.

Tendo em vista que os adeptos do swing demonstram estar cientes dos riscos oferecidos pela prática e por isso elaboram suas ações mesclando os códigos swingers com as informações prévias do que é comportamento sexual seguro, acredito que assim como outros grupos sociais, os praticantes da troca de casais agem conforme as circunstâncias nas quais se encontram, ajustando suas condutas preventivas às variantes advindas das situações vivenciadas.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. C. et al. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. *Rev. Saúde Pública*, v. 36, n. 4, pp. 88-95, 2002.
- BARKER, M. This is my partner, and this is my... partner's partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world. *Journal of Constructivist Psychology*, v.18, n.1, p. 75–88, 2005. Disponível em: <<http://oro.open.ac.uk/17268/2/E147B8EB.pdf>>. Acesso em 20/12/2014.
- BARTELL, G. *Amor em grupo*. O testemunho visual de um cientista sobre o amor grupal, o 'american way of swinging'. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.
- BECKER, H. S. *Outsiders*. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1963].
- BERGSTRAND, C. R.; WILLIAMS, J. B. Today's alternative marriage styles: the case of swingers. *Electronic Journal of Human Sexuality*, v. 3, oct. 2000. Disponível em: <<http://www.ejhs.org/volume3/swing/body.htm>>. Acesso em 28/12/2014.
- BÉRTOLO, S. R. *A relevância da prática do swing na conjugalidade de um casal: estudo de caso*. 2009. 86 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, 2009.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2010.
- BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 20, p. 131-156, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332003000100005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332003000100005&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 22/12/2014.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- \_\_\_\_\_; HEILBORN, M. L. As carícias e as palavras, iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris. *Novos Estudos*, Cebrap, n.59, p. 111-135, mar. 2001. Disponível em: <[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/95\\_1640\\_20080627iniciacaoosexual.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/95_1640_20080627iniciacaoosexual.pdf)>. Acesso em: 20/12/2014.
- BRAZ, C. *À meia-luz... uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Goiânia: Editora da UFG, 2012.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

- CARDOSO, D. dos S. *Amando vári@s* – Individualização, redes, ética e poliamor. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2010.
- CITELI, M. T. A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica. Cepesc, 2005.
- DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. *Nas redes do sexo*. Os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- \_\_\_\_\_. Retratos de uma orgia: A efervescência do sexo no pornô. In: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E.; FIGARI, C. (Orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond Universitaria, 2009, p. 566-593.
- \_\_\_\_\_. Sexo com animais como prática extrema no pornô bizarro. *Cad. Pagu*, Campinas, v.38, p. 241-279, jun. 2012.
- DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva. 1976.
- DUARTE, L. B. D. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Orgs.) *Sexualidades e saberes, convenções e fronteira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 39-80.
- \_\_\_\_\_. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, M. L. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 21-30.
- DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1985.
- DUKERS-MUIJRS, N. et al. Older and swinging; need to identify hidden and emerging risk groups at STI clinics. *Sexually transmitted infections*, v. 86, n. 4, p. 315-317, 2010.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 2011.
- ENTRENÓS, M. *Um casal entre nós*. São Paulo: Livro Pronto, 2001.
- FANG, B. Swinging: in retrospecto. *Journal of Sex Research*, v. 12, n. 3, p. 220-237, 1976.
- FERNÁNDEZ-DÁVILA, P. Construcción social de la sexualidad en dos grupos de hombres que tienen sexo con hombres (HSH) de barrios pobres de dos ciudades del Perú, in *Sexualidades: Una serie monográfica sobre sexualidades latinoamericanas y caribeñas*, v.1, 2007.
- FIGUEIREDO, R. et al. Juventude e vulnerabilidade sexual em situações de lazer-festa. *Boletim do Instituto de Saúde*, n. 40, 2006.
- FIGUEIREDO, R. Comportamento preventivo com relação às DST/Aids de estudantes universitários de comunicação social de São Paulo, in *Jornadas Universitárias em Saúde: a história de um projeto*. São Paulo, Cevam/Centro Vergueiro de Atenção à Saúde da Mulher e Produção de Materiais Educativos, 2000.

- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- FRIEDMAN, S. R. et al. Group sex events and HIV/STI risk in an urban network. *Journal of acquired immune deficiency syndromes (1999)*, v. 49, n. 4, 2008.
- GAGNON, J. H. Sex research and sexual conduct in the era of AIDS. *JAIDS: Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes*, v. 1, n. 6, p. 593-601, 1988.
- GIDDENS, A. Goffman: um teórico social sistemático. In: COELHO, M. C. (Org.) *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERj, 2013, p. 285-327.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GREGORI, M. F. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Orgs.) *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- \_\_\_\_\_. Relações de violência e erotismo. *Cad. Pagu*, Campinas, v. 20, p. 87-120, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. 2010. 222 f. Tese (em livre docência) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- HEILBORN, M. L. *Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- \_\_\_\_\_. O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas, in RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T. *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade contemporânea*, p. 91-124, 1995.
- \_\_\_\_\_. Vida a dois: conjugalidade igualitária e identidade sexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, VIII, 1992, Campinas, p. 25-29.
- HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D. R. (Orgs.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- HENSHEL, A. Swinging: A study of decision making in marriage. *American Journal of Sociology*, v. 78, n. 4, p. 885-891, 1973.
- JENKS, R. Fear of AIDS among swingers. *Annals of sex research*, v. 5, n. 4, p. 227-237, 1992.

\_\_\_\_\_. Swinging: a review of the literature. *Archives of Sexual Behavior*, v. 27, n. 5, p. 507-521, 1998.

MADUREIRA, V. S. F.; TRENTINI, M. Da utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/Aids. *Ciênc. Saúde Coletiva*, v. 13, n. 6, pp. 1807-1816, 2008.

MAFFESOLI, M. *A sombra de Dionísio: (contribuição a uma sociologia da orgia)*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MATTA, R. da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

NIEKAMP, A. et al. A sexual affiliation network of swingers, heterosexuals practicing risk behaviours that potentiate the spread of sexually transmitted infections: A two-mode approach. *Social Networks*, v. 35, n. 2, p. 223-236, 2013.

O'BYRNE, P.; WATTS, J. A. Exploring Sexual Networks: A Pilot Study of Swingers' Sexual Behaviour and Health-Care-Seeking Practices. *CJNR (Canadian Journal of Nursing Research)*, v. 43, n. 1, p. 80-97, 2011.

OLIVEIRA, D. C. et al. Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, 2009. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452009000400020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000400020&lng=en&nrm=iso). Acessado em 4 de Jan. 2015.

OREJUELA, J. J.; PIEDRAHITA, J. J.; RENZA, F. La práctica/estilo de vida *swinger*: ¿una práctica social-sexual perversa?. *Sex., Salud y Soc.*, Norteamérica, n. 10, p. 37-69, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/958/2019>>. Acesso em 20/12/2014.

PAIVA, Vera. *Fazendo arte com camisinha*. São Paulo: Summus, 2000.

PARKER, R. G.; CAVALLARI, M. T. M. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1992.

PARTRIDGE, B. *Historia de las orgías*. Buenos Aires: Ediciones B, 2004.

PILÃO, A. *Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero*. Rio de Janeiro: UFRJ /IFCS, 2012a.

\_\_\_\_\_. Poliamoristas: entre o estigma, a superioridade e a igualdade. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 28, 2012, São Paulo. *Anais*. São Paulo. 2012b.

\_\_\_\_\_. Poliamor: uma reflexão sobre identidade e gênero. In: SEMANA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UNESP, X, 2011, Araraquara. *Anais*. São Paulo. 2011.

REBELLO, L. E. F.; GOMES, R. Qual é a sua atitude? Narrativas de homens jovens universitários sobre os cuidados preventivos com a Aids. *Saúde Soc.*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 916-927, 2012.

- RUBIN, G. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cad. Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.
- RUBIN, R. H. Alternative lifestyles revisited, or whatever happened to swingers, group marriages, and communes? *Journal of Family Issues*, v. 22, n. 6, p. 711-726, 2001.
- SALEM, T. O casal igualitário: princípios e impasses. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 3, n. 9, p. 24-37, 1989.
- SILVA, C. G. M. O significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da Aids entre homens casados. *Rev. Saúde Pública*, v. 36, n. 4, pp. 40-49, 2002.
- SILVÉRIO, M. Gênero, sexualidade e swing: a ressignificação de valores através da troca de casais. *Sex., Salud y Soc.*, Norteamérica, n. 18, p. 111-139, set./dez.2014a.
- \_\_\_\_\_. Swing em Portugal: uma interpretação antropológica da troca de casais. *Etnográfica*, v. 18, n. 3, p. 551-574, 2014b.
- SIMON, W.; GAGNON, J. H. Sexual scripts. *Society*, v. 22, n. 1, p. 53-60, nov./ dec. 1984.
- SÍVORI, H. F. GLTTB y otros HSH: Ciencia y política de la identidad sexual en la prevención del sida, in PECHENY, M.; FIGARI, C.; JONES, D. (Orgs.). *Todo sexo es político: Estudios sobre sexualidades en Argentina*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, p. 245-275, 2008.
- \_\_\_\_\_. Identidade sexual e identidade militante: Modelos de representação política nas origens do ativismo GLTTB Argentino. *Cadernos Ceru*, v. 20, p. 293, 2009.
- SÍVORI, H. F.; CARRARA, S. ; RUSSO, J. ; HEILBORN, M. L. ; UZIEL, A. P. ; ZILLI, B. . *Sexuality, Culture and Politics: a South American Reader*. Rio de Janeiro: Cepesc, v. 1, 2013.
- VAN LIERE, G. et al. Standard Symptom-and Sexual History–Based Testing Misses Anorectal Chlamydia trachomatis and Neisseria gonorrhoeae Infections in Swingers and Men Who Have Sex With Men. *Sexually transmitted diseases*, v. 40, n. 4, p. 285-289, 2013.
- VANCE, C.S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-32, 1995.
- VELHO, G. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- \_\_\_\_\_. “Estilo de vida urbano e modernidade”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 227-234, 1995.
- \_\_\_\_\_. “Individualismo, anonimato e violência na metrópole”. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v.6, n.13, p.15-29, jun. 2000.
- \_\_\_\_\_. *Um antropólogo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- VENTURI, G.; GODINHO, T. (Orgs.). *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Edições Sesc SP, 2013.

VISSER, R.; MCDONALD, D. Swings and roundabouts: management of jealousy in heterosexual swinging couples. *Br. J Soc. and Psychol.*, n. 46, p. 459-76, jun. 2007.

WEID, O. von der. Masculino e feminino na prática do swing. *Sex., Salud y Soc.*, Norteamérica, n. 3, p.106-129, dic. 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/43/250>>. Acesso em 20/12/ 2014.

\_\_\_\_\_. “Swing, o adultério consentido”. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 18, n. 3, p.789-810, set./dez. 2010.

WELZER-LANG, D. L'échangisme: une multisexualité commerciale a forte domination masculine. *Sociétés contemporaines*, v.1, n. 41-42, p. 111-131, 2001.

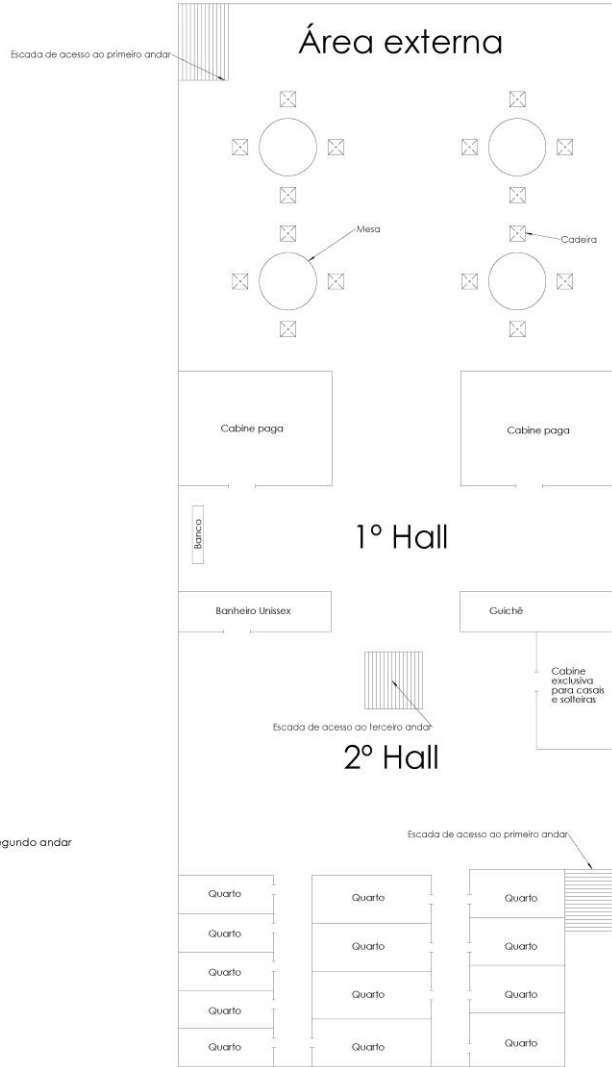
ZILLI, B. D. *A perversão domesticada*: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria. 2007. 95 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.



**ANEXO – Planta baixa da boate pesquisada**



1º Andar



2º Andar